

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES

CARINA MIRELLI DA SILVA

**A TRAJETÓRIA DE MADRE BASILEA SCHLINK: GÊNERO, RELIGIÃO E
AUTORIA FEMININA**

PONTA GROSSA

2016

CARINA MIRELLI DA SILVA

**A TRAJETÓRIA DE MADRE BASILEA SCHLINK: GÊNERO, RELIGIÃO E
AUTORIA FEMININA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: História, Cultura & Identidades. Linha de Pesquisa: Discursos, representações: produção de sentidos).
Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo Benatte.
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Beatriz Polidori Zechlinski.

PONTA GROSSA
2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Silva, Carina Mirelli da Silva
S586 A Trajetória de madre Basilea Schlink:
gênero, religião e autoria feminina/
Carina Mirelli da Silva Silva. Ponta
Grossa, 2016.
136f.

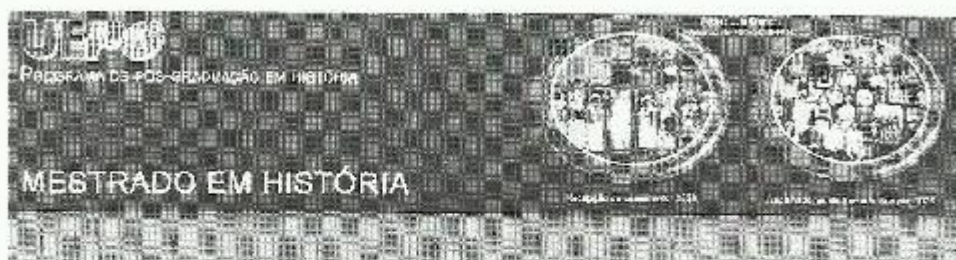
Dissertação (Mestrado em História,
cultura e identidades - Área de
Concentração: História, cultura e
identidades), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo
Benatte.

Coorientadora: Profª Drª Beatriz
Polidori Zechlinski.

1.Autobiografia. 2.Autoria feminina.
3.Gênero. 4.Religião. I.Benatte, Antonio
Paulo. II. Zechlinski, Beatriz Polidori.
III. Universidade Estadual de Ponta
Grossa. Mestrado em História, cultura e
identidades. IV. T.

CDD: 922.2



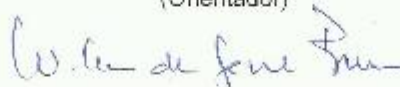
TERMO DE APROVAÇÃO

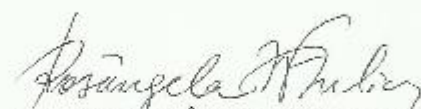
CARINA MIRELLI DIAS

A TRAJETÓRIA DE MADRE BASILEA : GÊNERO , RELIGIÃO E AUTORIA FEMININA.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 24 de agosto de 2016, pela seguinte banca examinadora:


Prof. Dr. ANTÔNIO PAULO BENATTE (UEPG)
(Orientador)


Profª. Drª. WILMA BUENO (UTP)


Profª. Drª. ROSÂNGELA ZULIAN (UEPG)

Ponta Grossa, 24 de agosto de 2016.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos e familiares que, de alguma forma, contribuíram para a realização dessa pesquisa, também agradeço por todos aqueles que torceram e vibraram comigo. Certamente me faltarão nomes, mesmo assim, agradeço especialmente aos que seguem.

À minha amiga Juliane por me apresentar a Irmandade Evangélica de Maria, acreditando ser possível desenvolver uma pesquisa conforme os assuntos de meu interesse, pela amizade e apoio constante.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que proporcionaram aulas de alto nível, que me permitiram pensar além das minhas limitações contribuindo ricamente para a minha formação pessoal e profissional.

Às Irmãs de Maria do Bosque de Jesus, pela gentileza e hospitalidade com que me receberam e por me fornecerem fontes e informações que foram essenciais para a realização dessa pesquisa.

Ao meu querido orientador, Prof^o Dr. Benatte por me apoiar desde o projeto dessa pesquisa, agradeço pelas leituras, sugestões, mas principalmente pela amizade e pelo carinho de sempre, agradeço pela confiança e por ter me ajudado a passar por essa etapa de forma leve e despreocupada.

À Prof^a Dr^a Beatriz, que tão prontamente fez a co-orientação desse trabalho, obrigada por me apresentar áreas de pesquisa tão fascinantes, por todas as leituras, correções, sugestões e conselhos, agradeço também pelos livros emprestados e por sua constante disponibilidade e solidariedade. Seu exemplo é muito valioso para mim.

Aos componentes da Banca de Qualificação, os professores Doutor Nívio de Campos e Doutora Rosângela Woziack Zulian que contribuíram de forma tão gentil e carinhosa com suas leituras e sugestões. Os agradecimentos também seguem à Prof^a Dr^a Wilma de Lara Bueno por compor a Banca de Defesa e da mesma forma dividir seus conhecimentos e assim, muito acrescentar à minha pesquisa e caminhada acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro fundamental para a realização da pesquisa.

Aos meus pais, por tudo o que me ensinaram e por sempre acreditarem em mim, em especial à minha mãe Regina, que se foi antes da conclusão dessa dissertação, meu amor será eterno!

Ao meu primeiro amor, Fábio, pelo apoio e carinho, por sempre estar ao meu lado, comemorando comigo e me fortalecendo nas horas mais difíceis. Agradeço porque recebo todos os dias o melhor de você, te amo!

À Cristo pela sua graça, misericórdia e amor de todos os dias.

"Eu diria à mulher inteligente, molha a pena no sangue do teu coração e insufla nas tuas criações a alma enamorada que te anima. Assim, deixarás como vestígio a ressonância em todos os sentidos."

Narcisa Amália.

RESUMO

O conjunto de livros escritos por Madre Basilea, expressam a trajetória de uma mulher, que utilizou a vida religiosa e a escrita de autoria feminina como ferramentas, para que de forma livre e autônoma pudesse defender suas opiniões e desenvolver seu pensamento crítico. Destacou-se pela fundação de uma Irmandade religiosa de mulheres na Alemanha em 1947, que atualmente conta com sedes em várias partes do mundo. A Irmandade Evangélica de Maria, ramo interdenominacional do Ministério Canaã no Brasil chegou ao Brasil na década de 1980, instalando-se na cidade de Curitiba, em atividade ainda nos dias de hoje. Desde então, trabalha através de gráfica própria, na produção e distribuição de livros de autoria de sua fundadora. Dessa forma, nesse trabalho, apresentaremos aspectos relevantes da trajetória de Madre Basilea, relacionando-os às análises de Gênero, a partir de sua atuação no ambiente religioso e se utilizando de seus escritos como fontes de pesquisa, com destaque para sua autobiografia “Encontrei a chave do coração de Deus”. Portanto, o objetivo dessa pesquisa é através da metodologia de análise bibliográfica da literatura de Madre Basilea, compreender, com base em sua trajetória e em sua escrita, o seu papel como autora feminina. Especificamente tem, também como objetivo, compreender a influência que a literatura tem no cotidiano das Irmãs de Maria, na recepção e na apropriação desse material. Conhecer o processo de produção da literatura no Brasil, através do trabalho das Irmãs de Maria na gráfica, assim como, a construção dos livros como objeto e suas características. Com essa pesquisa, compreendemos que tanto a escrita de autoria feminina, quanto a vida religiosa, contribuíram para que Madre Basilea pudesse construir uma imagem de si mesma e de forma livre e independente escolher os caminhos que trilhou, abrindo mão, portanto, de padrões históricos e sociais impostos às mulheres de sua época.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Autoria feminina; Gênero; Religião.

ABSTRACT

The amount of written book by Mother superior Basilea, can express a woman trajectory, that used a religious life and the female authority written as a tool to have a free opinion and could develop her critical thoughts. She showed off because the Woman Religious sisterhood founded in Germany, 1947; nowadays has several in many parts of the World. The Evangelical Sisterhood of Maria, interdominational way of the Kanaan ministry in Brazil arrived in 1980, in Curitiba and works nowadays. Since then, works with their own graphic, producing and giving their own founded books. We will show some relevant aspects about Mother Superior Basilea, linking Gender analysis, beginning with her work in the Religious area and using her written as a research, pointing her autobiography "I found the key to God's heart". So, the main goal for this research is between methodology and the biographic literature about Sister Superior Basilea, understanding her trajectory and her written, her role as a female author. It has as a goal, understanding the literature influence in Maria's sisters daily routine with this material. Knowing the production process of the literature in Brazil, by Maria's sisters work in graphics, like development of the books as object and characteristics. With this research, we can understand the female written and the religious life and their contribution that Sister Superior Basilea could build a concept about herself, choosing her own way, and giving up of historical and social standards forced to woman in those ages.

KEYWORDS: Autobiography; Female Author; Gender; Religious.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - CASA STEINBERG 1947.	47
FIGURA 2 - CIDADE BOMBARDEADA.	50
FIGURA 3 - MENINAS NA ESTAÇÃO DE TREM.	51
FIGURA 4 - GRUPO DE ESTUDOS BÍBLICO DE MENINAS.	53
FIGURA 5 - DR. KLARA SCHLINK.	54
FIGURA 6 - MADRE MARTYRIA E MADRE BASILEA.	55
FIGURA 7 - FOLHETO EM MEMÓRIA DE MADRE BASILEA.....	58
FIGURA 8 - PLACA HERÁLDICA.....	72
FIGURA 9 - PLACA HERÁLDICA 2.....	72
FIGURA 10 - AUSCHWITZ.	74
FIGURA 11 - IRMÃS DE MARIA.....	78
FIGURA 12 - BANDEIRAS DE ISRAEL.....	84
FIGURA 13 - MEMORIAL DO HOLOCAUSTO.	84
FIGURA 14 - TERRA DE CANAÃ.	90
FIGURA 15 - IRMÃ CONSTRUINDO UMA PAREDE.....	91
FIGURA 16 - IRMÃS CONSTRUINDO A FUNDAÇÃO.	92
FIGURA 17 - IRMÃ QUEBRANDO TIJOLOS.....	92
FIGURA 18 - CONSTRUÇÃO 1952.....	93
FIGURA 19 - O ÔNIBUS AZUL-CLARO.....	94
FIGURA 20 - CAPELA NA ALEMANHA.....	96
FIGURA 21 - TRECHO DE LIVRO.	102
FIGURA 22 - LEGADO ESPIRITUAL.....	103
FIGURA 23 - LEGADO ESPIRITUAL EM QUATRO PARTES.....	103
FIGURA 24 - EXPANSÃO MINISTÉRIO CANAÃ.	104
FIGURA 25 - INÍCIO DO BOSQUE 1.....	106
FIGURA 26 - INÍCIO DO BOSQUE 2.....	106
FIGURA 27 - INÍCIO DO BOSQUE 3.....	107
FIGURA 28 - INÍCIO DO BOSQUE 4.....	107
FIGURA 29 - INÍCIO DO BOSQUE 5.....	108
FIGURA 30 - PLACA HERÁLDICA 3.....	108
FIGURA 31 - ESCULTURA VIA CRUCIS.....	109
FIGURA 32 - MANJEDOURA.	110

FIGURA 33 - GÓLGOTA.....	110
FIGURA 34 - RESSUREIÇÃO.....	111
FIGURA 35 - REPRESENTAÇÃO DO MONTE SINAI.	112
FIGURA 36 - REPRESENTAÇÃO DA FONTE DE JACÓ.....	112
FIGURA 37 - CAPELA: VISTA PARA O BOSQUE.....	114
FIGURA 38 - CAPELA: INTERIOR.....	114
FIGURA 39 - PANORÂMICA DA GRÁFICA.....	116
FIGURA 40 - GUILHOTINA.....	116
FIGURA 41 - IMPRESSORA.....	116
FIGURA 42 - NOVA EDIÇÃO DA AUTOBIOGRAFIA.....	117
FIGURA 43 - ESTOQUE 1.....	118
FIGURA 44 - ESTOQUE 2.....	118
FIGURA 45 - ESTOQUE 3.....	119
FIGURA 46 - ESTOQUE 4.....	119
FIGURA 47 - TRADUÇÃO DE LIVRO EM HEBRAICO 1.....	120
FIGURA 48 - TRADUÇÃO DE LIVRO EM HEBRAICO 2.....	120
FIGURA 49 - TRADUÇÃO DE LIVRO EM POLONÊS.	120
FIGURA 50 - TRADUÇÃO DE LIVRO EM GREGO.	120
FIGURA 51 - LIVROS EM ALEMÃO: JOELA KRÜGER.....	121
FIGURA 52 - LOJA ONLINE CANAÃ NO BRASIL.	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. RELIGIÃO E GÊNERO: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA.....	17
1.1 “SENHORITA PÉ-DE-VENTO”	21
1.2 “UMA BORBOLETA PRESA EM SUA CRISÁLIDA”	38
1.3 “ENCONTRANDO A CHAVE”	49
1.4 DA JOVEM KLARA À MÃE ESPIRITUAL MADRE BASILEA.....	54
1.5 COLOCANDO A CASA EM ORDEM	57
2. VIAGENS QUE APROXIMAM E COMPÕEM.....	62
2.1 COMISSÃO ISRAEL.....	70
2.2 ALCANÇADOS PELO AMOR DIVINO	76
2.3 A NOIVA DE JESUS CRISTO.....	76
2.4 MARIA: O CAMINHO DA MÃE DO SENHOR	79
2.5 O SEGREDO DA ORAÇÃO: EM TODAS AS SITUAÇÕES DA VIDA	80
2.6 ISRAEL: O MEU POVO ESCOLHIDO	81
2.7 LEGADO ESPIRITUAL	85
2.8 REALIDADES	89
3. CANAÃ NO BRASIL: TRABALHO E LEGADO.....	98
3.1 A LEITURA E O LIVRO	98
3.2 A TERRA DE CANAÃ: EXPANSÃO E SIGNIFICADO	104
3.3 OS LIVROS: PRODUZIR E DISTRIBUIR.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
FONTES	129
FONTES PRIMÁRIAS:	129
FONTES SECUNDÁRIAS:	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
ANEXO A – LISTA DA LITERATURA DE MADRE BASILEA	134

INTRODUÇÃO

A história das mulheres é uma temática que sempre aguçou meu interesse, talvez, o fato de crescer rodeada de mulheres que sempre se mostraram fortes e singulares, tais como: minha avó e minha mãe, tenha contribuído para isso. Suas trajetórias são exemplos e ajudaram a formar minha identidade enquanto mulher. Constituir família, ser esposa e mãe, trabalhar fora e se preocupar com “o que os outros vão pensar” são características que as identificavam.

A partir disso, enquanto crescia, a pergunta, “o que é ser mulher?” Sempre esteve em meio aos meus questionamentos. Durante a adolescência experimentei diversos não, “Isso é coisa de menino”, “você não gosta de cor-de-rosa?”, “você gosta de meninos, né!?”, “essa profissão não é para mulher” ou ainda, “tocar guitarra? Não, isso é coisa para menino”. Muitos não foram ignorados, entretanto, outros determinaram escolhas e renúncias. Ao mesmo tempo, percebia que as pessoas estavam condicionadas a colocar rótulos e determinar o que era permitido ou não fazer. Nos exemplos que eu tive, o que eu via eram mulheres impulsionadas pela necessidade ou por um ideal, vivendo, trabalhando e construindo suas histórias.

Recentemente, enquanto escrevia essa dissertação, minha avó e mãe faleceram, e as memórias póstumas sempre nos fazem refletir sobre a vida, suas práticas e significados. No caso de minha avó, em sua trajetória, talvez o que mais teve destaque foi o fato de ter se casado ainda muito jovem, aos quinze anos. Aos trinta anos, a jovem mulher com oito filhos ficou viúva, com muito trabalho e pulso firme, os filhos cresceram e a família ficou florida com genros e netos. Até a sua morte, sua figura era a de uma mulher forte, dura e independente, desde a viuvez, esteve sozinha, não teve outro companheiro além do marido, meu avô. Sua autonomia, sua coragem, hoje me inspiram.

Da mesma forma, a figura da minha mãe, sua história, a construção da nossa família, e o seu papel fundamental nesse processo, me apresentaram à uma imagem da mulher que talvez não seja a idealizada, mas que está muito próxima do que estimo ser. Força e sensibilidade, trabalho e maternidade, coragem e delicadeza, autonomia e matrimônio, palavras talvez com significados considerados distintos, mas que na prática, para mim fizeram e fazem todo o sentido. Vejo nelas, sujeitos que, mesmo se preocupando com os discursos normatizadores de suas épocas, viveram e fizeram o que foi necessário, foram autoras de suas

vidas e agora me fazem pensar sobre a minha vida e de outras mulheres, que talvez como elas, ou totalmente diferente delas, possuam características que as tornam únicas.

Ao tomar conhecimento do Gênero como uma categoria de análise para a pesquisa histórica, através do emblemático texto de Joan Scott (1990), a percepção que tinha da organização da sociedade, e consequentemente dos papéis construídos para determinar as atribuições masculinas e femininas ao longo do tempo, precisaram ser repensadas. Realizei algumas pesquisas sobre o assunto, para a conclusão do curso de Licenciatura em História e percebia uma imensidão de possibilidades a partir dessa janela que se abria. Compreendi que há urgência em repensarmos em nossa sociedade, o papel e a imagem que fazemos das mulheres, assim como, a imagem que elas fazem de si mesmas. Portanto, acredito que, através de pesquisas e debates sobre o assunto, seja possível legitimar novas formas de pensar, ser e agir das mulheres.

Uma mulher, em específico me fez perceber algumas possibilidades de pesquisa e de análise, e a partir de um primeiro contato com a sua história, diversos outros caminhos se abriram para que essa pesquisa pudesse ser pensada e realizada. Ao conhecer o site do “Bosque de Jesus” em Curitiba, por intermédio de uma amiga, tive conhecimento da existência de um grupo religioso de mulheres: a Irmandade Evangélica de Maria. Ramo do Ministério Canaã foi fundada na Alemanha no ano de 1947 por duas jovens, Klara Schlink e Érika Madauss, posteriormente conhecidas respectivamente como, Madre Basilea e Madre Martyria. A atuação do grupo nos dias de hoje é internacional, estabeleceu-se no Brasil na década de 1980. O grupo se auto intitula interdenominacional, pois a Irmandade não possui nenhum vínculo institucional religioso. De berço luterano, as jovens Klara e Érika fundaram a Irmandade de forma independente, baseando-se exclusivamente nos evangelhos bíblicos. Atualmente, Irmãs das mais diversas denominações cristãs compõem o quadro de religiosas da Irmandade.

As primeiras informações de que tive conhecimento, ainda através do site do grupo, me permitiram pensar num projeto de pesquisa que as relacionassem à análise de gênero. Após estabelecer um contato inicial com as Irmãs, por meio de e-mails, fui informada do material literário que a Irmandade tem disponível, sendo, quase a totalidade, de autoria de Madre Basilea, a lista com os nomes dos livros está no anexo A (páginas, 135 e 136).

No dia 25 de abril de 2014 fiz a primeira visita ao “Bosque de Jesus”, como é chamada a sede da Irmandade em Curitiba, o local é aberto à visita, e na ocasião fui recebida pela Irmã Nechama que depois de algumas horas de conversa, me informou sobre o grupo e esclareceu uma série de dúvidas.

Ao retornar para casa, tinha em mãos muitas fontes, minha cabeça fervilhava de ideias, mas não conseguia estabelecer um fio condutor que me permitisse construir uma problemática, para isso, era preciso como afirma Michel de Certeau ao escrever sobre a escrita da história, começar pelo “gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho.” (CERTEAU, 2013, p. 69). O desafio era, portanto, como o autor destaca, transformar os significados das fontes encontradas ao tirá-las de seus lugares, reorganizá-las e ordená-las juntos à uma coleção com vários documentos culturalmente correspondentes.

A trajetória de Madre Basilea tornou-se objeto de estudo, primeiramente por seu importante papel como fundadora e “mãe espiritual” da Irmandade. Sua memória e seu discurso mantém a Irmandade viva, além de dar legitimidade às práticas das mulheres que se identificam enquanto Irmãs de Maria. Para que isso se perpetue, uma importante ferramenta é utilizada pela Irmandade, a literatura espiritual escrita por Madre Basilea, esse foi o segundo ponto a ser considerado. Dessa forma, foi possível estabelecer uma significativa relação entre o estudo de Gênero e a escrita de autoria feminina. Sua história instiga-nos a pensá-la como mulher, religiosa, líder feminina e escritora literária. Relacionam-se, portanto, para a análise de sua trajetória, os Estudos de Gênero, de Religião e de Autoria Feminina.

Minha fonte principal foi o livro intitulado “Encontrei a chave do coração de Deus – Minha história pessoal” escrito em 1976, a autobiografia de Madre Basilea. A obra analisada, foi a edição de 1995, é constituída de trechos do diário pessoal e também de cartas enviadas pela escritora, o livro está dividido em duas partes, nos primeiros treze capítulos, Madre Basilea escreve de forma cronológica sobre a sua infância, adolescência e juventude, aborda temas relacionados ao cotidiano, vida familiar, escola, universidade, trabalho, relações de amor e amizade, mas principalmente, coloca como centro de todos os demais assuntos, sua espiritualidade e aquilo que acreditava ser os desejos de Deus para a sua vida.

Num segundo momento, organizado em onze capítulos, Madre Basilea escreve sobre a formação da Irmandade e descreve alguns momentos importantes da história do grupo. A obra é uma compilação de momentos selecionados pela autora com a intenção de transmitir principalmente às suas “filhas espirituais”, palavras de incentivo e encorajamento para que pudessem seguir firmes na caminhada cristã, mas acima de tudo, na vida como religiosas.

Outros quatorze livros de autoria da Madre também foram utilizados como fonte para a realização dessa pesquisa e serão trabalhados no capítulo dois. Tais livros foram escolhidos por abordarem assuntos centrais para Madre Basilea e para a Irmandade. Tais como: Oração, Israel e seu povo, Maria como exemplo de seguidora de Jesus Cristo, Milagres que o grupo

vivenciou, entre outros. Dessa seleção, nove livros são os que a autora chamou de “Meu Legado Espiritual”, os livros, na realidade, foram escritos como um volume único e atualmente são reproduzidos separadamente pelas Irmãs de Maria em pequenos livretos. A temática principal é a prática da fé, através de estudos devocionais, viagens e experiências em lugares específicos, cânticos e orientações espirituais.

No capítulo um, “Religião e Gênero: uma análise sobre a escrita autobiográfica”, o fio que conduz a narrativa é a descrição de sua trajetória, com base em sua autobiografia. Trechos retirados do texto da autora, ajudam a construir sua imagem, para que o leitor possa conhecer e buscar compreender Klara Schlink e posteriormente, Madre Basilea a partir do que ela escreveu sobre si. Desde a adolescência, até os últimos anos de sua vida, a autora escreveu sobre seus conflitos internos, e nesse momento, a análise de Gênero e de Religião se constituem como elementos fundamentais.

Inicialmente, se faz necessário compreender o papel da biografia como um documento histórico, e, portanto, identificar os desafios encontrados na utilização dessa fonte. Considera-se também, a relação da memória no processo biográfico, bem como, o alcance social e histórico que a biografia possibilita. Ela permite também, que vozes antes silenciadas possam construir suas histórias, a partir de seus pontos de vista e dos contextos sociais e culturais onde estão inseridos.

Um dos pontos mais importantes desse capítulo, é o destaque para os conflitos que constantemente perturbavam Klara. Existe em seus relatos uma angústia referente ao fato de sentir um grande desejo por explorar suas habilidades intelectuais, e em contrapartida, acreditar em um chamado de Deus para sua vida, o que significava para ela, uma decisão de entrega e contemplação. Pensava não haver possibilidades de vivenciar as duas realidades, acreditava ser preciso escolher entre uma coisa, ou outra. Nesse sentido, associamos tal discussão à história das mulheres em relação à intelectualidade e educação, bem como, à conquista de outros direitos. Consequentemente, relacionamos algumas das práticas de Klara às relações de Gênero e Religião, ou seja, a atuação das mulheres nas relações religiosas e na busca por experiências que envolvem a espiritualidade e o Sagrado.

O capítulo também apresenta momentos da vida de Klara que ajudaram a formar sua identidade ao destacar algumas escolhas e atitudes que contribuíram para sua formação intelectual e profissional. Outro fator importante, é o relacionamento de Klara com Érika Madauss, sua amiga e co-fundadora na Irmandade. Os caminhos que as levaram a constituição do grupo de estudos para meninas e consequentemente à fundação da Irmandade em 1947,

com destaque para o contexto político e religioso em que viviam, a Alemanha nazista e a atuação da Igreja Cristã dividida entre “Igreja Confessa” e o “Cristãos Alemães”.

A passagem da jovem Klara para Madre Basilea evidencia a sua nova postura, a de mãe espiritual, a responsável pela formação do grupo. Para que isso ocorresse, Klara precisou sobrepor seus conflitos, assumindo para isso, uma postura mística e independente. Dessa forma, ao longo desse capítulo, é possível perceber a construção de uma personalidade, e consequentemente a postura tomada por ela para que pudesse ser reconhecida como um exemplo de mulher e de espiritualidade. Verifica-se tal ideal, após sua morte, através do folheto sobre o culto realizado em homenagem à Madre, publicado pelas Irmãs de Maria. Alguns relatos, ajudam na compreensão de que, ao longo de sua trajetória, Madre Basilea construiu uma imagem de si, utilizando-se para isso, do contexto religioso e da escrita, ela conseguiu legitimar seu discurso através de seus livros e do seu exemplo de vida, que são ainda hoje, perpetuados pelas Irmãs de Maria e pelo trabalho realizado por elas na reprodução e divulgação dos livros de Madre Basilea.

No capítulo dois “Viagens que aproximam e compõem” o principal objetivo é analisar Madre Basilea em sua atuação como autora. Para isso, é necessário relacionar primeiramente o conceito de autoria, mais especificamente de autoria feminina. A ideia de autoria é baseada nos princípios discutidos por Roger Chartier ao retomar o tema em seu livro “O que é um autor? Revisão de uma genealogia” (2012). Nessa perspectiva, a produção literária de Madre Basilea foi pensada, a partir da função-autor, afinal, todo o sentido produzido em seus livros referem-se à sua identidade e consequentemente a identidade da Irmandade. Como destaca Chartier, a “função-autor” é “a maneira pela qual o texto aponta para essa figura [o autor], que está fora dele e o precede” (CHARTIER, 2012a, p. 38).

No século XVIII, dois foram os argumentos que fundamentaram a ideia de que o autor é proprietário de suas obras. O primeiro, deriva dos ideais de John Locke, que diz ser o homem, proprietário do que produz. O segundo, estava relacionado a originalidade e a singularidade da produção, “o direito inalienável do autor era assim transformado em uma característica essencial do próprio discurso, independente do veículo de transmissão: fosse ele manuscrito, livro impresso ou performance.” (CHARTIER, 2012a, p. 47). Nesse momento, também compreendemos os motivos que levaram Madre Basilea a começar a escrever e como isso ganhou significado, produzindo sentido em sua prática e vida.

Um dos pontos centrais defendidos por Madre Basilea foi a busca por reconciliação e a crença de que os judeus são um povo escolhido por Deus, portanto, destacamos uma das mais importantes viagens, a visita à Israel. Consequentemente, Madre Basilea, escreveu alguns

livros com essa temática, que são ainda hoje, obras muito importantes para a Irmandade. Outras viagens também são descritas e são consideradas como elementos essenciais para a composição de uma série de livros que são considerados importantes transmissores do discurso de Madre Basilea, tais como: Alcançados pelo amor divino, A noiva de Jesus Cristo, Maria: O caminho da mão do Senhor, O segredo da oração: Em todas as situações da vida, Israel: O Meu povo escolhido, Legado Espiritual (em nove volumes) e Realidades.

No capítulo três, “Canaã no Brasil: Trabalho e legado”, destacamos os trabalhos realizados em âmbito nacional, estabelecendo assim uma trajetória da Irmandade no Brasil com ênfase para o trabalho das Irmãs na gráfica em Curitiba.

A Irmandade atualmente possui uma sede no Brasil, no Estado do Paraná localizada na sua capital Curitiba. “O Bosque de Jesus” situado no bairro São Lourenço, dispõe de um belíssimo bosque aberto para visitantes e destinado à oração e meditação. Ao caminhar pelas trilhas, esculturas da paixão de Cristo levam ao ponto central do jardim, a cruz que simboliza “os sofrimentos de Jesus Cristo”. Nesse local vivem três Irmãs que coordenam o Ministério Canaã no Brasil desde março de 1980. O principal trabalho da Irmandade é a reprodução da literatura de Madre Basilea em gráfica própria. Composta por livros, livretos, folhetos, cartões e marcapáginas, o material tem sido traduzido em diversas línguas, já que a Irmandade possui sedes em mais de quinze países. O número de livros passa de cem e sua característica é levar uma mensagem a partir da experiência de vida de Madre Basilea. Essa literatura espiritual aborda desde assuntos práticos do cotidiano, como temas bíblicos, escatológicos, e principalmente de incentivo a uma vida de fé e oração.

Traçamos nesse capítulo, inicialmente, um panorama da história da leitura e do livro com destaque para o contexto brasileiro, o que nos possibilitou perceber de que forma essa cultura passou a se inserir na vida e no cotidiano dos brasileiros. Igualmente, o livro é analisado como um produto constituído a partir de significados que são evidenciados a cada processo de sua produção, para isso, analisamos a produção gráfica das Irmãs no Bosque de Jesus. Relacionada à produção gráfica e produção de nova literatura (que segue o exemplo de Madre Basilea), percebe-se a expansão do grupo para outros países e a divulgação de seus princípios através da evangelização, tendo como material base, os livros de Madre Basilea.

Num segundo momento, a chegada das Irmãs ao Brasil, a instalação da Irmandade em Curitiba e a constituição do Bosque de Jesus são problematizados. O capítulo apresenta um grande número de imagens, que ajudam a compreender os elementos simbólicos produzidos pela Irmandade, estes, que se igualam entre as sedes e que se relacionam ao discurso de

Madre Basilea, ou seja, é possível identificar em cada elemento do espaço, a produção de um sentido, uma significação que conduz o visitante a experienciar momento espirituais.

Nesse capítulo também analisamos a produção do livro enquanto um objeto físico, isso implica desde a sua edição, formatação, publicação, divulgação e sua recepção em meio à comunidade religiosa. Nesse sentido os estudos de Roger Chartier relacionados à história do livro e da leitura serão referenciais, afinal o historiador francês traça em suas publicações a trajetória desse estudo para a historiografia. Preocupado com a ampliação de objetos e abordagens, segundo a proposta da Nova História Cultural, é conhecido por fazer parte da terceira geração da escola dos *Annales*.

Finalmente, a produção e a distribuição dos materiais são analisadas, bem como, a organização do espaço de trabalho: a gráfica. Identificamos o processo de produção, a constituição dos formatos, capas, traduções e reproduções dos livros. O alcance e a recepção do material também são abordados, através de alguns depoimentos de leitores que nos permitem entender a importância do material literário e do trabalho das Irmãs na gráfica. Dessa forma, o legado de Madre Basilea continua produzindo significado e incentivando espiritualmente outras pessoas, através do seu exemplo de vida e de suas experiências.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é através da metodologia de análise bibliográfica da literatura de Madre Basilea compreender com base em sua trajetória e em sua escrita, o seu papel como autora feminina dentro de um contexto religioso e nesse sentido, estabelecer uma análise de gênero. Especificamente, tem também como objetivo compreender o papel que a literatura tem no cotidiano das Irmãs de Maria, portanto a recepção e apropriação desse material. Conhecer o processo de produção da literatura no Brasil através do trabalho das Irmãs de Maria na gráfica, assim como, a construção dos livros como objetos e suas características.

1. RELIGIÃO E GÊNERO: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA

Os relatos mencionados a seguir foram extraídos principalmente da autobiografia “Encontrei a chave do coração de Deus”, seu título original em alemão é *“Wie ich Gott erlebte...Sein Weg mit mir durth”*. A versão que utilizo como fonte é a terceira edição traduzida para o português de 1995 pela editora Betânia S/C de Belo Horizonte MG, com tradução para 19 línguas e 451 páginas. Atualmente a Irmandade lançou uma nova edição, já que o livro estava esgotado. A edição que utilizei foi um presente de uma das Irmãs em visita à Irmandade em Curitiba, sua primeira publicação em português é de 1978.

O livro reúne trechos de seus diários particulares que revelam os desabafos, orações e registros das mais diversas situações por ela enfrentadas ao longo do tempo. Dessa forma, todas as informações sobre sua vida, abordadas nesse trabalho foram escritas através da perspectiva de Madre Basilea, dessa forma, são resultado de uma organização feita pela própria Madre, considerando que ela escolheu escrever e dar sentido a sua própria história. Minha função aqui não é a de contestar verdades, mas de analisar a maneira como suas memórias foram organizadas e escritas, bem como compreender de que forma esse material tem influenciado até os dias atuais, a vida das irmãs de Maria e na organização da própria Irmandade.

De acordo com a trajetória de Madre Basilea, organizada cronologicamente, nesse capítulo relaciono trechos de seu livro que tratam de momentos significativos de sua vida aos conceitos de religião, gênero e autobiografia. Por esse motivo, neste momento é de suma importância a abordagem de questões referentes à memória autobiográfica e ao trato com a fonte.

John Kotre (2013) de forma encantadora compara a memória autobiográfica a um processador de textos, onde

alguns de vocês devem se lembrar do tempo da máquina de escrever. Quando errávamos, empurrávamos o cilindro para o lado, apagávamos o erro (alguns anos depois, usávamos um líquido branco) então datilográvamos em cima do erro. O leitor poderia ver a mudança que tinha sido feita. Hoje quando cometemos um erro em um processador de texto apertamos o *delete* e não o redigitamos. O leitor *não* poderá saber quais as mudanças foram feitas. A memória autobiográfica é como um processador de textos: você pensa que está vendo um registro original, mas não está. (KOTRE, 2013, p. 30).

Portanto, a memória e o ato de organizá-la em uma narrativa, seja ela oral ou escrita, fazem parte de um processo de seleção e esquecimento e ainda, preocupa-se com a produção de um sentido, ou seja, do seu compromisso em dizer algo. As memórias também são

poderosas quando analisadas a partir dos seus significados. Um acontecimento narrado pode ser ou não uma verdade, o que importa para a análise da memória é o que esse fato significa para quem a expressou.

Na memória autobiográfica por mais sincera e verdadeira que a intenção de narrar tenha sido, buscando a maior precisão de detalhes, é preciso que levemos em consideração um fenômeno que Kotre chama de mito pessoal, o qual não se trata de uma falsificação, mas de uma visão pessoal de si mesmo. Dessa forma, a memória autobiográfica atua como uma “protetora de arquivos e uma fundadora de mitos”. (KOTRE, 2013, p. 32).

A biografia é interpretada como um regime de historicidade, que para François Hartog, “abre e circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento.” (HARTOG, 1997, p. 8), ou seja, se relaciona às formas de ser, pensar e agir de determinado tempo, para isso, utiliza-se de exemplos do passado para iluminar os caminhos para o futuro. Desde a Antiguidade a escrita biográfica é utilizada para escrever a história, segundo Benito Bisso Schmidt (2003), essa prática era comum em Cícero e Tucídides ainda entre os séculos IV a. C. a V a. C. e servia como um modelo a ser seguido pelos “homens comuns”, o exemplo de figuras importantes era como uma motivação, que possibilitava ao indivíduo construir um futuro à imagem do biografado.

Durante a Idade Média, as hagiografias tinham um intuito pedagógico, “mais do que apresentar a vida de um homem, essas narrativas edificantes ofereciam modelos de conduta, de virtude, de caridade, de castidade, de fé, etc.” (SCHMIDT, 2003, p. 59). Entre os séculos XIV e XV, tanto a biografia, quanto a autobiografia, influenciadas por um pensamento moderno ampliaram seu alcance e passaram a contar também as histórias de pessoas mais comuns, a exemplo disso, as obras que retratam as vidas de Santo Agostinho e de Rousseau demonstram-nos respectivamente o relato de conversão enquanto a outra, numa tentativa não hipócrita, retrata a realidade e, portanto, os defeitos e as falhas da vida de Rousseau. (SCHMIDT, 2003).

No século XIX, as filosofias positivista e marxista que compreendiam o mundo e a história de forma mais global, caracterizaram um novo regime de historicidade que focava no futuro e deixava de lado a prática de, através de modelos, influenciar o presente. “Paradoxalmente, o século XIX marca o triunfo do eu, do individualismo, da introspecção, que se manifesta das mais variadas formas: nos autorretratos, no gosto pelos diários e memórias, no romance, na autobiografia.” (SCHMIDT, 2003, p. 60). Para a História, vigorou durante esse século o princípio não individualizado de história e consequentemente a

biografia começou a ser entendida como uma forma antiquária, afinal, os historiadores preocupavam-se com uma história coletiva e estrutural.

O século XIX foi marcado pela discussão a respeito do papel do indivíduo na História. Essa, à medida que se constituía como uma disciplina autônoma e com pretensões científicas, acabou menosprezando o estudo de trajetórias individuais, estigmatizando a biografia como um gênero menor, mais próximo do anedótico e do antiquarismo dos amadores. (SCHMIDT, 2003, p. 61).

Essa “negação” à fonte biográfica acontece em um momento de renovação historiográfica que teve início através da atuação de historiadores no século XX, quando March Bloch e Lucien Febvre em 1929 fundaram a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, dando origem à Escola dos *Annales*. Essa nova proposta almejava uma história total do econômico e do social visando a abordagem do coletivo e uma história de longa duração, não apenas isso, mas principalmente desenvolver uma história que fosse analítica e não apenas descritiva.

Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do establishment histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores (BURKE, 1992, p. 13-14).

Em 1980, emerge a necessidade em valorizar, ou retomar uma história-memória. A falta de identidade e do presentismo produzem um interesse maior por assuntos relacionados por exemplo à memória e ao patrimônio. O retorno da biografia na história e na literatura almejava compreender os funcionamentos estruturais da sociedade, da cultura, da religião. A biografia nesse momento, segundo Antoine Prost (1996) ao ser citado por Schmidt, “não é mais apenas aquela dos “grandes” homens: ela busca menos determinar a influência do indivíduo sobre os eventos do que compreender, através dele, a interferência de lógicas e a articulação de redes complementares.” (PROST, 1996 apud SCHMIDT, 2003, p. 64).

A retomada da utilização de biografias no campo historiográfico, como um objeto crítico e passível de análise pensando no seu contexto histórico, permitiu aos historiadores sociais que estavam se voltando para uma abordagem do cotidiano e do coletivo, que compreendessem principalmente o estudo sobre os grupos que permaneceram ou foram silenciados ao longo da história.

Atualmente, a história biográfica ainda enfrenta críticas em relação a sua abordagem. O princípio de história-problema surgida com os *Annales*, defende a análise e a compreensão

acima da mera descrição, entretanto, muitas biografias ainda apresentam características mais tradicionais, tais como, a narração cronológica sem se preocupar com a significação seja do individual ou do coletivo. A narrativa numa obra biográfica é fundamental, entretanto, sem uma problemática não haveria sentido o simples ato de narrar.

Outra crítica está na escolha dos indivíduos a serem biografados, normalmente se escolhem figuras ilustres, “grandes homens”, talvez pela ausência de documentos para se escrever sobre a vida de pessoas comuns, entretanto, alguns historiadores tem conseguido estabelecer obras biográficas importantes sobre indivíduos que se incluem em grupos antes não contemplados, tais como, negros, mulheres, operários, etc. A micro história e a “história vista de baixo” tem sido inspiração para a análise de trajetórias biográficas. (SCHMIDT, 2003).

A ideia de ilusão que a biografia pode provocar, também é criticada, pois ela acaba estabelecendo uma sequência, coerência ou sentido ilusórios. Nas palavras de Pierre Bourdieu,

produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 1996, p. 185).

A realidade é composta de acontecimentos aleatórios, sem causa prevista, portanto, as trajetórias individuais que normalmente preocupam-se em estabelecer uma linearidade, como se a vida fosse, realmente um “percurso orientado” estão incutidas numa produção ilusória, Bourdieu escreve que o fato de não associarmos o indivíduo biografado ao seu contexto e as interferências externas “é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.” (BOURDIEU, 1996, p. 189-190).

Assim, nessa pesquisa, através da análise da trajetória de Klara Schlink, procuramos compreender os diversos aspectos que interferiram e, portanto, ajudaram a constituir a figura da Madre Basilea, bem como, os significados dessa trajetória, de sua superfície social e de sua personalidade para a produção da obra literária e na formação da Irmandade Evangélica de Maria, ressaltando o fato de sua influência se fazer presente mesmo após a sua morte.

1.1 “SENHORITA PÉ-DE-VENTO”¹

“Como eu gostaria de ser boa, mas é tão difícil às vezes. Eu vou tentar mais ainda, de agora em diante, e vou sinceramente pedir a Deus que me ajude e me mostre o que devo fazer. Eu não consigo sozinha. Sou muito má. (22 de junho de 1918). ” (SCHLINK, 1995, p. 11).

A “garota má” que aos treze anos de idade escreve essas palavras chama-se Klara Schlink, jovem essa que anos depois tornar-se-ia uma mulher admirada e exemplo para um grupo religioso de jovens meninas. Com o subtítulo “Quase sempre muito feliz”, a autobiografia aborda inicialmente a sua infância e adolescência entre os anos de 1904 e 1920 em Brunswick uma cidade do centro-norte da Alemanha. Nascida em Darmstadt no Estado de Hessen, cidade localizada ao sul de Frankfurt em 21 de outubro de 1904, Klara residiu por muitos anos em Brunswick devido ao trabalho de seu pai como professor de engenharia. Morando com seus pais e seu irmão mais velho, suas lembranças desse tempo são de uma menina travessa que liderava o grupo de crianças nas brincadeiras de rua. Sua família sempre se interessou por assuntos intelectuais já que seu pai foi um respeitado professor, o que certamente a influenciou significativamente. Sua família era luterana apesar de pouco frequentarem a igreja.

Considerava-se alegre por temperamento, mas ao mesmo tempo tímida e cheia de temores, fascinada por música e dança aos quinze anos Klara entrou para uma escola de dança e lá encontrou um possível primeiro amor, que segundo escreve, foi duramente reprimido por si mesma, pois acreditava que nesse jovem jamais encontraria reciprocidade. Ao sair da escola após perder o interesse pela dança, ela entrou para as aulas de confirmação², e é nesse momento que conflitos relacionados à sua espiritualidade começam a surgir. Boa parte desses conflitos são transcritos como desabafos em seu diário, compondo sua autobiografia e aparecendo constantemente. Tais inquietações a acompanharam durante toda a sua vida, e foram fundamentais nas suas decisões como mulher.

No início de seu livro ela escreve que teve pouca instrução espiritual de sua família e que eles não conheciam a Jesus, entretanto, faz menção sobre os conselhos que sua mãe lhe dava, principalmente para ter cuidado com o seu temperamento e suas atitudes. Ela já demonstrava ter o desejo de desenvolver a sua espiritualidade, porém para que isso fosse possível, acreditava que precisava ser uma pessoa melhor.

¹ Faz menção ao apelido dado à Klara Schlink pelo seu pai. (SCHLINK, 1995, p. 11).

² A confirmação representa uma continuação do batismo que é feito ainda quando bebê. O adolescente passa por um período de dois anos tendo aulas preparando-se para esse momento onde irá declarar durante um culto a sua fé diante de Deus e da comunidade. Isso acontece no âmbito da Igreja Luterana.

A ênfase no intelecto, a capacidade de julgar e o senso crítico que herdara dos meus antepassados foram despertados quando comecei a frequentar estas aulas aos dezesseis anos de idade. Naquela época eu não sabia o quanto sofreria ainda por causa do meu intelecto, nem suspeitava da armadilha para o pecado que existe em uma natureza de senso crítico altamente desenvolvido. (SCHLINK, 1995, p. 13-14).

Quando Klara escreve sobre seu interesse pelos assuntos intelectuais, suas sentenças estão sempre acompanhadas de censuras e proibições, como se não pertencesse a ela o papel de pensar e de criticar. Michelle Perrot (2015), historiadora estudiosa da história das mulheres e, portanto, dos silêncios existentes na história em relação à atuação delas nas mais diversas áreas, escreve sobre a situação em que elas estiveram durante longos séculos. Foi apenas no final do século XIX que as mulheres conquistaram alguns direitos como à educação de nível básico e superior.

A irrupção de uma presença e de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, ‘esqueceu’ as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas tivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento. (PERROT, 2005, p. 9).

A educação feminina, na França do século XVII foi tema de muitos debates, já que a premissa de que as mulheres não tinham capacidade de desenvolver um raciocínio intelectual em nível igual ao pensamento masculino se desfazia com a presença das mulheres nos salões literários, debatendo e articulando assuntos importantes, bem como, o crescimento das escolas femininas dentro dos conventos. Não podendo mais ignorar esse fato, a educação feminina foi defendida por alguns, porém ficando determinado que tal preparação seria limitada, pois o princípio de fragilidade natural das mulheres ainda era real.

Em oposição a esse controle, alguns escritores, tais como,

Charles Perrault, Gilles Ménage, Jean de La Fontaine, Jean- Regnault Segrain e François Poullain de La Barre, que escreveram obras nas quais mostravam a relação positiva que poderia haver entre as mulheres e a intelectualidade. (ZECHLINSKI, 2012, p. 154).

Além de escritores, algumas religiosas que atuavam ensinando as meninas também demonstraram apoiar a ideia de que as mulheres eram desenvolvidas intelectualmente e, portanto, eram capazes de estudar ramos do conhecimento que nesse momento não estavam disponíveis a elas. Beatriz Polidori Zechlinski cita o seguinte exemplo,

O caso do Monastério de Port-Royal, no qual Jacqueline Pascal (1625-1661) uma das religiosas que atuavam como educadoras na instituição, desenvolveu em meados do século um método de ensino feminino voltado à racionalidade e a atuação das mulheres na esfera pública. (ZECHLINSKI, 2012, p. 154-155).

Na segunda década do século XVII, Fleury, Fénelon, Madame de Lambert e Poullain de La Barre publicaram trabalhos que acentuaram a discussão sobre o acesso à educação para as meninas. Algumas propostas visavam permitir às mulheres os estudos sobre “lógica, física, retórica, grego, latim, italiano, espanhol e história da França” (ZECHLINSKI, 2012, p. 156), mas tal projeto, tanto quanto audacioso não foi aceito como o esperado, o que determinou realmente a forma como a educação feminina era concebida, foi a organização do ensino pelas religiosas, como caridade ou pensionato de acordo com a condição financeira da jovem. Dessa forma, “as publicações que tratavam desse tema no final do século objetivavam enquadrar o movimento nos padrões considerados adequados ao papel social das mulheres e impedir que o ensino feminino tomasse rumos indesejados.” (ZECHLINSKI, 2012, p. 156).

Esse momento é marcado também, sobretudo pelas Reformas religiosas e o consequente surgimento de várias abadias, conventos e mosteiros, além do surgimento de novas ordens religiosas.

As Reformas religiosas se iniciaram num momento em que a aristocracia sentia necessidade de reaproximar-se da fé. No início do século XVI essa necessidade corroborou para que os aristocratas apoiassem financeiramente a criação de novas ordens religiosas, tanto masculinas, como a Companhia de Jesus e a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, quanto femininas, como a Ordem de Santa Úrsula. No princípio do século XVII surgiram ainda outras ordens, como a Ordem da Visitação. Essas ordens correspondiam às demandas da aristocracia, que preferia entregar os seus filhos e filhas para instituições que pudesse controlar mais de perto. (ZECHLINSKI, 2012, p. 157).

No âmbito protestante, a reforma religiosa no início do século XVI, a partir dos escritos de Lutero no livro *De votis monasticis* (1521), anulou os votos monásticos, por acreditar serem opostos ao que orienta o apóstolo Paulo no livro de Romanos 14: 23. As comunidades protestantes, semelhantes às ordens católicas-romanas começaram a emergir novamente durante o século XIX, segundo informações do pastor luterano e historiador Martin Dreher, disponíveis no Portal Luteranos.

A Inglaterra anglicana experimentou um reavivamento da vida religiosa com o surgimento de inúmeros mosteiros masculinos e femininos. Posteriormente, a Alemanha protestante vai vivenciar o surgimento das Ordens de Diaconisas. No século XX surgirão na Alemanha e na Escandinávia, aqui principalmente devido ao empenho de Nathan Soderblom, o pai do movimento ecumênico, diversas ordens (Ordem de Birgita, Ordo Crucis, Oratório Teológico, Irmandade de Ansgar). Mas foi principalmente a catástrofe da II Guerra Mundial que levou ao surgimento de ordens nas quais foram assumidos os Conselhos Evangélicos da Igreja Antiga. A caracterização desse movimento com a designação de ordens evangélicas ou de ordens protestantes é dúbia, pois não aspiram nem à vida monacal nem à vida conventual. O que buscam é uma nova forma de apostolado em um mundo dominado pela técnica da máquina e do trabalho em indústrias. Esse aspecto faz com que se aproximem mais dos institutos seculares da Igreja Católica Romana ou de seus Irmãozinhos de Jesus. Na França e na Suíça adotam a designação *Communauté*, na Inglaterra e no mundo de fala inglesa denominam-se de *Community*. A mais importante dessas comunidades é a *Communauté de Taizé-les-Cluny*, na Borgúndia,

fundada em 1947 por seu atual Prior, Roger Schutz. Nos Alpes italianos encontramos a *Comunità Di Ágape*, proveniente de tradição valdense. Na Alemanha, na localidade de Darmstadt, surgiu a Irmandade de Maria, que tem como objetivo expiar ativamente os horrores praticados pelos alemães em relação ao povo de Israel. (DREHER, 1986).³

Ainda, sobre as práticas desempenhadas pelas jovens dentro dos conventos e monastérios, especificamente no de Port-Royal, a leitura e a escrita eram cotidianas, as hagiografias, ensinavam pelo exemplo. A conduta exemplar da vida de devoção dos santos e santas e do próprio Jesus Cristo eram modelos para suas vidas. As leituras coletivas e as conversas entre professoras e alunas sobre os livros lidos, geravam discussões que se pareciam muito com o formato dos debates nos salões literários. O objetivo nesses casos, era a compreensão da leitura e a aplicabilidade à vida.

Mesmo existindo o rigor esperados de instituições religiosas, Jacqueline de Pascal, segundo o que escreve Zechlinski, a “simples obediência, a aceitação dos preceitos oferecidos e a repetição eram suplantadas pela ideia de que a aluna deveria fazer por ela própria uma reflexão; deveria ler e questionar até obter a completa compreensão do texto.” (ZECHLINSKI, 2012, p. 165), essa postura visava não afastar as meninas dos caminhos religiosos pela pressão e rigidez, além de que, a boa conduta cristã era o principal objetivo, e não a formação de intelectuais.

Apenas no século XX a história começou a ser pensada na perspectiva das mulheres e assim também passou a ser escrita para e por mulheres. Através da revolução historiográfica com a escola dos *Annales*, novas fontes e objetos surgiram para a história.

Em síntese, não há como negar a contribuição da corrente historiográfica dos *Annales* para a história das mulheres, com seu “alargamento progressivo do campo histórico às práticas quotidianas, aos comportamentos vulgares, às ‘mentalidades’ comuns” mesmo que “as relações entre os sexos não [tenham sido] a preocupação prioritária de uma corrente interessada sobretudo nas conjunturas econômicas e nas categorias sociais” mas que, no entanto, lhe deu atenção favorável”, acabando por criar condições intelectuais propícias à incorporação da mulher como sujeito histórico. (GONÇALVES, 2015, p. 55).

Entretanto, o interesse efetivo pela história das mulheres ainda não estava presente, ele se iniciou apenas na década de 1960 no contexto inglês e posteriormente no francês. Para que isso acontecesse, Perrot (2015) nos apresenta três características, são elas; fatores científicos, políticos e sociológicos.

No aspecto científico, a contribuição mais significativa foi no campo da antropologia, quando pesquisadores se voltaram para estudos relacionados à família, utilizando métodos demográficos, destacando assim o papel da mulher, da criança e do jovem. A partir de então,

³ Artigo disponível no site <http://www.luteranos.com.br/conteudo/vida-religiosa-consagrada-no-protestantismo-brasileiro>. Acessado em 22/05/2016.

percebe-se a inexistência de uma história que questionasse tais sujeitos. Georges Duby se destaca como um dos mais importantes historiadores a elaborar uma análise nesse sentido, ao estudar o casamento feudal na obra *Le chevalier, la femme et le prêtre. Le mariage dans la France féodale*, de 1981. Desse momento em diante, outros historiadores elaboram pesquisas dentro de um campo ainda não estudado e que passou a ser chamado de Nova História ou terceira geração dos *Annales*.

Dessa forma, o que muda é a maneira como as mulheres são compreendidas e não o seu lugar ou situação na sociedade. O que começa a ser alterada é a noção do sujeito universal que ao utilizar a palavra homem tornava homogênea uma pluralidade de indivíduos como as mulheres, homens negros, indígenas, enfim, era caracterizado pelo homem branco ocidental. Um novo campo historiográfico intitulado História das Mulheres, que posteriormente resultou nos Estudos de Gênero, surgiu com o apoio de outras disciplinas das ciências sociais por volta da década de 1970 no Brasil, e busca espaço ainda nos dias de hoje.

No que tange ao aspecto político, a crítica estava em contestar um modelo de pensamento e de saberes masculinos, visto que nas décadas de 1970 e 1980 desejava-se uma nova história, surgida de novos relatos, com espaço para a ação feminina, e ainda segundo Raquel Soihet (2007),

a fragmentação de uma ideia universal de ‘mulheres’ por classe, raça, etnia, geração e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (SOIHET, 2007, p. 287).

Sobre as mulheres no aspecto sociológico, destacam-se os espaços educacionais, quando em 1970 as mulheres apresentam um número significativo de matrículas nas universidades, bem como se destacavam na função de professoras, o que demonstrava uma renovação nos espaços antes masculinos. De forma geral, há a inserção das mulheres em ambientes do espaço público, os lugares de estudo e trabalho antes dominados e destinados aos homens.

A falta de fontes históricas determinava outro agravante na constituição de uma história das mulheres. Primeiramente pela invisibilidade das mulheres nos relatos e documentos dos acontecimentos considerados históricos, como se elas não estivessem participando da história. Outro fator é a seleção e destruição de vestígios, ou seja, as mulheres produziam vestígios, entretanto, por não terem notoriedade, em algumas situações elas mesmas os destruíam, afinal, a função produtora pertencia ao homem. Cartas, diários e autobiografias caracterizavam as produções das mulheres em âmbito privado, retratando dessa

forma, seu lugar na sociedade. Mas de que serviriam vestígios sobre o privado? Qual o valor de relatos individuais e femininos?

Vejamos Aristóteles ou o pensador da dualidade dos gêneros. De todos os filósofos gregos, e diferentemente de Platão, ele é quem estabelece de maneira mais radical a superioridade masculina. As mulheres não são apenas diferentes: modelagem inacabada, homem incompleto, falta-lhes alguma coisa, são defeituosas. A frieza da mulher se põe ao calor do homem. Ela é noturna, ele é solar. Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sopro, o *pneuma*, e por sua semente. Na geração, a mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo. O pensamento de Aristóteles modela por muito tempo o pensamento da diferença entre os sexos, sendo retomado com modulações pela medicina de Galieno. E na Idade Média, pelo teólogo Tomás de Aquino. (PERROT, 2015, p. 23).

Para alguns religiosos e filósofos o papel ideal da mulher se justifica nos relatos bíblicos da figura de Eva que, por não se sujeitar ao seu marido Adão, foi a responsável pelo pecado de desobediência a Deus, punindo assim toda a humanidade, dessa forma, a ela cabia o silêncio e a sujeição. Já Thomas Walter Laqueur destaca que ainda no século XVIII, os órgãos sexuais e suas diferenças apresentavam uma hierarquia que caracterizava a mulher na condição de “homem menos perfeito” (2001, p. 189), entretanto, as ideias de Galeno e de Aristóteles de que os órgãos da mulher eram inferiores aos dos homens foram substituídas pelo que defendeu o antropólogo Moreau, pois para ele, “a mulher é mulher”. Nessa nova perspectiva,

os órgãos que tinham nomes associativos – ovários e testículos – passaram a ser distinguidos em termos linguísticos. Os que não tinham nome específico – como a vagina – passaram a ter. As estruturas que eram consideradas comuns ao homem e à mulher – o esqueleto e o sistema nervoso – foram diferenciadas de modo que correspondessem ao homem e à mulher culturais. Quando o próprio corpo natural tornou-se o padrão de ouro do discurso social, o corpo da mulher tornou-se o campo de batalha para redefinir a relação social antiga, íntima e fundamental entre o homem e a mulher. (LAQUEUR, 2001, p. 189-190).

Mesmo enquanto a sociedade seguia com a mentalidade de que as mulheres eram incompletas ou inferiores, algumas poucas mulheres destacaram-se em espaços considerados masculinos, Cristina de Pizán (1365-?) Foi um importante nome em Veneza, escreveu e publicou livros e conseguiu sustentar sua família com a sua produção, já que ficou viúva com apenas vinte e cinco anos. Escreveu romances que eram encomendados pelas esposas dos príncipes além de manuais didáticos e biografias como a do rei Carlos V, a quem teve contato por intermédio de seu pai que era médico do rei. Isso permitiu que Cristina frequentasse a escola, algo incomum para a época. Com formação humanista e tendo Platão como seu filósofo preferido, encontramos em sua formação os ideais de liberdade e de autonomia, isso a fez pensar na necessidade de o conhecimento estar disponível às meninas assim como estava aos meninos. Reconhecida como a

primeira escritora profissional de literatura francesa que reivindica o “estudo” como um espaço íntimo (e isto constitui uma novidade no século XV, já que a partir deste momento haverá uma câmara separada do resto das dependências das residências aristocráticas para poder retirar-se) e como lugar de criação literária e instrução pessoal. Assim, Cristina de Pizán iniciou a reivindicação do “EU” literário de um ponto de vista feminino em um momento em que a palavra “autoria” só se referia ao autor masculino. (SOUZA, 2013, p. 23-24).

Nessa época em que escreve, a ideia de autoria não importava, afinal os escritos eram reproduzidos por copistas e, portanto, reinterpretados, o valor estava na obra e não no seu autor. Ela, porém, deu nome à sua produção e com isso autoridade aos seus escritos e, mais do que isso, deu “voz feminina à autoria” (SOUZA, 2013, p. 24).

Foi reconhecida nos espaços masculinos pelos seus principais escritos como “*A Cidade das Damas*” e “*O Tesouro da Cidade das Damas*” que respectivamente criticava a autoridade masculina e conseqüentemente a criação de tradições. Em um modelo de manual didático reivindicava espaços destinados às mulheres principalmente no que diz respeito à educação.

Publicou textos que entravam no debate literário e político da época, a “querela das mulheres” onde dizia que as diferenças entre os homens e as mulheres eram de ordem social.

A “Querela das mulheres”, de origem intelectual, se tornou uma discussão acerca da condição feminina e passou a ter lugar nos círculos eruditos da Europa moderna, tendo como “aporte os quadros sociais característicos do humanismo, Reforma e Contrarreforma e passou a ser simultaneamente agente e fruto das mudanças do período”. Tal debate foi considerado pela historiadora Joan Kelly como um tipo de feminismo germinal, no sentido original do termo e que tem como principais características a oposição da dialética, a misoginia com base na ideia de gênero – de forma muito semelhante ao conceito atual – e a possibilidade de universalização da questão que se baseia numa concepção geral da humanidade, questionando a ideia universal de humanistas, na qual não se incluía o sexo feminino. (SOUZA, 2013, p. 30-31).

Nesse contexto, é também destaque o movimento intitulado “Ordem da Rosa” de 1402, que agia em defesa da honra das mulheres. A atuação de Cristina nesse grupo a lançou definitivamente no espaço literário e assim veio a influenciar outras escritoras como Marie de Gournay que escreveu “*Da igualdade entre homens e mulheres*” e “*O pesar do Feminino*” em 1626 e Marie Jeanne Riccoboni de Lambert que escreveu “*A história de Miss Jenny*” em 1765.

Assim, Cristina não só foi precursora na autoria feminina como também é conhecida como protofeminista ao relacionar oposição, dialética e principalmente a misoginia, segundo apresenta Daniele de Souza, a partir da leitura de Joan Kelly. (SOUZA, 2013, p. 41). Seu trabalho tinha como foco central,

O esforço em defender e demonstrar as virtudes femininas e a inovação em perceber a mulher como protagonista de sua própria história, o que abriu caminho para uma discussão que ao mesmo tempo defende uma mulher preparada para sobreviver sem

a figura masculina de um pai ou marido, mas que também argumenta que cada um dos sexos tem papéis específicos e complementares segundo a criação divina. (SOUZA, 2013, p. 40-41).

Entre o século XVII, algumas características do pensamento medieval ainda se mantiveram através das questões apontadas por Aristóteles, o que contribuiu para a permanência de uma sociedade misógina. Portanto, o que imperava era um pensamento teológico no qual reforçava o princípio de que o homem naturalmente possui as características ativas e representava a perfeição, enquanto a mulher seria passiva e imperfeita. No pensamento aristotélico a mulher era, inclusive, fruto de uma formação incompleta. Tais afirmações foram objeto de estudos científicos e médicos do período. Segundo Laqueur (2001), a concepção do ser, é mais importante e determinante para a formação das diferenças sexuais do que as questões sociais e históricas. (ZECHLINSKI, 2012).

Segundo Zechlinski,

o século XVII é considerado a época “clássica” da literatura francesa e, de acordo com Alain Viala, isso não é por acaso. Conforme o autor, foi nesse período que tomaram forma as bases sociais e mentais para que a literatura se constituísse no campo cultural como um domínio distinto e autônomo. As transformações culturais ocorridas nesse processo foram definitivas para que conheçêssemos o primeiro cânone literário francês e para que a escrita literária ganhasse um valor social elevado, chegando ao seu ápice no século XIX. (ZECHLINSKI, 2012, p. 28).

A atuação das mulheres como leitoras e escritoras contribuiu para que o século XVII se caracterizasse de tal forma, entretanto, para que as mulheres pudessem alcançar uma posição cultural que as permitissem ter acesso à leitura e sobretudo à escrita, era necessário que estivessem incluídas em uma alta posição social. A posição cultural, no caso das mulheres também era fundamental, ou seja, era preciso que as mulheres estivessem através de uma figura masculina atrelada a um ambiente cultural.

A igreja teve papel fundamental na educação para as mulheres, pois, acreditava ser possível preservá-las dos perigos que estavam associados aos antigos medos, de que as mulheres “estavam relacionadas com a ação de Satã, a irracionalidade, o descontrole das emoções e até a própria morte e as doenças, que o corpo fraco e imperfeito das mulheres suscitava.” (ZECHLINSKI, 2012, p. 51). Portanto, o controle do corpo e da mente eram feitos através de “textos médicos, literários, filosóficos ou jurídicos que detratavam as mulheres, alertando os homens para os perigos a elas associados, assim como para a necessidade de controlá-las.” (ZECHLINSKI, 2012, p. 51).

Dois movimentos se destacam nesse contexto, e atuaram como opositores ao controle sobre as mulheres e sobre a educação religiosa que recebiam. A *Querella des femmes*, que, como já mencionado, teve seu início no século XIV, com Cristina de Pizán, enfatizava que as

mulheres não dispunham das mesmas posições dos homens, pois não tinham as mesmas condições sociais, culturais, educacionais, entre outras. E o movimento das “Preciosas”, fenômeno que ocorreu devido ao aumento do número de mulheres e sua notoriedade nos salões literários.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que a palavra “preciosa”, apesar do significado pejorativo com que foi empregada na época, no princípio era usualmente utilizada como sinônimo de adjetivos positivos, como bela, casta, sábia, honesta, racional, [...].

Em meados da época clássica esse adjetivo passou a definir uma espécie de mulher, mais comum e mais visível nos salões literários. A palavra designava a mulher que sabia não só ter uma conversação erudita e agradável, mas que também conduzia essa conversação; que conhecia autores antigos e atuais e sabia discuti-los; que dava seu julgamento pessoal sobre obras novas e que também escrevia, podendo inclusive apresentar sua própria obra no salão, embora isso fosse mais raro. (ZECHLINSKI, 2012, p. 52).

A participação das mulheres nos salões literários, possibilitou uma nova forma de sociabilidade entre homens e mulheres, além de possibilitar que tais mulheres se identificassem como grupo, através de características originais. Zechlinski destaca que,

para Gordon, o comportamento novo e alternativo presente nos salões literários evidenciava-se pela primazia dada à igualdade entre os participantes. Era um mundo onde, ilusoriamente e temporariamente, a hierarquia deixava de existir e onde os modelos de civilidade enfatizavam a reciprocidade. A ideia de uma convivência amigável e a da conversação que deveria, antes de tudo, ser uma experiência de troca e de prazer, levavam o salão a se caracterizar como um espaço democrático. (ZECHLINSKI, 2012, p. 54).

Já durante o século XVIII, a partir do pensamento iluminista, movimentos de busca por igualdade e de uma noção do sujeito universal começam a emergir principalmente na França. A liberdade e a democracia eram o desejo da sociedade civil no seu total, entretanto, a realidade se mostrava um tanto quando distante desse desejo. “Foram os pensadores ilustrados, defensores ardorosos do ideário de igualdade, críticos argutos dos preconceitos tradicionais e das hierarquias arbitrárias, que defenderam em sua maioria a ideia de uma natureza feminina separada e inferior” (MIRANDA, 2010, p. 10). Uma das diferenças existentes nesse contexto estava relacionada à cidadania, já que mulheres e negros não se encaixavam na categoria de cidadão.

O direito ao voto no caso das mulheres se concretizou após muitas reivindicações das próprias mulheres nos movimentos pelo sufrágio universal, e efetivamente as mulheres inglesas, francesas e brasileiras só tiveram direito ao voto apenas no início do século XX. Nesse momento, alguns nomes destacam-se ao defenderem um posicionamento contrário ao contexto, as mulheres Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges, bem como os iluministas Helvétius e Condorcet.

Mary Wollstonecraft, inglesa que muito contribuiu nos debates próprios ao período, considerada uma pensadora iluminista, preocupou-se com a questão social e política das mulheres já que como escreve Anadir dos Reis Miranda,

era majoritária entre os pensadores do século XVIII a crença de que as mulheres pareciam ser incapazes de participar da nova ordem social. Afirmava-se que elas não possuíam entendimento suficiente, que a sua razão era inferior à dos homens. Elas não eram consideradas indivíduos autônomos, pois necessitavam da tutela masculina para sobreviver. Além disso, elas eram vistas como seres fúteis, que se preocupavam exclusivamente com sua aparência e com as relações com o sexo oposto. Enfim, definidas como seres tão dependentes e artificiais, não se concebia que teriam autonomia e entendimento necessários para participar ativamente da nova configuração social e política. (MIRANDA, 2010, p. 11).

Wollstonecraft compreendia que essa dita incapacidade das mulheres estava relacionada à sua exclusão dos ambientes de pensamento e de discussão políticos e intelectuais e não que isso estivesse intrínseco à natureza delas.

Seu destaque nesse trabalho é relativo à sua produção autoral, escreveu diversos “tratados pedagógicos, romances, obras de caráter político e filosófico.” (MIRANDA, 2010, p. 11). Como o “texto pedagógico *Thoughts on the Education of Daughters* (1787); seus dois romances, *Mary, a Fiction* (1788) e *Maria, the Wrongs of Woman* (1798) e o conhecido e comentado *Vindication of Rights of the Woman* (1792).” (MIRANDA, 2010, p. 14). Conseguiu espaço nos círculos radicais e dissidentes ingleses que muito se assemelhavam aos salões franceses, “nesses ambientes homens e mulheres formavam uma sociedade seleta de iguais, que cultivavam o ideal de uma nova humanidade, fundada na razão, na sensibilidade e na transgressão das hierarquias.” (MIRANDA, 2010, p. 11).

Percebemos, com o exemplo dessas duas exímias mulheres, que a posição social, cultural e histórica de subalternidade das mulheres ao longo da história, não foi aceita de forma unânime por todas as mulheres. Muitas outras, assim como elas, destacaram-se em diversos espaços na busca por igualdade de direitos e na tentativa de expor seja pela escrita, pela música, pela arte ou por qualquer outra linguagem a sua personalidade, suas qualidades e todo o seu potencial, comprovando assim, sua capacidade intelectual.

Com a história das mulheres pôde-se demonstrar essa inconformidade das mulheres do passado com os papéis de gênero tradicionais. A partir da década de 1960, através dos movimentos feministas, a história das mulheres se constituiu como um campo de conhecimento. As historiadoras feministas tinham como objetivo redefinir o exercício do poder, bem como desconstruir a noção de sujeito universal. Segundo Joan Scott, “O sujeito da história não era uma figura universal, e os historiadores que escreviam como se ele fosse, não podiam mais reivindicar estar contando toda a história.” (SCOTT, 1992, p. 86.)

Já na década de 1980 uma categoria foi desenvolvida a partir da psicanálise com o intuito de estabelecer a interpretação entre a masculinidade e a feminilidade dentro da história das mulheres. Com influências também da gramática e da linguística, o termo gênero passou a ser utilizado nesse período como uma categoria útil de análise, para referir-se à forma como os sexos se organizam. Dessa forma, procurou-se compreender a partir das questões sociais das diferenças sexuais, entendendo que as características femininas e masculinas são construídas social e culturalmente e nada tem a ver com determinações biológicas. Assim, “[...] a relação entre os sexos não é, portanto, um fator natural, mas sim uma interação social construída e remodelada incessantemente, nas diferentes sociedades e períodos históricos.” (SAMARA, 1997, p. 39).

Dessa forma, como escreve Perrot,

A história das mulheres mudou. Em seus objetivos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e intriga a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas e culturais. (PERROT, 2015, p. 15-16).

Diante dessa nova forma de perceber as relações entre homens e mulheres ao longo da história, Joan Scott destaca o que diz a pesquisadora Nathalie Zamon Davis sobre a forma ideal de enxergar tais questões, e ainda destaca alguns objetivos a serem alcançados.

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, da mesma forma que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos, dos grupos de gêneros no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la. (SCOTT, 1992, p. 1).

A inclusão das mulheres e da categoria de gênero na análise histórica não ampliaram apenas a noção de sujeito histórico, permitindo às mulheres conquistarem espaços na sociedade e dar visibilidade a elas, implicou também numa compreensão de mundo totalmente nova, a partir de olhares que enxergam o mundo de outra forma, que estão inseridas em outros ambientes e que dessa forma, podem construir novas histórias daquilo que há muito já se sabia.

É possível então, associarmos ao estudo sobre a História das mulheres à luz dos estudos de gênero, não apenas das mulheres, mas também da transexualidade, da homossexualidade, enfim. É com a perspectiva dessa história do gênero, pensando nas

mulheres ativas e nas suas interações nos diversos campos, mas nesse caso no campo religioso é que apresento a trajetória de Madre Basilea.

Aos dezesseis anos, Klara colocava-se entre um amor reprimido por um garoto da escola e a incapacidade de sentir a presença de Deus, acreditava estar próxima demais das coisas que colocava como carnavais; os estudos, o amor e o prazer. Essa busca por contato com Deus a fez procurar em livros algo com o qual pudesse se identificar, mas não pode encontrar em lugar algum. Esse conflito e a maneira como sua personalidade agia fizeram com que até mesmo seu professor de confirmação ficasse temeroso, conforme relata: “Se eu tivesse muitos alunos como a Sr. Klara Schlink, acho que desistiria das minhas aulas.” (SCHLINK, 1995, p. 15). De forma crítica e cética ela buscava encontrar as repostas às inúmeras perguntas cabíveis a uma adolescente na busca por sua identidade espiritual.

Klara em conflito buscava por características que a possibilitassem sentir-se pertencente individual ou coletivamente a uma identidade religiosa. Sobre o conceito de identidade, o sociólogo polonês Zigmunt Bauman diz que,

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimentos, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os defeitos. Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar totalmente e plenamente em casa. Pode-se reclamar de todos esses desconfortos e, em desespero, buscar a redenção, ou pelo menos o descanso, num sonho de pertencimento. Mas também se pode fazer desse fato de não ter escolha uma vocação, uma missão, um destino conscientemente escolhido – ainda mais pelos benefícios que tal decisão pode trazer para os que a tomam e a levam a cabo, e pelos prováveis benefícios que estes podem então oferecer a outras pessoas. (BAUMAN, 2005, p. 19-20).

O sonho de pertencimento de Klara a fez acreditar, e, portanto, canalizar essa busca na espiritualidade e de certa forma, por sua imaturidade juvenil, pensou ser necessária a automática exclusão de parte de sua personalidade. No impasse entre aprofundar-se num conhecimento sobre Jesus, e a liberdade de uma vida jovem regada à diversão, desejos e paixões, Klara descreve inúmeras vezes em seu diário, o quão inquietante era esse conflito. Sua posição extrema em escolher uma ou outra opção demonstra que sua identidade em construção não encontrava pertencimento em nenhum lugar. Como mulher, via-se cada vez mais incoerente dentro de um sistema religioso que não permitia o soar da voz feminina, sua personalidade e criticidade não cabiam nesse espaço e isso era por ela, duramente reprimido.

No ano de 1921 ela retornou a Darmstadt devido a um novo trabalho de seu pai na escola técnica da cidade. Sua busca por respostas continuava, influenciada por ser irmão Edmund, estudante de filosofia, começou a se interessar por filosofia e literatura além de dedicar-se a história da arte e música, segundo o que escreveu, eram atividades que tomavam demasiado tempo.

Em agosto de 1922 aos dezessete anos, ela escreveu ter encontrado um fundamento seguro, mesmo seguindo a religião luterana e sendo temente a Deus, Klara diz ter conhecido Jesus e a partir disso, todo o curso da sua história ganhou novo sentido, “agora meu coração poderá conquistar todas as tormentas do meu intelecto”. (SCHLINK, 1995, p. 22). Seu primeiro relato de decisão após esse “encontro” foi tornar-se professora de jardim de infância na academia protestante Fröbelseminar em Kassel no subúrbio da cidade, onde conheceu Érika Madauss que futuramente seria sua co-fundadora na Irmandade Evangélica de Maria.

As atitudes de Klara estavam sob constante repressão, muitas vezes imposta por ela mesma, afinal, de certa forma, no começo do século XX, período em que Klara vivenciou os conflitos internos entre espiritualidade e o que ela denomina prazeres da vida, a conduta das mulheres era imposta e fiscalizada por princípios patriarcais das religiões com princípios judaico-cristãos.

Arelada ao posicionamento cristão, o desenvolvimento do cientificismo e do capitalismo na Europa do século XVII determinaram com base nas diferenças biológicas as tarefas e os espaços dos gêneros, enquanto o homem era percebido como superior, suas funções estavam ligadas à política, a administração, a criação e a movimentação dos espaços públicos, em contrapartida, as mulheres e sua já mencionada inferioridade, desempenhavam suas funções no espaço doméstico. Além disso, a disposição e o interesse pelo matrimônio e pela maternidade eram considerados inatos às mulheres e para que se concretizassem era bom que suas características fossem de uma mulher dócil, amável e zelosa. (SOUZA, 2007).

O movimento feminista e as conquistas que as mulheres vem acumulando desde o início do século XX permitiram que as mulheres nos dias atuais exerçam funções e alcancem objetivos nunca antes vistos, porém, o patriarcalismo religioso que ainda é realidade nas religiões cristãs, muitas vezes considera tais conquistas e algumas quebras de paradigmas como algo nocivo para a sociedade. A emancipação feminina muitas vezes ainda é severamente condenada e às mulheres ainda são velados alguns direitos e liberdades,

o direito à ordenação ao oficialato em instituições religiosas, o direito a realizar-se profissionalmente e, em alguns casos extremos, até mesmo o direito ao estudo universitário profissionalizante, rejeitando o divórcio como alternativa lícita para a busca da felicidade e realização pessoal, e propondo que a felicidade das mulheres, mesmo na sociedade contemporânea, está em aceitar a condição de esposas e de

mães (entenda-se, mães casadas), e de auxiliares dos homens, sempre submissas e sujeitas a eles, posicionamento supostamente defensável a partir de citações bíblicas segundo o modelo atomístico do pinçamento de textos-prova (*dicta probanda*), modelo este já há muito tempo condenado pela teologia bíblica e pela teologia exegética. (GOUVÊA, 2008, p. 18).

Com base nessa realidade, é possível compreendermos com maior clareza o que sentia Klara, seu conflito estava centrado em viver a sua contemporaneidade e, portanto, o início dos movimentos da luta feminista, como por exemplo, a busca pelo sufrágio universal. As alemãs conseguiram o direito ao voto em 1919. Por outro lado, o conservadorismo de uma sociedade que agia a partir de princípios fundamentalistas do cristianismo, sobretudo da Igreja Luterana, e, portanto, eram contra o florescimento de novas possibilidades para as mulheres.

Diante dessa realidade e com um pensamento pouco conservador, Klara sentia necessidade de ser uma mulher com atribuições além das de mãe e esposa e viu na própria religião uma saída. Parece contraditória essa colocação, porém, a religião e sobretudo a vida em conventos e mosteiros, era uma alternativa para aquelas jovens que como Klara, borbulhavam em pensamentos, que tinham a criticidade e, portanto, a contestação como características. Com certeza posturas opostas ao ideal de mulher do lar formulado na época.

Os conventos eram, portanto, uma opção às mulheres, além do matrimônio. Ainda entre os séculos II e III da era cristã, as mulheres começaram a viver em comunidades, assim como os homens, na busca por ascender sua espiritualidade. Já no século V, esses espaços serviam como uma solução para as mulheres que não haviam casado, dessa forma, a virtuosidade e o controle social estariam sendo mantidos, como destaca Wilma de Lara Bueno, “nesta perspectiva, a mulher era entendida como o sexo frágil que necessitava de proteção, sendo enclausurada nos muros dos conventos.” (BUENO, 2008, p. 84).

Durante o século XVII, como destaca Zechlinski (2012), organizações católicas eram responsáveis pela educação de meninas, e também atuavam como uma alternativa às meninas que por algum motivo não se casaram. Os espaços religiosos também serviam para as moças que não se encaixavam nos padrões de comportamento, mesmo não tendo vocação alguma para a vida religiosa, e esse foi o destino de muitas jovens. O medo de que as meninas não se encaixassem nos padrões sociais de comportamento e submissão feminina, faziam com que muitas famílias as internassem ainda muito pequenas.

A realidade em alguns conventos as vezes era muito diferente, instituições onde as regras não eram seguidas tão criteriosamente acabavam permitindo liberdades e divertimentos, a partir de problemas ocasionados pela falta de normatizações, questões como: a necessidade de se ter uma vocação, a idade mínima para o ingresso nas instituições e o livre

arbítrio regulamentaram tais espaços. Outra medida importante e que vale consideramos para essa análise, é a bula *Periculoso*, de Bonifácio VIII, de 1298 que instaurava a clausura e a necessidade de votos solenes. Dessa forma, o celibato e a manutenção da pureza das mulheres, assim como o combate a heterodoxia e ao misticismo auxiliaram no controle das mentes e dos corpos das mulheres pela a igreja cristã, sobretudo a católica. (ZECHLINSKI, 2012).

Tais imposições em muitos casos não foram aplicadas, sendo dessa forma, necessário sua retomada em 1563 no Concílio de Trento, apesar disso, alguns críticos reformadores como no caso de François de Sales, “o qual insistia na ideia de que a Igreja necessitava de verdadeiras esposas de Jesus Cristo e não de prisioneiras e argumentava que em liberdade as religiosas poderiam prestar serviços úteis à comunidade.” (ZECHLINSKI, 2012 p. 81).

O ensino passado pelas religiosas tinha como objetivo,

fornece uma cultura religiosa básica para as meninas e lhes proporcionar alguns conhecimentos úteis para a administração da casa e para a educação dos filhos. No entanto, é importante considerar, como pondera Martine Sonnet, a possibilidade que as alunas dos pensionatos aprendessem mais do que previa esse plano básico, embora as regras desses estabelecimentos jamais preconizassem ou se vangloriassem de proporcionar estudos “extras”. (ZECHLINSKI, 2012 p. 83).

A leitura, era uma das atividades muito praticadas nas instituições já que contavam normalmente com vastas bibliotecas. Mesmo assim, os diretores normalmente censuravam a leitura de algumas obras e delimitavam certos livros para o ensino,

lhas aconselhavam principalmente os clássicos da literatura espiritual, como os livros de Gerson⁴ e a vida dos santos, deixando textos como as Escrituras, o Novo Testamento e os textos conciliares para os eclesiásticos, por conterem passagens de extrema complexidade sobre as quais não cabia às mulheres refletir porque, segundo o pensamento eclesiástico, as mulheres corriam o sério risco de interpretar equivocadamente esses elevados escritos. Porém, como destaca Marcel Bernos, foi somente no final do século XVII e durante o século XVIII que surgiram obras trazendo listas de livros considerados próprios para serem lidos dentro das instituições femininas, bem como davam conselhos quanto à melhor forma de realizar as leituras. (ZECHLINSKI, 2012 p. 83-84).

Temerosos de que o ensino feminino pudesse ser perigoso para a ordem social, os estudos foram direcionados para que as mulheres, nos casos das internas, pudessem se preparar para as atribuições cabíveis às mulheres daquela época, esposa e mãe. De forma alguma os estudos deveriam contribuir para uma vida intelectual, dando margem para que as mulheres quisessem atuar na sociedade como pensadoras.

Mesmo diante disso, muitas jovens e famílias menos favorecidas viam na vida religiosa uma forma de ter acesso à educação, ao conhecimento.

⁴ Jean Charlier (1363-1429), conhecido como Jean de Gerson, foi filósofo, teólogo e professor da Universidade de Paris (de 1395 a 1415), tendo deixado uma vasta obra de livros de piedade.

Ingressar no convento poderia ser uma possibilidade de promoção pessoal, à medida que dispunham de um espaço para estudar, produzir e aprofundar conhecimentos, o que elevou esses lugares à valorização como espaço de cultura, dotados de magníficas bibliotecas e de um *scriptorium*, onde as monjas copistas poderiam se dedicar à escrita, produzindo e traduzindo obras. Registra-se assim, a presença de moças obedientes aos pais devotos e fervorosos que almejavam ter uma filha consagrada à vida religiosa; elas então aderiam aos mosteiros e neles permaneciam celibatárias, adquirindo uma educação esmerada. (BUENO, 2008, p. 85).

Portanto, percebemos que mesmo num contexto protestante e não seguindo inicialmente a vida em um convento, Klara percebeu que a vida religiosa e a devoção ao sagrado poderiam lhe permitir atuar como uma intelectual. Os estudos, as artes sempre a interessaram e talvez, ao optar pela vida como religiosa, ela teria liberdade para se dedicar a essas áreas, coisa que não seria possível se houvesse se casado e tido filhos.

Seu desejo em mudar-se para Kassel também tinha outra motivação, como sempre foi inclinada a gostar de música e de dança, não resistindo aos convites para os bailes, ela relata que, mesmo se divertindo inocentemente tinha a plena convicção de que isso a afastava dos caminhos e propósitos que Jesus tinha para a sua vida, assim a nova escola seria um refúgio à sedução dos bailes.

Começando seus estudos na Froebel, foi muito bem recebida pelas jovens de lá, apesar de viverem em um clima descontraído e alegre, a disciplina e o incentivo por um conhecimento sobre o momento em que viviam eram constantes, assim como escreve,

Éramos incentivadas a tomar conhecimento ativo de todas as crises nacionais da época, não nos deixando envolver demais por um clima de internato completamente alienado. Foi um momento inesquecível aquele 9 de novembro de 1923, quando ouvimos falar da primeira e malograda tentativa revolucionária de Hitler. Sentíamos que se aproximava tempos de instabilidade para a nação. Enquanto as sombras da inflação aumentavam sobre nós, tentávamos dividir a nossa mesada desvalorizada umas com as outras, porque esse dinheiro também tinha que pagar a nossa ração diária de pão. Isso tudo fazia parte do nosso treinamento, porque nossos professores muito valorizavam essa atitude de desprendimento. (SCHLINK, 1995, p. 25).

O que acabou levando-a ao descontentamento foi o fato de na escola não seguirem uma linha de contemplação à Cristo como o Salvador, estavam mais preocupados com questões comportamentais, ética e moral, ou seja, viam em Jesus um modelo a ser seguido e não era dessa forma que Klara esperava aprender sobre Ele.

Na escola, Klara foi impossibilitada de assumir uma espécie de cargo, a de “mãe sênior”, ou seja, a responsável por um grupo de meninas, uma “família”. De acordo com seus professores sua extrema autoconfiança e o seu orgulho intelectual a tornavam uma pessoa sem humildade alguma. Em seus escritos ela deixa muito claro que esse acontecimento foi para ela um verdadeiro choque, mas pôde com isso reconhecer o seu grande desejo por reconhecimento. Mais tarde foi convidada a tomar o cargo de líder das seniores e nessa

função ela sentiu-se ainda mais longe de Deus, resolvendo problemas de organização e cuidando de pessoas não mais se sentia como uma filha de Deus e isso a inquietava muito.

Ao sair de Kassel, em 1924, Klara foi para Berlim estudar no Colégio Feminino de Bem-Estar Social e Treinamento para Missão Local, por intermédio de Érika. Era um curso de dois anos para a formação de assistente social e professor de religião, uma espécie de continuidade da Academia Froebel. Sua intenção era preparar-se para o serviço ao Senhor e conseguir um emprego cristão. Apesar desse desejo por seguir os caminhos de Cristo, ao chegar à metrópole outras aspirações voltam à tona. Com o título “Asas cortadas” ela inicia escrevendo um trecho do seu diário “Cheguei à metrópole! A princípio senti tamanho desejo pelo mundo, por emoção e prazer, que gostaria de ter-me lançado imediatamente à vida da grande cidade.” (SCHLINK, 1995, p. 33). A própria instituição,

incentivava um ponto de vista liberal sobre o mundo. Queriam que soubéssemos analisar as tendências intelectuais, sociais e artísticas da História, assistir a conferências, visitar o teatro, concertos, tendo ao mesmo tempo uma base sólida de conhecimentos bíblicos e de Cristo. Cheia de entusiasmo lancei-me de corpo e alma a tudo que se nos ofereciam na classe e às atividades intelectuais e culturais também. (SCHLINK, 1995, p. 33).

Essa realidade somada ao seu grande prazer em satisfazer seus anseios intelectuais lhe trouxeram angústia ao invés de proporcionarem satisfação. Não somente isso, mas o desejo pelo casamento e uma fé duvidosa tomavam conta de sua vida. Segundo seus escritos, esse foi um importante momento onde ela acreditava que Deus “cortava-lhe as asas” para que pudesse conhecê-Lo de uma nova maneira.

Muita coisa mudou, pois Deus me esclareceu e ascendeu em mim, um amor ardente por Cristo. Agora não tenho outro desejo senão servi-Lo e glorificá-Lo. Vejo muito bem como fui mesquinha e fraca, e como foi benéfica essa tristeza em minha vida. Agora que tudo já passou, Cristo está bem perto de mim e Sua presença é real. Agora vejo claramente como era dependente do louvor dos outros, e como isso impedia a atuação de Deus em mim. Agora eu sei que é Satanás que procura persuadir-nos na necessidade de sermos educados e interessados em assuntos intelectuais. [...] Anseio pelo dia em que esteja inteiramente dependente dEle, vivendo apenas para Ele, e peço a Ele que me coloque inteiramente a seu dispor, que me purifique através do sofrimento, e me leve para mais perto dEle. Mas se devo me tornar diaconisa ou viver algum tipo de vida enclausurada, ainda não sei. (8 de abril de 1925). (SCHLINK, 1995, p. 38).

Nesse trecho de sua autobiografia, percebemos que diante de todos esses conflitos, o princípio de ascetismo se evidencia. A aceitação do sofrimento, da renúncia aos desejos e nisso a busca pela santidade e contemplação são práticas comuns nas religiões judaico-cristãs, Sérgio da Mata (2010), historiador do campo das religiões, ao citar Nietzsche diz que o ascetismo está presente como uma prática fundamental e que caracteriza um nível mais elevado de espiritualidade. Menciona ainda o que definiu Dostoiévski sobre o assunto, através de um de seus personagens.

Suprimo as necessidades supérfluas, domo e flagelo pela obediência minha vontade egoísta e orgulhosa, chego assim, com ajuda de Deus, à liberdade do espírito e com ela à alegria espiritual! Qual dentre eles é mais capaz de exaltar uma grande ideia, ou pôr-se ao seu serviço, o rico isolado ou o religioso liberto da tirania dos hábitos? (MATA, 2010, p. 93).

Tal pensamento, tido em nossa sociedade muitas vezes como absurdo, é normalmente praticado por um pequeno grupo de religiosos, a renúncia aos próprios desejos e a disposição a uma vontade divina caracterizam uma autoridade moral e um autocontrole, porém, de acordo com pensadores orientais como Sidharta Gautama ou ainda Dai Zhen, há um grande perigo em tentar suprimir os desejos, porque ao invés de trazer liberdade ao indivíduo, o coloca num estado de sofrimento ainda maior. Dessa forma, percebemos que tal princípio é ambíguo e de acordo com os preceitos religiosos pode caracterizar o ápice da espiritualidade, ou a sua decadência.

Para as irmãs de Maria, influenciada pelo exemplo de Madre Basilea, a renúncia e o sofrimento, caracterizam a devoção à Jesus Cristo e somente através disso, da compreensão dos sofrimentos vivenciados pelo Salvador, segundo as Escrituras Sagradas é que o contato com o sagrado acontece e conseqüentemente, se encaixam nos propósitos de vida de acordo com a vontade de Deus.

1.2 “UMA BORBOLETA PRESA EM SUA CRISÁLIDA”⁵

Cansada de não encontrar nas escolas por onde passou aquilo que buscava, decide deixar o Colégio Feminino antes mesmo de concluir o seu curso e depois de lutar para conseguir o consentimento dos seus pais, decide ir para a Escola Bíblica Malche, um lugar onde achou que encontraria vida e não teoria, onde conseguiria achar o Jesus vivo que tanto ansiava. Para Klara a teoria por mais sedutora que fosse, supriria apenas o seu intelecto e não era apenas isso que ela queria conquistar. Ao dirigir um grupo de jovens em Berlim, ela descobriu a importância de “viver” a teoria. Para ela, só era possível alcançar essas jovens se a sua vida irradiasse o amor de Jesus. Aos quase vinte e um anos, no dia 23 de setembro de 1925, Klara chegou a Escola Bíblica Malche com uma bagagem de expectativas e desejos de conhecer mais a Deus.

⁵ O subtítulo faz menção ao que Klara escreve sobre o período em que viveu o que acreditava ser um cristianismo legalista e tenso, ao mesmo tempo em que ansiava realizar aquilo que acreditava ser o desejo de Deus para sua vida, também queria satisfazer seus desejos pessoais. “Como uma borboleta, eu estava louca para sair da minha crisálida, mas, não tendo ainda as asas do amor, não podia alçar o voo da liberdade.” (SCHLINK, 1995, p. 72).

Era uma das mais jovens da escola, vivendo em grupos de mulheres assim como em Froebel eram chamadas de “irmãs”. Ao longo do ano, Klara escreveu que pôde experimentar uma mudança em seu caráter e nas suas atitudes. Sofreu muito com o seu desejo por reconhecimento, com prazer que sentia em ser elogiada por sua inteligência, além da dificuldade em ser uma pessoa humilde, em seu diário ela escreve para Deus um agradecimento pelo o que acreditava ser um milagre em sua vida, sentia-se diferente e não buscava mais satisfazer as suas necessidades intelectuais, entretanto, uma dúvida ainda sondava o seu coração.

O meu problema se referia à renúncia do mundo e a aceitação do mundo; parte da questão de lei ou liberdade. Como cristão comprometido, até onde se é permitido ou obrigado a participar de atividades culturais? Pensava comigo, se eu quero viver somente para Jesus e o Seu Reino, sou como um soldado que vai à guerra. Ele não tem mais tempo para várias atividades como teria em tempos de paz, embora essas atividades sejam permissíveis em si mesmas [...] Por que é que Deus tão amorosamente criou a beleza da natureza dando-nos a arte e tantas outras coisas? Se dermos as costas a tudo isso, como os ascetas⁶, então deve haver algo desnatural em nossa vida, pois estaremos negando e rejeitando aquelas coisas que Deus criou por amor. Não conseguia conciliar esses dois pontos de vista conflitantes. (SCHLINK, 1995, p. 48).

Klara constantemente sentia-se desafiada a aprender a lidar com esses dois pontos de vista que tão claramente em sua autobiografia estão presentes ao longo de suas crises desde a adolescência. Em visita aos seus pais em Darmstadt durante as férias no ano de 1925, o pregador da missão na cidade ao saber dos seus estudos a convidou para organizar um trabalho com os jovens da comunidade. Na cidade participou de um retiro espiritual onde o princípio do *Gemeinde*⁷ “o corpo de verdadeiros cristãos” era ensinado. Consistia em autonegação completa, repetia-se que tudo no mundo deveria ser evitado, pois se tratava de imperfeição e também, que os verdadeiros cristãos deveriam ter uma vida de sofrimento. Outro importante princípio era o de que a mulher não tinha permissão para proclamar a Palavra de Deus, Klara não aceitou o trabalho. As imposições da comunidade cristã ressaltam a impossibilidade de as mulheres participarem do grupo em posições de destaque, assim como também, o princípio sacrificial da vida religiosa é reforçado.

Mais uma vez, Klara encontrava-se numa situação contraditória, não sabia mais como proceder ou quais ensinamentos deveria seguir. Por diversas vezes ela escreve em seu diário suplicando uma direção vinda de Deus para que pudesse seguir um caminho que não O desagradasse, com o tempo as suas angústias foram sanadas e dessa forma escreve.

⁶ Prática da abstenção de prazeres e até do conforto material, adotada com o fim de alcançar a perfeição moral e espiritual. O asceta submete-se a dieta rigorosa e a frequentes jejuns, sendo que os antigos cristãos se sujeitavam até a castigos físicos, como a flagelação.

⁷ Palavra de origem alemã que significa comunidade, paróquia, seguidores.

Eu te agradeço por teres me dado a certeza final de que, quando se está completamente entregue, não há necessidade de legalismo. Se nos firmarmos nos princípios orientadores das Escrituras, podemos ter completa liberdade no Espírito – e isto inclui as mulheres também. (25 de julho de 1926). (SCHLINK, 1995, p. 53).

Klara não era apenas uma mulher religiosa, era uma intelectual religiosa, não seria possível deixar de lado sua intelectualidade e criticidade, ela não se encaixaria no papel de mera figurante, sua personalidade necessitava do papel principal. A escolha pela vida religiosa, permitiu que ela pudesse se dedicar ao conhecimento, à escrita e a atuação social, sua trajetória nos mostra uma vida movimentada, constantemente preocupada com os acontecimentos em seu país e cidade, ela não se aquietava diante das proibições de imposições sociais.

Não é por acaso que Klara esteve em conflito sobre a sua posição como mulher no âmbito religioso. Como uma das preocupações principais nesse trabalho, procuro analisar o conceito de religião como um sistema cultural que dita normas e padrões estabelecendo os lugares dos sujeitos de acordo com suas características de feminino e masculino.

O antropólogo Clifford Geertz (2008) define a religião como,

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 2008, p. 67).

Dessa forma, no que concernem os padrões estabelecidos, o patriarcalismo é um aspecto presente nas principais religiões monoteístas como o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, portanto, o domínio masculino é comum e respeitado. É pouco usual às mulheres a posição de poder dentro da religião, cabendo a elas espaços marginais que foram construídos socialmente, dando ao homem papel de destaque. Em casos de excepcionalidade, negativamente as mulheres ganham caráter místico, que segundo Gershom Scholem (1978) trata-se de alguém “que foi favorecido por uma experiência imediata, e, para ele, real do divino, da realidade última.” (SCHOLEM, 1978, p. 12). A negatividade está em alcançar individualmente o divino, a mulher mística não mais precisa submeter-se a autoridades religiosas, ou seja, torna-se indisciplinada. No Cristianismo outra característica importante é que a mulher tem papel demiurgo e isso legitima-se no mito de criação de Gênesis.⁸

Em Darmstadt, Klara iniciou o seu primeiro trabalho cristão, sua missão era reunir o maior número de moças para formar um grupo e como obreira, poder orientar e aconselhá-las espiritualmente. O grupo chegou a ter quase quarenta meninas, porém Klara escreve que por

⁸ Em seitas cristãs de inspiração platônica e no gnosticismo, o ser intermediário de Deus na criação do mundo, responsável pelo mal que não poderia ser atribuído ao Criador supremo.

considerar-se jovem e inexperiente, o trabalho com as meninas deixava-a cada vez mais desanimada já que percebia nelas a falta de uma entrega total a Cristo. Nesses momentos, seu consolo era escrever em seu diário “estou sob tanta pressão espiritual, em tanta tristeza e tão longe de Ti, que é simplesmente impossível transmitir uma mensagem”. (SCHLINK, 1995, p. 55). Klara também escrevia questionando o fato de não conseguir perceber a ação de Deus na vida das meninas. Com o tempo, percebeu que na verdade ela é quem estava enxergando por uma perspectiva equivocada,

Em vez de entristecer por causa do sofrimento que causamos a Jesus com nossa indisposição, resistência e falta de fé, eu tinha pena das meninas que não experimentavam a vitória e a liberdade. (SCHLINK, 1995, p. 58).

Tal liberdade estava diretamente relacionada ao conhecer-se e encontra-se espiritualmente, ou seja, interferências externas como padrões sociais e a necessidade de se realizar como esposa e mãe não faziam sentido, portanto, a fé era uma forma de essas mulheres encontrarem a liberdade individual.

O fascinante da religião está na dualidade que existe em sua prática, afinal, ela pode agir como um sistema de manutenção da ordem estabelecida, porém, conforme a atuação dos atores sociais, pode agir também como contestação a essa ordem,

Combina-se de forma complexa, negação e aceitação do “mundo”. Importa perceber que ambas as posturas emanam do fato que o cristianismo alia radicalidade de sua mensagem religiosa a um conservadorismo político-social (“meu reino não é desse mundo”). Um conservadorismo que, todavia, não é incondicional. Tão logo a situação histórica divirja radicalmente dos ideais ético-religiosos, os cristãos podem assumir um papel historicamente transformador. (MATA, 2010, p. 106).

Para as mulheres especificamente a religião, como escreve Perrot, têm sido ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres. Ao mesmo tempo que eram subjugadas e impedidas de exercer poder, de escrever e de acessar o sagrado, “a Igreja oferecia abrigo às misérias das mulheres, pregando, entretanto, a submissão” (PERROT, 2015, p. 84).

A vida nos conventos, como já mencionado anteriormente, era uma possibilidade para que as mulheres tivessem acesso ao saber, a criação, sobretudo, um refúgio ao domínio familiar e masculino. Inicialmente como místicas, suas vozes passaram a ecoar, porém, a Igreja não as viam com bons olhos.

Prece, contemplação, estudo, jejum, êxtase, amor louco, tecem a felicidade inefável e dolorosa, torturante e terna, dessas mulheres que exploram os limites da consciência e que despertam a desconfiança da Igreja, que as consideram criaturas à beira da loucura. (PERROT, 2015, p. 84-85).

Klara compreendia essa dualidade da religião, e acreditou ser possível alcançar a liberdade que não encontraria em outro sistema. Desejava também influenciar outras jovens a

pensarem e agirem como ela, em muitos momentos, viu-se desanimada por perceber uma postura contrária entre as moças de seu grupo.

Passados dois longos anos, Klara enfim consegue organizar um pequeno grupo com meninas responsáveis que por vezes cobriam o chão do seu quarto “como um acampamento militar” compartilhando do amor de Jesus. Embora já estivesse trabalhando no meio cristão e seguisse contente com o papel que estava desempenhando, constantemente algo voltava a atormentar; renunciar ou não ao mundo? Para ela, a juventude e a solidão traziam aflição diante das grandes responsabilidades que lhe cabiam no seu papel de obreira.

Sua amiga Érika Madauss com quem sempre manteve contato estava espiritualmente distante. Érika, sempre envolvida em assuntos artísticos e culturais, causava grande incômodo em Klara, afinal esse era um problema constante em seu interior. Quanto à Érika, ela seguia com o princípio de que “o lugar do cristão é o lugar onde ele está no meio da vida com toda a sua variedade.” (SCHLINK, 1995, p. 61). Isso inquietava e afligia Klara.

Émile Durkheim e Mircea Eliade, conforme escreve Sérgio da Mata sugerem que a religião precisa ser compreendida sob a ótica de dois conceitos, o sagrado e o profano, “autores como Mary Douglas, Louis Dumont e Jean-Pierre Vernat apostaram nas noções de “puro” e “impuro” como mais adequadas e universais.” (MATA, 2010, p. 133). Para Érika, esse princípio não interferia em sua fé, de forma que acreditava ser livre para fazer e estar onde quisesse, já Klara, por mais que tenha escrito ter encontrado o equilíbrio, ainda sofria por não encontrar a estabilidade entre o que considerava santo e o que acreditava ser profano.

Ela relata que em meio a essa confusão, fez uma visita a uma senhora que estava muito doente. Tal mulher era cristã e viveu de forma muito livre, mesmo assim sempre esteve totalmente entregue a Jesus dedicando-se ao Evangelho. Através da vida dessa mulher e também por meio de uma xilogravura⁹ da paixão de Cristo feita por Albercht Dürer (1471-1528), Klara relata ter encontrado o Cristo vivo que ensinava às jovens e que tinha procurado desde a adolescência. Esse encontro havia acontecido através do contato com uma vida não legalista e de uma obra de arte, algo impensável em seu entendimento.

Além disso, eu seria usada através de várias obras escritas, a chamar outros ao verdadeiro discipulado, que não é legalismo ascético. E esta mensagem, que mais tarde recebi a responsabilidade de transmitir pela literatura, continha a resposta que tanto me preocupava naquela época. (SCHLINK, 1995, p. 64).

Como filha, Klara também escreve sobre a preocupação que causava aos seus pais, afinal, seu trabalho em Darmstadt estava desgastando-a espiritualmente além de não dispor de

⁹ Madre Basilea não especifica o nome da obra, o artista produziu inúmeras xilogravuras nessa mesma temática, por esse motivo ela não é demonstrada aqui.

um bom emprego onde pudesse exercer sua profissão. Após ouvir os conselhos de diversos líderes cristãos os pais decidiram que seria melhor que ela concluísse o seu curso no Colégio Feminino em Berlim e assim pudesse ocupar-se de problemas sociais e intelectuais. Voltando a uma realidade que anteriormente fora assustadora, agora Klara conseguia perceber e viver as coisas de forma diferente, o amadurecimento e a certeza em sua fé, como ela mesmo escreve, a fizeram aproveitar de forma nova as experiências que o Colégio trazia.

Diferente do meu primeiro ano em Berlim, nada, nem mesmo a crítica à Bíblia me traziam dúvidas [...], além disso, assistia a conferências, concertos, e visitei museus, desde que eu havia vindo a Berlim a fim de conhecer todos os assuntos contemporâneos, intelectuais e sociais, e a história da arte sempre me interessou. (SCHLINK, 1995, p. 69).

Ela acreditava que Deus a havia afastado do seu trabalho em Darmstadt para que pudesse se preparar para um ministério futuro. Escreve inclusive que na época já sabia que esse trabalho seria com um grupo de mulheres, ou seja, o que futuramente seria a Irmandade Evangélica de Maria. Numa análise pessoal constante, Klara desejava tornar-se uma mulher pronta para os desígnios que Deus tinha para a sua vida, entretanto, muitos pontos ainda precisavam ser alinhados. Críticas vindas de pessoas ao seu redor a deixavam confusa quanto à maneira certa de proceder na vida cristã.

Hoje a L. me disse, novamente, que eu não tenho a mínima vivacidade. Ela diz que eu sou muito tensa, muito séria. Não consigo ser inocente, tranquila, natural e despreocupada. Outras pessoas se sentem deprimidas na minha presença. (20 de abril de 1929). (SCHLINK, 1995, p. 73).

Ela realmente acreditava que vivia um cristianismo “sério, tenso e legalista” e chegou até mesmo a reconhecer o que certa vez, Érika a quem tanto estimava lhe disse “Se você continuar assim, logo será santa, mas todos terão medo de você por causa de sua piedade!” (SCHLINK, 1995, p. 72).

Aos vinte e cinco anos concluiu o curso de Assistente Social em Berlim, Klara retornou à Escola Bíblica Malche, não mais como aluna, mas como professora aceitando a um convite da diretoria, onde permaneceria por um ano, de 1929 a 1930. Ela “dava aulas no curso de treinamento para missionários, no curso de estudo bíblico e no curso para obreiros paroquiais lecionando Alemão, Psicologia e História da Igreja, entre outras coisas.” (SCHLINK, 1995, p. 73). Mesmo estando novamente na Escola que segundo ela, foi o lugar onde teve a oportunidade de conhecer mais sobre si e sobre Deus, Klara sentia-se sozinha. Conflitos internos voltavam a lhe perturbar, já não era mais uma jovem moça e seus colegas de profissão eram muito mais velhos. O fato de Érika estar distante e longe do que Klara considerava os “caminhos de Deus” a afligia ainda mais, a soma de todas essas questões a

levou a oração, hábito que a partir de então se tornou frequente e intenso além de ser tema de muitos dos seus livros.

Encerrado o ano letivo, Klara recebeu uma proposta das diretoras do departamento superior da escola bíblica para que estudasse em um curso na Universidade, que a prepararia para trabalhar como conselheira espiritual das alunas, mais especificamente para estrangeiros. Para cursar, ela precisava de uma carta de indicação que conseguiu com o professor Luchtenberg de Darmstadt. Aprovada nos exames, Klara começou a cursar na Universidade de Berlim, Psicologia como matéria principal, Filosofia e História da Arte como disciplinas secundárias.

Novamente em Berlim, Klara se reencontrou com Érika que estava trabalhando como assistente social em Hamburgo, essa reaproximação significou muito para ela. Em 1931 ela se mudou para a casa dos pais de Érika já no seu segundo ano da Universidade. Antes da mudança, Klara recebeu uma proposta de casamento de um pastor, e sua resposta foi não! Em seu livro, ela escreveu que se sentia atraída pela ideia de casamento, mas que também sabia, deveria seguir o celibato, acreditando que sua dedicação deveria ser exclusiva ao trabalho para e por Jesus.

Mesmo com a reforma religiosa no século XVI, países protestantes mantiveram um pensamento patriarcal. O modelo de mulher reformada passou a ser a de esposa do pastor, ou seja, ajudante de seu ministério. Além de todas as atribuições de uma mulher do lar, com a casa e o marido, e as atribuições da maternidade, com a educação e o cuidado com as crianças, ainda lhe era atribuída a tarefa de apoiar o esposo em seu ofício eclesiástico.

São poucas as vezes que Klara menciona esse assunto como um problema a ser resolvido, não é como o grande conflito que vive ao escrever inúmeras vezes sobre seus desejos intelectuais e culturais, muito rapidamente ela escreve sobre isso e é raro quando menciona trechos de seu diário também a esse respeito. O casamento para ela estava fora de questão, as muitas atribuições de uma mulher casada e conseqüentemente mãe, não a permitiriam ser livre. Vale ressaltar que diferentemente das católicas, as protestantes exerciam maior presença nos espaços públicos, o que para Perrot caracterizou o “fundamento de uma expressão literária vigorosa e de um feminismo precoce” (PERROT, 2015, p. 87), essa sim seria uma realidade mais próxima aos ideais de Klara.

Enquanto cursava a Universidade, Klara também estudava Teologia e lia muitas obras nessa área, citando Martinho Lutero e Karl Barth¹⁰. Com a companhia de Érika também

¹⁰ Líder do movimento “Igreja Confessa” na Alemanha, teólogo protestante, opositor ao neoprotestantismo.

viajaram a lugares como França, Itália, Holanda e puderam desfrutar da arte e da natureza, o que a enchia de alegria, pois “meu corpo e minha alma regozijavam na luz e no sol” (SCHLINK, 1995, p. 86). Isso mostra a sua característica de pessoa ativa e seu desejo de conhecer e interferir no mundo. Érika era também sua companheira nos estudos, foi inclusive sua ajudante ao datilografar a sua tese “O significado da convicção do pecado no conflito religioso de adolescentes femininas” o qual foi baseado no seu trabalho em Darmstadt e teve como fonte cerca de quatrocentas cartas escritas pelas jovens de lá, concluindo o seu doutorado em Psicologia no ano de 1934. (SCHLINK, 1995, p. 86).

Entre os anos de 1933 a 1935, Klara se envolveu com um trabalho de estudantes cristãos em Hamburgo até tornar-se presidente nacional do movimento. Ela relata que esse foi um período muito complicado, afinal a Alemanha passava por um momento político conturbado, inclusive ela precisou trocar de professores algumas vezes durante o doutorado porque eles eram judeus. O trabalho com os jovens também não foi fácil, afinal, nesse período houve uma separação entre os grupos cristãos devido ao Nacional Socialismo. Existiam dois grupos a “Igreja Confessa” ¹¹ e os “Cristãos Alemães” ¹². Liderando alguns estudantes, Klara participava do grupo “Igreja Confessa”, numa determinada situação ela relata que,

Lembro-me perfeitamente de uma sessão movimentadíssima de Hanover, em fevereiro de 1934, quando foi levantada a questão de um movimento estudantil cristão aceitar ou não a demanda de introduzir o parágrafo ariano. Consegui persuadir o grupo a rejeitar a demanda, o que significaria que estudantes cristãos hebreus continuariam a ser aceitos entre nós, mas significava também que correríamos o risco de vermos dissolvida toda a organização. (SCHLINK, 1995, p. 86).

Essa divisão da Igreja Evangélica no período do III Reich aconteceu numa tentativa de manter vivo o Estado de Direito onde qualquer cidadão, seja ele uma pessoa comum ou o representante máximo de um país, está igualmente debaixo das mesmas leis. O nazismo como um regime totalitário interferia nesse princípio e a Igreja Protestante mostrou-se parcialmente resistente a isso. Enquanto a Igreja Católica Romana calou-se, permitindo inclusive a assinatura de Hitler com o papa Pio XII de uma concordata¹³ que os aliava no combate ao comunismo, um grupo de evangélicos alemães iniciava um movimento liberal teológico

¹¹ Em oposição ao movimento “cristãos alemães”, a “Igreja Confessa” foi um movimento liderado por Karl Bart. Defendiam a não ligação da fé cristã ao estado nazista.

¹² Movimento racista, antisemita da Igreja protestante na Alemanha durante o III Reich. Propunha uma síntese entre o Cristianismo e o nacional socialismo.

¹³ Apesar de assinar esse acordo, Hitler “combateu decisivamente o cristianismo quando proibiu oração nas escolas, transformou os feriados cristãos em festivais pagãos e, por fim, conseguiu forçar uma parte da liderança da Igreja a aceitar suas exigências ultrajantes. Entre os seus planos constava, de forma expressa, a substituição da cruz cristã pela suástica.” (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 161-162).

liderado por Friedrich Schleiermacher. De acordo com Peter L. Berger (1985), citado por Glauco Barreira Magalhães Filho (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 159),

as características principais do liberalismo eram: 1) o entendimento psicológico da ideia de religião (redução da teologia à antropologia); 2) a ênfase na religião “natural” em detrimento dos elementos “sobrenaturais”; 3) a compreensão da história da religião em termos evolucionistas, sendo o cristianismo a “religião mais elevada”; 4) uma fascinação romântica pela figura humana de Jesus; 5) uma concepção otimista da ética cristã como repositório de valores positivos para o indivíduo e para a cultura. (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 159).

Nessa perspectiva, o movimento buscava renunciar às características sobrenaturais do cristianismo, apesar de manter um ensino moral baseado nos evangelhos, em favor de um pensamento científico, tinha como características o naturalismo e o culturalismo. “Apoiou o regime nazista, considerando-o um resultado inevitável da lei espiritual que regia a evolução dos acontecimentos históricos.” Ficaram conhecidos como “cristãos alemães”. (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 160).

Contrapondo esse movimento, Karl Barth¹⁴ com a chamada neo-ortodoxia iniciou um movimento de resistência e luta contra o nazismo. Em 1934 a Declaração de Barmen¹⁵ foi assinada em oposição ao regime de Hitler dando origem a “Igreja Confessante”. Para Barth,

a comunidade cristã tinha diante de Deus uma responsabilidade política, pois suas decisões têm o valor de testemunho. A ação política da igreja deveria ser análoga a sua declaração de fé. Isto significava que a igreja não deveria assumir em linguagem religiosa uma posição política secular, mas deveria dar um conjunto de sugestões políticas para a comunidade civil a partir dos princípios de sua fé. (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 168).

A “Igreja Confessante” preocupava-se também com a dura realidade que os judeus enfrentavam naquele período e essa característica foi inteiramente absorvida por Klara. Não apenas como um assunto abordado em livros, mas é ainda realidade nas sedes da Irmandade. Desde os objetos que decoram as capelas fazendo sempre menção a Israel com imagens, desenhos, frases e símbolos, também como motivo de oração para as Irmãs de Maria que todos os dias, pontualmente às 15 horas param todos os seus afazeres para um momento de oração por Israel e pelo povo judeu e atuando efetivamente com movimentos de reconciliação em Israel onde possuem uma sede da Irmandade.

Sendo assim, Glauco Filho diz que,

¹⁴ Karl Barth era professor de dogmática em Bonn no ano de 1933, tendo sido destituído de sua cátedra em junho de 1935 por recusar-se a prestar juramento de obediência absoluta ao Führer. Barth foi um teólogo formado nos círculos liberais que rompeu com essa postura teológica. Deixou a teologia natural para abraçar a teologia da palavra, tornando-se líder de um movimento que pretendia retornar à ortodoxia protestante. (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 166-167).

¹⁵ “Essa declaração de fé foi fruto de uma proposta elaborada por Karl Barth e aceita solenemente por 138 delegados vindos de todas as igrejas. Nela, o nacional-socialismo era condenado em suas pretensões eclesiais e metafísicas.” (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 165).

Do ponto de vista teológico, Bonhoeffer declarou que “o povo de Israel permanecerá sendo o povo de Deus eternamente, o único povo que não desaparecerá, porque Deus se tornou o seu Senhor”. Ao cuidar de um pastor de descendência judia que havia sido espancado, ele disse aos seminaristas que “somente quem grita em favor dos judeus pode cantar canto gregoriano”. O manifesto da direção provisória da Igreja Confessante a Hitler, dizia: “Se, no marco da cosmovisão do nacional-socialismo, é imposto aos cristãos o antissemitismo, que obriga ao ódio aos judeus, esses precisam contrapor o mandamento do amor ao próximo. (MAGALHÃES FILHO, 2013, p. 171).

Voltando à Darmstadt, em 1935 para a casa de seus pais, Klara e Érika tinham em mente abrir cursos para mulheres, futuras esposas de pastores, com intenção de levá-las a um conhecimento pleno de Deus. Em um passo de fé, ambas deixaram suas funções. Érika deixou salário e garantia de aposentadoria e Klara recusou um trabalho como professora na Escola Bíblica em Malche. Para elas, a fé era o combustível que possibilitava continuarem nessa jornada. Mais uma vez, percebemos a ideia de liberdade representada nesse momento pelo exercício da fé, ela está acima de qualquer estabilidade profissional e financeira. Não houve nenhuma jovem inscrita para o curso que elas ofereciam. O sótão da casa dos pais de Klara, conhecida como Casa Steinberg, havia sido todo adaptado para que as alunas pudessem se hospedar confortavelmente, assim como ela escreveu e repetiu muitas vezes nessas passagens, “em vão, tudo em vão”. (SCHLINK, 1995, p. 95). Ao menos agora, Klara poderia compartilhar com Érika seus conflitos e frustrações.

FIGURA 1 - Casa Steinberg 1947.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

Um novo trabalho surgiu para Klara, o MBK¹⁶, um grupo de estudo bíblico para meninas. Por meio de um convite vindo de uma professora, ela aceita aquilo que acreditava ser o “começo do plano divino, ainda oculto em nós, com relação à Irmandade Evangélica de Maria.” (SCHLINK, 1995, p. 96). Baseadas no versículo “porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar espera-o, porque, certamente, virá, não tardará.”¹⁷

Em 1936, Klara é solicitada a substituir uma professora na Escola Malche por apenas três meses, nesse período com o falecimento da professora, ela precisou permanecer por mais tempo. Érika cuidava sozinha em Darmstadt do MBK, vivendo sem nenhum recurso, relata que passou por uma grande pobreza, “através do castigo e sofrimento Deus nos levou aos caminhos que mais tarde trilharíamos voluntariamente em amor por Ele, na Irmandade de Maria – o caminho da fé e da pobreza, o caminho do Cordeiro.” (SCHLINK, 1995, p. 102).

Em 1939, Klara iniciou um trabalho como conferencista itinerante da Sociedade Missionária para Muçulmanos, apesar de poder estabelecer moradia fixa, e assim continuar acompanhando Érika no trabalho com a MBK, ela viajava muito. No dia 23 de maio de 1943 escreveu em seu diário.

Depois de dormir uma hora e meia, fomos acordados pelas sirenes de aviso. Os canhões antiaéreos estavam atacando violentamente e descemos todos para o porão. Embora o ataque fosse na cidade vizinha, as portas todas sacudiam quando as bombas caíam. Quando voltamos para a cama às 3 horas, eu simplesmente não conseguia dormir. Estava aterrorizada e só pensava na situação dos habitantes da cidade atacada. Não dormi um instante... (18 de junho de 1944). (SCHLINK, 1995, p. 112).

Klara registrava em seus diários os acontecimentos ao seu redor relativos à Segunda Guerra Mundial assim como seus desdobramentos nas cidades por onde passou. Em certa ocasião por incentivo de um pastor amigo, suas falas foram anotadas por um estenógrafo¹⁸, datilografadas e reproduzidas, sob o título “Como Vencer” com centenas de cópias distribuídas. Segundo Klara, foi nesse momento que o seu ministério como escritora começou. O desejo por realizar algo concreto para o que chamavam de “causa do Senhor”, fez com que ela acreditasse que contando um pouco de sua história e de suas experiências, poderia prestar auxílio espiritual às pessoas.

¹⁶ Não há definição para as iniciais MBK, na autobiografia ele é mencionado como um grupo de estudos bíblicos para meninas.

¹⁷ Habacuque 1: 2.

¹⁸ Indivíduo capaz de acompanhar na escrita a rapidez da fala, empregando a estenografia; taquígrafo.

1.3 “ENCONTRANDO A CHAVE”

O trabalho de Klara como conferencistas permitiu que ela aceitasse a convites para palestras e cursos, com isso conheceu muitos lugares e pessoas que seriam fundamentais para a formação da Irmandade. Foi durante algumas visitas a instituições religiosas que ela relata ter aprendido a entender e conviver com as mais diversas denominações religiosas. Uma das pessoas que ela menciona é o pastor Paul Riedinger de Absbach, cidade da Bavária na Alemanha, superintendente da igreja Metodista. Sua importância está no fato de que Paul nomearia a Irmandade e por tanto é considerado seu “pai espiritual”. Eram tempos ainda difíceis e os encontros com o grupo eram realizados sem janelas para as ruas devido à situação política, Klara escreve; “Foi ali, na tarde de 20 de julho de 1944, que ouvimos pelo rádio a notícia do atentado contra Hitler.” (SCHLINK, 1995, p. 123).

Klara relata que, constantemente haviam informantes em suas palestras e que mesmo assim, ela não se omitia em relação ao que a Palavra de Deus fala sobre os judeus, ou seja, a “posição de liderança no reino do milênio”. (SCHLINK, 1995, p. 124). Chegou a ser acusada e interrogada pela polícia secreta, a Gestapo por não reconhecer o “*Fuehrer*” como seu senhor.

Enquanto viajava palestrando, Érika cuidava do ministério MBK em Darmstadt que crescia e se fortalecia. Cerca de 150 pessoas participavam semanalmente, ao mesmo tempo, os conflitos na época do Socialismo Nacional continuavam intensos. Algumas meninas abandonaram o *Bund Deutscher Madchen* ¹⁹ para frequentar o MBK. A essa altura, Klara escreveu que já não sentia mais desejo em ser mãe ou de conhecer o amor humano, para ela Jesus era sua satisfação. O casamento nesse momento significaria a abdicação da liberdade e a subserviência. Como sujeito autônomo, não abriria mão de suas conquistas por uma relação que segundo Bourdieu é dominação aceita, “seria o amor uma exceção, a única, mas de primeira grandeza, à lei da dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque a mais sutil e a mais invisível desta violência?” (BOURDIEU, 2002, p. 64).

Relata também, estar em paz em relação aos seus conflitos interiores “liberdade ou legalismo, rejeição ou abertura ao mundo, espontaneidade ou unilateralidade que me causara tanta tristeza desde os meus 22 anos, estava agora resolvido.” (SCHLINK, 1995, p. 126).

¹⁹ Organização política para meninas durante o III Reich.

Na noite de 11 de setembro de 1944, a cidade de Darmstadt sofreu com um ataque aéreo destruindo quase que completamente a cidade. Klara estava em Wiesbaden e Érika permanecia cuidando dos trabalhos com o MBK, entretanto, muitas jovens saíram da cidade, pois haviam perdido as suas casas. Mesmo morando em longas distâncias as jovens demonstravam um desejo por continuar participando do grupo, o que significou para Klara um “avivamento” entre elas. Novos bombardeios aconteceram e mais pessoas morreram, uma grande crise se alastrou na cidade. Em meio a essa situação, as jovens do grupo juntamente com Klara e Érika tornaram-se cada vez mais próximas.

FIGURA 2 - Cidade bombardeada.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

Para elas, assim como está escrito no livro autobiográfico, esse foi o momento em que a Irmandade foi forjada para que se tornasse real. Foi também, graças a tomada de Darmstadt pelos americanos que o regime Socialista Nacional chegou ao fim e com ele todas as restrições feitas aos cristãos. Dessa forma, a Irmandade começou a tomar forma, as jovens passaram a se reunir todas as semanas e viviam de forma comunitária compartilhando suas experiências espirituais. Na figura 3, as jovens aparecem descontraídas esperando na estação de trem, suas bagagens demonstram que a convivência entre elas era intensa e ocorria durante vários dias.

FIGURA 3 - Meninas na estação de trem.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

Esse novo momento entre as jovens alegrou o coração de Klara e de Érika, que esperavam ansiosas pelo dia em que os grupos de estudo significassem uma porta de acesso a Deus, entretanto, esse também foi um período muito delicado e que atingiu proporções não esperadas. Os pais das jovens e a sociedade cristã de forma geral não compreendiam esse imenso desejo das jovens em buscar a presença de Deus e algumas pessoas começaram a acusar Klara e Érika de fanáticas, “todos se afastaram de nós, declarando que éramos “fanáticas”, “sectárias”, “católicas”, “pentecostais”, extremistas”, e que só falávamos em arrependimento.” (SCHLINK, 1995, p. 139).

Talvez essas acusações, essas reprovações, tenham também o significado de uma reação à atuação delas como mulheres autônomas e ativas, elas apresentam uma contra conduta. Suas atitudes são contrárias ao que se esperava de uma mulher, social, política e religiosamente falando. Entretanto, elas assumem uma postura ativa e contestadora do padrão estabelecido, não escolheram o casamento, nem a maternidade, dedicam-se à intelectualidade e ao ensino para mulheres. Consequentemente, os princípios ensinados fugiam ao que se preconizava como ideal. Ainda, como ressalta Perrot, “o saber é contrário à feminilidade. Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a Terra”. (PERROT, 2015, p. 91), percebemos assim um feminismo do saber, a partir do momento em que elas assumem um posicionamento livre e individual.

Rousseau ao escrever *Émile* (1762), descreve o ideal de educação feminina, apesar de muitas mudanças terem ocorrido, é possível perceber que o pensamento cristão contemporâneo à Klara e Érika ainda valorizava tais características,

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância. (PERROT, 2015, p. 92).

Mulheres que agiam contrariando tais padrões, através de conquistas do século XIX, o século do feminismo, tais como, o sufrágio universal, o acesso à educação e aos espaços de trabalho assustavam. ““O medo ancestral pelo Segundo Sexo”, pelo “terror de sua fisiologia cíclica, lunática”, nas palavras de Marilena Chauí.” (GONÇALVES, 2015, p. 34) estavam presentes na sociedade e a tentativa de controlar tais avanços gerou um grande número de manuais de etiqueta e de códigos de comportamento.

Em suas palestras Klara também era proibida de falar sobre alguns temas e devido aos constantes comentários que circulavam pelas igrejas e organizações cristãs, quase não recebia convites e Érika foi demitida da liderança do MBK. Em seu diário, Klara escreve “meus dias de viagem estão praticamente no fim e minha reputação é a pior possível. Os ministros daqui espalharam a notícia de que pertenço ao movimento pentecostal²⁰ ou a outra espécie de seita estranha.” (SCHLINK, 1995, p. 141).

Seitas estranhas normalmente estão associadas às mulheres. A Igreja frequentemente temeu as interpretações não dogmáticas que as mulheres podem fazer dos textos bíblicos. Discurso que vem da Idade Média: as mulheres são um desvio, elas são seres imperfeitos e por isso são perigosas. As mulheres quando atuam na Igreja podem apresentar esse desvio da verdadeira fé.

Um exemplo disso é o movimento das *beguinhas*, segundo Perrot, eram mulheres que viviam comunitariamente, movidas pela fé cristã, sobreviviam cuidando de doentes ou do trabalho como tecelãs. Não possuíam vínculos com ordens religiosas, dessa forma não estavam debaixo de nenhum controle e, portanto, eram consideradas perigosas,

A Inquisição as perseguiu: foi o que ocorreu com Marguerite Porete, mística culta e autora do *Miroir des âmes simples anéanties*, tratando do livre pensar, no qual ela ousava expressar concepções teológicas, dizer que o amor de Deus não passava necessariamente pelos sacerdotes. Ela compareceu diante do tribunal da Inquisição em Paris e foi queimada em 1310. (PERROT, 2015, p. 88).

²⁰ A expressão Pentecostalismo vem do termo Pentecostes, festa judaica mencionada no Antigo Testamento. No Novo Testamento o termo aparece com um novo sentido, quando no livro de Atos dos Apóstolos acontece a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos durante a festa de Pentecostes. Dessa forma o Pentecostalismo como uma expressão religiosa, está relacionado ao Espírito Santo e suas manifestações como, por exemplo, o falar em línguas estranhas e não à festa judaica.

Como medida para combater tais mulheres, consideradas feiticeiras, a Inquisição encomendou o livro *Malleus Maleficarum* dos dominicanos Kraemer e Sprenger em 1486. A publicação alertava sobre as práticas de feitiçaria e orientavam como agir diante disso, “Estima-se em cem mil o número das vítimas, sendo 90% de mulheres” (PERROT, 2015, p. 89). Suas principais acusações eram: ofender a razão e a medicina moderna, manifestar uma sexualidade desenfreada, estabelecer contato com o diabo, sendo filha ou irmã do diabo. “Ela é o diabo, seu olhar mata: ela tem mau olhado. Tem pretensão ao saber. Desafia todos os poderes: o dos sacerdotes, dos soberanos, dos homens, da razão.” (PERROT, 2015, p. 90).

Não é à toa que toda essa onda de reprovação fez com que Klara e Érika se reencontrassem com o Pastor Paul Riedinger, que segundo relata Klara, em momento algum duvidou da verdade que elas defendiam, ensinavam e viviam. Foi então que após conselhos e muitas orações, elas decidiram concretizar os planos de organizar uma Irmandade e no dia 4 de fevereiro de 1947 a Irmandade Evangélica de Maria recebe sua licença de funcionamento como clube para jovens, pelo Conselho Municipal da Juventude. De início organizavam-se na casa dos pais de Klara. Sete jovens decidiram se tornar irmãs e com a legitimidade de uma licença, muitas outras meninas procuraram a Irmandade, logo foi necessário um espaço próprio para desenvolver efetivamente esse trabalho.

FIGURA 4 - Grupo de estudos bíblico de meninas.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

1.4 DA JOVEM KLARA À MÃE ESPIRITUAL MADRE BASILEA

FIGURA 5 - Dr. Klara Schlink.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

Será que poderíamos chamá-la de Madre, uma vez que a senhora é nossa mãe espiritual? Todas as outras apoiaram a sugestão da jovem. Madre da Irmandade de Maria? Durante doze anos o Senhor me levava por caminhos de sofrimento e desilusão, preparando-me para essa tarefa. Queria encarregar-me desta comissão, com todas as suas alegrias, responsabilidades e trabalho, durante a segunda parte de minha vida. Mas parecia que não ia ser bem assim. (SCHLINK, 1995, p. 149).

Apesar das jovens demonstrarem esse desejo em chamar Klara de Madre, ela dirigia-se às irmãs como Dra. Schlink e Érika como Srt^a Madauss que tinha o cargo de Mestra das noviças. Nesse momento de formação da Irmandade, muitos amigos e ministros ao redor diziam não ser o papel de Klara assumir as irmãs como Madre, pois seu ministério consistia em palestrar, além disso, também acreditavam que a Irmandade deveria juntar-se a outras irmandades e não iniciar um grupo independente. Todas essas opiniões a deixavam confusa, pois tinha plena convicção do trabalho que deveria desenvolver.

Em 1948 Klara foi investida como Madre, ou seja, líder espiritual da Irmandade de Maria pelo Pastor Riedinger, nessa ocasião as primeiras irmãs, Érika e Klara receberam um hábito, além de também receber novos nomes. Madre Basilea. “Esse nome expressa a promessa do Senhor de que fomos remidos pelo Seu sangue, tornando-nos reis e sacerdotes (Apocalipse 1:5 e I Pedro 2:9).” (SCHLINK, 1995, p. 155). Os nomes que recebem como

irmãs têm a finalidade de expressar a vocação e o desafio que ela traz. Érika Madauss recebeu o nome de Madre Martyria.

FIGURA 6 - Madre Martyria e Madre Basilea.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

O recebimento dos dons carismáticos, como Basilea coloca, fez com que muitos a perseguissem e duvidassem da vocação da Irmandade. Viam a organização como uma tentativa de dividir a Igreja e pensavam que elas tornar-se-iam católicas romanas.

Cristãos recebiam ordens de queimar meus livros, porque eu “tinha o demônio”, e tudo que eu escrevera era supostamente demoníaco. Todos eram desencorajados, quando não proibidos até de entrar em nossos jardins.” (SCHLINK, 1995, p. 159).

As demais comunidades acreditavam que as irmãs de Maria haviam deixado a Igreja. Temiam também o “reavivamento”, pois acreditavam que os jovens questionariam regras vigentes seguindo por outros caminhos. Na realidade, Madre Basilea e a Irmandade não tinham os dons carismáticos como base para sua espiritualidade, elas buscavam

um relacionamento profundo de amor a Jesus, que nasce de uma atitude incessante de contrição e arrependimento. Fonte de toda vida espiritual no Senhor. Como já dissera Martinho Lutero, a vida do cristão deveria consistir de uma experiência diária de contrição e arrependimento, e esta era a característica predominante de nossos grupos de jovens e posteriormente da Irmandade de Maria. (SCHLINK, 1995, p. 160).

Outro fator que contribuiu para que a Irmandade e suas práticas fossem rejeitadas na comunidade cristã, foi a sua postura ecumênica. Para as Irmãs, tratava-se de estabelecer a unidade da Igreja cristã, independente de denominações.

Ecumenismo é uma palavra nova sem equivalente na Bíblia, acusando um déficit nas Igrejas hoje. *Exprime o desejo pela "Igreja toda", pela recuperação da plena catolicidade que em nenhuma das instituições se encontra de forma acabada.* Exatamente por isto, a palavra "ecumênico" passa a qualificar determinada mentalidade. Consiste na consciência do vínculo que há entre todos que professam o nome de Jesus Cristo, e da necessidade da reconciliação entre as Igrejas divididas. Pois a unidade das Igrejas e de seus membros é anterior às suas divisões. A unidade está em Cristo. Ela é dom antes de ser tarefa. Não cabe ao ecumenismo construir ou *produzir* a unidade. Cabe-lhe, isto sim, *visualizar* a unidade que em Cristo já existe.” (BRAKEMEIER, 2001, p. 200).

A Irmandade Evangélica de Maria, se auto intitula interdenominacional, pois acredita na unidade que existe em Jesus Cristo e, portanto, desde a sua fundação atua de forma independente, sem vínculo institucional. Atualmente, no Brasil, tal característica ainda é mantida e é seguida como um dos princípios essenciais. As Irmãs valorizam o bom relacionamento com as religiões de matriz judaico-cristãs e frequentam costumeiramente desde templos católicos à Sinagogas. Um dos pilares da Irmandade também é reforçar o princípio bíblico, segundo o qual, defende a ideia de que os judeus são o povo escolhido por Deus, além de que, como uma dívida histórica, acreditam na necessidade de uma reparação devido ao holocausto judeu.

Nem sempre essa postura é interpretada positivamente por demais organizações monásticas, igrejas e instituições religiosas. A independência feminina, como já mencionado anteriormente, mesmo na atualidade, é considerada por muitos, rebeldia, uma quebra nos padrões organizacionais e nos papéis de gênero no âmbito religioso.

Em 1952, Madre Basilea escreveu que acreditava ter recebido um chamado de Deus para o recolhimento, um longo período de solidão e recolhimento, sobre esse momento ela escreve para suas “filhas”,

Ouçam a voz do noivo: “Estou esperando vocês”. E o que é que Ele espera? Pouquíssimas pessoas são chamadas a uma vida de recolhimento, mas uma coisa Ele pede claramente de cada uma de vocês: o seu amor... Somente aqueles que abandonam o que lhes é mais caro receberão o maior de todos os dons, que pode fazer-nos mais felizes do que qualquer outra coisa no céu ou na terra – Jesus e Seu amor. Este amor não cai do céu por acaso, mas vem de todos que entregam tudo que têm a Jesus.... Não se prenam a qualquer amor humano que escravize. Não o encorajem, pois matará o seu amor puro a Jesus ou impedirá seu crescimento. Jesus não nos dá seu amor se nosso coração está dividido. Então que lhes custe alguma coisa experimentar este amor irresistível e maravilhoso que Jesus tem para vocês. (SCHLINK, 1995, p. 180).

Para Basilea, esse seria um enorme sacrifício pessoal por amor a Jesus. No seu recolhimento, restou à Basilea a liderança espiritual da Irmandade, enquanto Madre Martyria

assumiu a liderança física. Em situações especiais elas se encontravam, também costumava escrever para suas “filhas” quando era necessário entregar-lhes alguma orientação.

O princípio de sacrifício descrito pela Madre pode ser relativizado, talvez para a sua personalidade e características a vida de uma esposa e mãe pudessem caracterizar um sacrifício muito maior. Percebemos ao longo de sua trajetória, que sua satisfação pessoal estava em viver a sua fé livremente, podendo consequentemente exercer as funções que desejava, como a escrita, as viagens, a liderança. O discurso que ela constrói sobre si é de uma pessoa que abdica do individual em nome de Deus, mas essa não é necessariamente a verdade: o caminho da fé pode ser uma forma de afirmação individual e de perseguição aos desejos íntimos dela.

Entretanto, ser protagonista de sua própria história, pensando no contexto social e religioso em que viveu Klara e depois, mesmo como Madre Basilea, nos permite pensar nas inúmeras dificuldades e preconceitos que ela, como mulher, precisou enfrentar. Talvez seja na condição de enfrentamento de padrões sociais, históricos, culturais e políticos que tenha existido sacrifício.

Em sua autobiografia ela ainda relata as inúmeras viagens que fez durante sua vida, escreve sobre as dificuldades enfrentadas diante da construção da matriz da Irmandade na Alemanha a “Terra de Canaã”. Escreve também sobre problemas não apenas financeiros, mas sobre os anos de 1958 e 1959 quando várias irmãs adoeceram e algumas faleceram devido a doenças como o câncer. Madre Basilea em outros momentos, enfatiza que seu maior desejo era, não ser apenas uma teórica, mas ser assim como o apóstolo Paulo ou como São Francisco de Assis, que são exemplos para os cristãos de homens que abriram mão de suas vidas e buscaram viver na prática o evangelho e o amor sacrificial por Jesus Cristo. Em seus livros, ela relata que sempre buscou partilhar dos sofrimentos de Cristo. Para suas “filhas” esse princípio ainda é presente, elas acreditam que o lugar mais próximo à Cristo é em Seu sofrimento, ou seja, na Sua crucificação. Mais uma vez, ela coloca a ideia do sacrifício como um princípio básico para alcançar o amor de Deus.

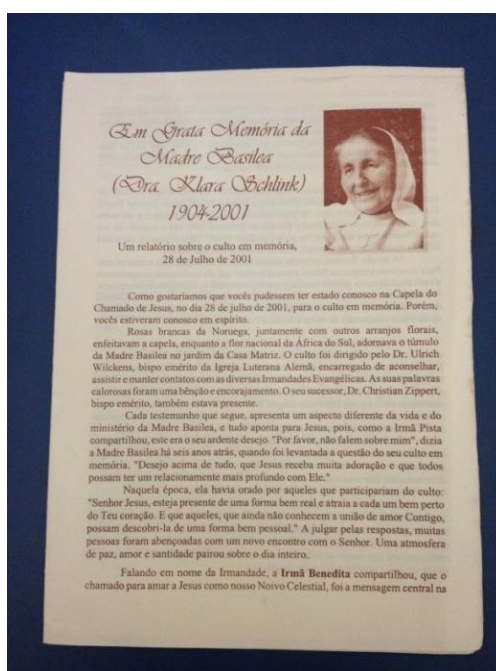
1.5 COLOCANDO A CASA EM ORDEM

Todo aquele que “põe em ordem a sua casa”, primeiro observa se existem rachaduras ou buracos, porque se a casa deve permanecer firme, mantendo o seu valor, é preciso que seja reparada constantemente. Esse foi o fardo espiritual que o Senhor colocou em meu coração pela Irmandade de Maria. (SCHLINK, 1995, p. 422).

A partir de 1970, Madre Basilea apesar de ter um grande desejo de continuar suas viagens a outros países levando suas mensagens, já com sinais de doença deixou-as de lado e passou a se organizar para que tudo pudesse continuar bem após a sua morte. No penúltimo capítulo de sua autobiografia “Descem as sombras da noite (1970-1973)” ela descreve que seus sentimentos em relação à morte e a vida eterna hora eram de alegria, hora de medo. Seu desejo era que todo o trabalho desempenhado ao longo de sua vida pudesse ter continuidade, para isso buscou orientar Madre Martyria e suas filhas espirituais. Continuou divulgando suas mensagens através de um programa de rádio que alcançava inúmeros lugares. Depois desse período em que acreditava estar chegando logo o momento de despedida, Madre Basilea ainda realizou diversas viagens e delas produziu muitos livros, os quais serão abordadas no capítulo dois.

No dia 28 de julho de 2001, foi celebrado na Alemanha na Capela “Chamado de Jesus” um culto em memória a morte de Madre Basilea (21 de março de 2001), com a publicação de um folheto (figura 7) que descreve alguns aspectos de sua personalidade destacados por pessoas importantes com quem ela conviveu. Segundo o que contam as Irmãs de Maria, Madre Basilea sempre sofreu de duas enfermidades, reumatismo e fraqueza física, sua morte veio com a idade avançada e pouco se fala sobre o assunto, para as Irmãs, a presença da Madre é muito forte, e seu legado, construído a partir de sua escrita faz com que sua história e suas experiências influenciem a vida de muitas pessoas.

FIGURA 7 - Folheto em memória de Madre Basilea.



FONTE: A autora.

O culto em sua homenagem foi dirigido pelo bispo emérito da Igreja Luterana Alemã Dr. Ulrich Wilckens. O irmão Sylvestro responsável pelos Irmãos Franciscanos de Canaã destaca que Madre Basilea teria sido um exemplo em relação à vida religiosa quando decide entregar-se ao compromisso com a obra de Deus,

Madre Basilea recusou a aceitar do governo alemão, o “*Bundesverdienstkreuz*” (Honra ao Mérito), concedido como reconhecimento por contribuição política, econômica ou intelectual pela reconstrução da Alemanha. Para ela, a coroa de espinhos, motivo do Símbolo da Irmandade, não era somente um emblema: era um estilo de vida. No entanto, se não fosse pela Madre Martyria, nunca teríamos ouvido falar deste incidente.²¹

O pastor Hans-Jörg Dittmann, que apesar de não ter conhecido pessoalmente Madre Basilea, destaca algumas características de sua vida que o impressionaram ainda quando criança durante os ensinamentos na escola dominical no ônibus azul²² (ver figura 19) e através de outras irmãs, como o cuidado com os pobres, a prática da oração, a busca pela unidade cristã, a “cura” do passado em relação ao Holocausto, e sua tentativa de gerar arrependimento e perdão em Israel. Destaca ainda a importância da Irmandade na Aliança Evangélica de Darmstadt, onde Basilea almejava, apesar das diferentes denominações, unir os cristãos da cidade através da comunhão entre indivíduos que partilhavam da mesma fé. Compartilhando a mesma visão, buscavam alcançar um objetivo ainda maior: a superação dos pecados e a reconciliação entre os povos. Percebemos novamente o princípio ecumênico da Irmandade.

“Comunhão cristã, para ser autêntica precisa necessariamente sanar feridas produzidas por motivos étnicos, econômicos, culturais ou outros. O membro da Igreja não deixa de participar dos conflitos de sua respectiva sociedade. Vive num só mundo, como cristão e como cidadão. Por todas essas razões, a construção da unidade entre pessoas cristãs deve andar de mãos dadas com o saneamento básico das relações humanas, com perdão e superação de pecados, com o empenho por paz e justiça social, por um mundo mais humano. O mesmo se aplica às instituições eclesiais.” (BRAKEMEIER, 2001, p. 204).

Gottfried Brakemeier destaca como fundamental a atuação do cristão como um cidadão ativo, como indivíduo que se preocupa com a realidade em que vive, e ainda, que se importa com os sofrimentos e dificuldades das pessoas ao seu redor. Muitos religiosos, condicionados ao pensamento polarizado entre o santo e o profano, se isolam em suas comunidades e fecham os olhos aos problemas sociais de seu contexto. O que fica evidente através desse relato, é que durante sua trajetória, Madre Basilea, não foi uma mulher simplesmente espiritual, ela foi socialmente ativa e esteve atenta ao que aconteceu ao seu

²¹ Folheto “Em grata memória da Madre Basilea (Dra. Klara Schlink) 1904-2001, pág. 2.

²² A Irmandade possuía na Alemanha um trabalho que era realizado em comunidades carentes, onde, em um ônibus azul, as irmãs ensinavam as crianças sobre o Evangelho de Jesus Cristo.

redor. Não se deixou calar diante do que considerava errado, e com base nos princípios cristãos buscou, por exemplo, a reconciliação entre judeus e alemães.

Outro relato que merece destaque é o do senhor Benjamin Berger, sobrevivente do Holocausto, que conseguiu retomar a convivência com os alemães após ter conhecimento da Irmandade de Maria e do seu trabalho de reconciliação, sobre Madre Basilea ele descreve,

Percebi a sua profunda união com Jesus. Quando nos falava dos sofrimentos de Jesus, eu sentia como ela partilhava Sua dor. E quando nos falava da Sua alegria, eu sentia como se regozijava junto com Jesus. Nunca antes experimentei algo semelhante. Foi um incentivo para amar a Jesus como nosso Noivo Celestial. Tendo vivido agora durante 30 anos em Israel, posso dizer que as bênçãos espirituais que temos recebido através dela, nos têm acompanhado todo esse tempo.²³

Sobre o constante desejo de Madre Basilea em concretizar o pedido de Jesus nas escrituras, “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.”²⁴ Quanto ao que se refere a unidade cristã, Gerhard Gabel, como católico, conta que certa vez quando pensava em deixar a Igreja Católica, Madre Basilea o advertiu que como cristão seu papel era manter-se no lugar onde Deus o havia colocado, não sendo necessário que ele deixasse a sua igreja.

O médico Dr. W. Günter Gassner também testemunhou que ela o havia ajudado a fortalecer sua fé e que muito o espantava o fato de Madre Basilea não demonstrar suas dores e doenças. Assim também, a Dra. Inge Scharrer que acompanhou os últimos anos de vida de Madre Basilea, bem como o desenvolvimento de sua doença, considerada rara. Ela destaca nesse sentido a resistência em relação aos sintomas da doença e a paz que irradiava mesmo em situações complicadas.²⁵

De forma geral, o folheto apresenta pontos de vista de pessoas próximas à Irmandade sobre a trajetória de Madre Basilea, as Irmãs de Maria ainda destacam o seu papel de mãe sacrificial que “[...] ama a cada filho tenazmente e acima da capacidade do seu próprio coração. Alegremente ela escolhe ser ferida em seu próprio coração para nutrir seus pequeninos...”.²⁶

Acredito que, através da descrição de tais depoimentos, é possível perceber que Madre Basilea conseguiu o destaque que intimamente almejava, por mais que seu discurso fosse o da busca exclusiva por Jesus. A jovem Klara nos mostrou que, como mulher, ela necessitava de algo a mais. Uma mulher enérgica que não se contentaria em viver algo comum, ela sabia que sua personalidade poderia fazer mais, e através da religião, e do amor intenso que sentia por

²³ Folheto “Em grata memória da Madre Basilea (Dra. Klara Schlink) 1904-2001, pág. 4.

²⁴ João 17: 21.

²⁵ Folheto “Em grata memória da Madre Basilea (Dra. Klara Schlink) 1904-2001, pág. 5.

²⁶ Ibidem, pág. 7.

Jesus Cristo, conseguiu perpetuar uma imagem de si. A formação da Irmandade e sua permanência e expansão, a escrita dos diversos livros e sua divulgação em inúmeros países e sua atuação como líder demonstram que Klara, mesmo em suas inquietudes sabia o que queria e o que poderia ser.

2. VIAGENS QUE APROXIMAM E COMPÕEM

A escrita como um sistema de linguagem age muitas vezes, como um meio de expressar aquilo que não se pode dizer verbalmente, fala do vazio, da lacuna, da incerteza que paira no intelecto de um indivíduo. Ao expressar no papel aquilo que vem à cabeça, quem escreve descobre-se nas suas próprias palavras. Quem nunca se surpreendeu ao se deixar transparecer nas folhas de um diário, ou ainda, na postagem de uma rede social? O ato de escrever é libertador, uma fabulação, um romance ou quem sabe, uma história épica, enfim, seja qual for o gênero, ou o quão real ele possa ser, a escrita e sua compreensão devem caracterizar-se pela sua função de produzir sentido para quem a escreve e também para quem a lê.

A escrita de autoria feminina, como uma das categorias de análise desse trabalho, reitera o princípio de produção de sentido, ao passo que permite às mulheres, histórica e socialmente silenciadas, expressar seus pontos de vista, suas experiências e expectativas. Percebe-se recentemente um aumento de produções que abordam tal temática, seja no campo da História, da Literatura, das Letras entre outras áreas do conhecimento. A busca pela história de mulheres escritoras revela uma realidade que têm possibilitado mudanças nas relações entre o masculino e o feminino.

Ao analisar o que as mulheres escreveram, uma nova representação do ser mulher pode ser considerada, afinal, com o estabelecimento de um cânone literário masculino, o ideal de mulher, sua história e suas práticas foram construídas através de tal perspectiva obviamente masculina. Amplificar as vozes antes silenciadas, é um grande passo para que as mulheres continuem constituindo sua dignidade perante a sociedade, alcançando posições sociais e principalmente, desconstruindo padrões e modelos misóginos e patriarcais, que durante séculos representaram as mulheres e as colocavam em condições dependentes e de subserviência aos homens.

Na França, no século XVII, as mulheres já atuavam ativamente nos salões literários como leitoras e como escritoras, tal século ficou marcado ao legitimar o primeiro cânone literário e ao colocar a literatura num alto nível social. As práticas de leitura e de escrita nesse momento, permitiram que novas concepções de vida e de sociedade fossem constituídas através dos conflitos sociais, gerados a partir das relações entre homens e mulheres. Outro fator que também contribuiu para o desenvolvimento dos espaços letrados, foi a evolução nas formas de impressão, que permitiram a circulação de diversos materiais e, portanto, um maior

acesso aos livros e consequentemente, o crescimento do número de alfabetizados. (ZECHLINSKI, 2012).

Na França, conforme Chartier, as assinaturas dos noivos nos registros paroquianos demonstram que entre 1686-1690, 29% dos homens e 14% das mulheres assinavam, taxa que cresceu no século XVIII para 48% e 27%, respectivamente. Vemos que há uma diferença marcante entre homens e mulheres, o que foi constante em toda a Europa durante o Antigo Regime, mantendo-se sempre entre 25 e 30% a vantagem masculina. Porém, é preciso levar em consideração que, embora os homens assinassem mais, isso não demonstra necessariamente que eles também liam mais. O fato das mulheres não assinarem não significa que elas não liam, já que a educação das meninas em sua grande parte incluía o aprendizado da leitura, mas não o da escrita. (ZECHLINSKI, 2012, p. 30-31).

O discurso literário está carregado de características que se forma a partir da mentalidade e do posicionamento social. Atualmente, a discussão sobre Gênero tem problematizado a atuação das mulheres nos mais variados aspectos da sociedade, evidenciando suas participações e permitindo que novas compreensões sejam feitas, a partir de suas perspectivas e experiências.

A exclusão histórica da autoria feminina no campo institucional da literatura foi resultado de práticas políticas no campo do saber que privilegiaram a enunciação do sujeito dominante da cultura, o sujeito declinado no masculino. A produção de autoria de mulheres sempre colocou os críticos do passado na defensiva, por várias razões, entre elas o puro preconceito de uma sociedade atrelada a valores patriarcais, para não dizer machistas, que reservava à mulher o papel mais edificante e, a propósito, visto como mais condizente com suas capacidades mentais, ou seja, a de reprodutora da espécie. Assim, a criação cultural da mulher sempre foi avaliada como deficitária em relação à norma de realização estética instituída, obviamente, do ponto de vista masculino. (TEIXEIRA, 2008, p. 19-80).

Dessa forma, as experiências femininas na literatura, sob a perspectiva de um cânone literário ortodoxo, foram negligenciadas e sua participação nesse campo limitou-se, muitas vezes aos papéis de musa ou criatura. Enquanto prática institucionalizada, a autoria feminina não era aceita, pois a interpretavam como produção inferiorizada, um fator decorrente da falta de formação educacional consistente e da concepção errônea de que, intelectualmente, as mulheres eram inferiores. Entretanto, pode-se destacar, ainda no século XVII, na Europa, exemplos de mulheres que se sobrepuseram à organização estabelecida e conseguiram destaque atuando como escritoras em espaços literários, mesmo que nessa época a escrita para as mulheres fosse considerada uma atividade inútil.

Muitas tinham acesso à leitura, poucas, porém, à escrita. Um exemplo é o caso de Madeleine de Scudéry que se destacou por ter sido a primeira mulher a receber uma pensão real como escritora, vale ressaltar que para que uma mulher conseguisse alcançar um espaço nas redes institucionais, era preciso que, primeiramente, o público reconhecesse o seu trabalho. No caso de um homem, a aceitação do público seria o último estágio para o seu

reconhecimento. Outro exemplo é o de Catherine de Vivonne-Savelli, a Marquesa de Rambouillet (1588-1665), que foi a responsável pela abertura de um dos primeiros salões parisienses, o Hôtel de Rambouillet ou *la chambre bleu* (o quarto azul). (ZECHLINSKI, 2012).

Os salões foram espaços que colocaram em evidência as mulheres sábias, onde elas puderam romper barreiras ao seu crescimento intelectual e desenvolver a sua capacidade crítica, formular opiniões e debater os temas do conhecimento de igual para igual com os homens. (ZECHLINSKI, 2012, p. 46-47).

Os salões, diferentemente das academias, foram espaços que, durante os séculos XVII e XVIII aceitaram a atuação das mulheres nas discussões e produções literárias. Tal participação só ocorreu devido a ambição de mulheres que almejavam alcançar novas posições em meio a sociedade, porém, é preciso ressaltar o fato de que isso não ocorreu sem contestações.

Homens participantes de academias não gostavam de ter a sua autoridade nos assuntos do conhecimento humano questionada por mulheres, que, aliás, não tinham a mesma formação que eles e por isso mesmo estavam mais abertas para ideias novas. Também não aprovavam o domínio que elas exerciam na organização dos encontros e no desenrolar das reuniões. (ZECHLINSKI, 2012, p. 47).

A sociedade, a política, a medicina a religião e outras áreas que influenciam o pensamento, mesmo diante de mudanças ocorridas durante o renascimento, não foram suficientes para mudar o posicionamento misógino que teimava em classificar as mulheres na inferioridade e na incapacidade. Movimentos iniciados por mulheres surgiram com o objetivo de contestar o discurso da época. “A *Querelle des femmes*, duradouro debate sobre as qualidades e os defeitos das mulheres e o papel delas na sociedade, pode ser vista como a origem de uma tradição do pensamento feminista.” (ZECHLINSKI, 2012, p. 51). Assim como, “por volta de 1643 [...] teve início um fenômeno provocado por escritoras e mulheres sábias, as “preciosas”, [...] modificou completamente o cenário dos debates intelectuais durante esse período.” (ZECHLINSKI, 2012, p. 52).

Compreender a atuação das mulheres nos ambientes literários, bem como suas atividades leitoras e escritoras é fundamental para conceituarmos a escrita de autoria feminina, afinal, seus olhares sobre os fatos, suas motivações para escreverem, suas lutas, seus enfrentamentos, suas expectativas e vivências são o que as caracterizam enquanto autoras femininas.

Em 1960, também como uma forma de movimento de mulheres pela busca por igualdade, surge a crítica literária feminista. Inicialmente, buscou-se diferenciar a escrita de autoria feminina, para a escrita de autoria masculina, levando em consideração aspectos essenciais da constituição da “função autor”, emprestando o conceito desenvolvido por

Chartier (2012) e não apenas tendo como base características ditas femininas e masculinas. Ao criar uma crítica feminista um novo parâmetro poderia ser utilizado para a análise das obras, diferentes do tradicional pensamento masculino. A rejeição a esse movimento ocorreu, conforme o que escreveu Sandra Gilbert (1985) ao ser citada por Natalia Helena Wiechmann,

a indiferença é a forma mais comum e incômoda de rejeição e se revela no comportamento da maioria dos acadêmicos que não reconhecem a existência da crítica literária feminista como um movimento intelectual significativo para os estudos literários [...] Para a estudiosa, a rejeição em qualquer uma dessas formas expõe uma visão tradicional de uma parcela da academia que define o trabalho da crítica literária feminista como irrelevante para o desenvolvimento dos estudos literários [...] (WIECHMANN, 2013, p. 2-3).

Atualmente, a crítica literária feminista, mesmo diante de inúmeras tendências, metodologias e impasses principalmente entre as correntes francesa e norte-americana, conseguiu desenvolver uma teoria e firmar a sua voz ganhando respeito e aceitação no cenário literário. (WIECHMANN, 2013, p. 3).

Wiechmann (2013), ainda apresenta a divisão que Elaine Showalter propõem para a crítica literária feminista: as leitoras e as escritoras. Segundo ela, inicialmente a preocupação está na análise da mulher enquanto leitora e nesse ponto as feministas questionavam também, a representação da mulher em obras clássicas, com um caráter revisionista, houve a tentativa de desconstruir estereótipos retirando as mulheres de uma zona marginalizada, onde eram normalmente representadas numa realidade passiva e doméstica.

Não devemos reduzir a literatura a uma mera representação de atitudes, crenças e valores patriarcais, e sim interpretá-las como o espaço no qual se articulam e se materializam as posições sociais de homens e mulheres ao longo dos séculos. (BELLIN, 2011, pág. 4).

A ginocrítica, como o segundo aspecto de análise da crítica feminista, problematizou diversas questões quanto às obras escritas por mulheres. Por um lado, a valorização da abordagem dos espaços domésticos e da vida íntima e por outro a desvinculação da mulher com a escrita de romances sentimentais que foi intensa durante o século XVIII. Diante de um cânone masculino, tais abordagens não eram consideradas sérias ou relevantes, mas com o apoio de novas abordagens de pesquisa e de produção, aspectos antes jamais analisados, receberam atenção. A cultura feminina, seus problemas e desafios passam a ser reconhecidos como produtores de sentido que geram significados entre a sociedade.

Showalter reforça que dentre as várias abordagens possíveis da crítica literária feminista é importante conceber que,

a ênfase recai, em cada país, de forma diferente: a crítica feminista inglesa, essencialmente marxista, salienta a opressão; a francesa, essencialmente psicanalítica, salienta a repressão; a americana, essencialmente textual, salienta a expressão. Todas, contudo, tornaram-se ginocêntricas. Todas estão lutando para

encontrar uma terminologia que possa resgatar o feminino das suas associações estereotipadas com a inferioridade. (SHOWALTER, 1994, apud WIECHMANN, 2013, p. 5).

A partir de 1970, a mulher torna-se centro de estudo em várias áreas do conhecimento. O discurso feminista contribui para que, por exemplo, os estudos das mulheres despontassem na história, na crítica literária, nas ciências sociais, abordando-as nos seus aspectos histórico, psicológico, social, entre outros.

Nesse contexto, surgiram perguntas de como seria e o que caracterizaria uma escrita feminina. Foi em resposta a essa indagação que a feminista Hélène Cixous cunhou o termo *écriture féminine*. Ela afirmou ser a escrita feminina algo revolucionário porque rompia com as estruturas opressivas e convencionais da linguagem e do pensamento masculino. De acordo com este conceito, houve discussões da escrita feminina, dando espaço a abordagens importantes, como o estudo do gênero.

Uma escrita feminina não é a escrita que simplesmente fala sobre mulheres; homens sempre escreveram sobre mulheres, sem necessariamente produzirem uma escrita feminina. Diversos são os autores que escrevem textos cuja sensibilidade é marcadamente feminina. A escrita feminina busca o menor, o microscópico, perpassa pela leveza estranha, pela delicadeza trágica, a sua política é a da subjetividade. (TEIXEIRA, 2008, p. 81).

O feminino e o masculino são construções discursivas, a diferença entre os sexos, serviu para organizar o mundo, com base em concepções de gênero. Portanto, quando classificamos ou separamos o que pertence ao universo masculino ou feminino, acabamos por legitimar um discurso que valoriza o oficial, tradicional e/ou patriarcal. Quando buscamos separar, jogamos o jogo da dicotomia, aceitamos a ideia de que a separação é fundamental para a vida em sociedade. Dessa forma, optou-se por identificar a escrita de mulheres não apenas como feminina, mas como de autoria feminina. O objetivo não é legitimar o discurso de que existam características masculinas ou femininas, mas sim, de reforçar a experiência de quem escreve como elemento essencial.

Para Michel Foucault em seu texto “A escrita de si”,

o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um "corpo" (*quicquid lectione collectum est, stilus redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional. Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recolção das coisas ditas. (FOUCAULT, 1992, p. 133).

A escrita consegue fazer renascer o autor e transparecer suas características e experiências na narrativa. Assim sendo, não posso deixar de pensar nos livros escritos por Madre Basilea e aí me refiro não apenas a sua autobiografia, mas em toda a sua obra como uma expressão de sua trajetória de vida. Cada assunto abordado nos livros, cada viagem e aprendizado que veio como consequência delas são elementos que juntos constroem a autora.

Não apenas isso, mas há também a construção de um grupo de mulheres a partir das experiências dela, a Irmandade Evangélica de Maria consolidou-se das suas ideias e de suas experiências com o sagrado. Não podemos excluir desse processo a contribuição de Madre Martyria e até mesmo das várias irmãs que passaram pela Irmandade, mas Basilea claramente destaca-se e é reconhecida por todas as demais como um exemplo de vida. Muitas que não conviveram com ela, ou pessoas quem nem sequer pertencem à Irmandade utilizaram de seus escritos para perceber isso. Com sua escrita, ela construiu a si mesma como esse exemplo, ela intencionava por ser um exemplo para as jovens que liderou e conseqüentemente para aqueles que a leem.

Como já mencionado anteriormente, Madre Basilea iniciou o seu “ministério literário”, como assim chamava, após a transcrição de uma de suas palestras. Basilea achava que não tinha “dom de escrever”, mas após perceber que existia um grande interesse por seus textos ela e Madre Martyria decidiram fazer novas cópias desse material, inicialmente com o sistema de mimeografia e impressão simples.

Os seus três primeiros livros destinados à publicação foram “*Dem Überwinder die Krone*”²⁷, “*Das königliche Priestertum*” (O Sacerdócio Real) e “*Gewissensspiegel*” (O Espelho da Consciência). A princípio elas os distribuíram gratuitamente, o que encareceu consideravelmente os custos de novas edições, a solução foi produzir as impressões na própria Irmandade, receberam então como presente uma máquina Offset. Com a máquina a impressão passou a ser realizada na “Casa Principal”, dois outros livretos foram editados “*Macht des Gebets*”, e “*Hats Du Mich Lieb*”. Os livros seguintes foram escritos durante seu período de recolhimento.

Foi surpreendente que eu tivesse recebido esse encargo de Deus – eu que nunca gostei muito de escrever, e que sempre achei ser tarefa de homem. Além disso, sabia muito bem que não tinha talento literário, e sendo assim, só poderia escrever à medida que o Espírito Santo me dirigisse. (SCHLINK, 1995, p. 203).

Apesar de crer ter recebido inspiração divina, Basilea relata que buscava sempre experimentar daquilo que escrevia, ou que seus escritos já eram resultados de momentos vividos, pois acreditava que somente através da experiência suas palavras seriam genuínas.

Com o aumento dos pedidos, logo a “casa publicadora de Canaã” comprou mais cinco máquinas além de diversas outras casas serem abertas no exterior. Basilea atribuiu ao seu isolamento toda a inspiração para a produção de mais de cem títulos, atualmente seus principais livros foram traduzidos em cerca de trinta idiomas.

²⁷ Os títulos em alemão não receberam tradução para o Inglês, por isso aparecem com o título original.

Madre Basilea fez também inúmeras viagens e delas resultou o livro “Legado Espiritual” que atualmente é impresso fracionado em nove partes. Nessas viagens, ela visitou alguns líderes cristãos, e com isso buscou a reconciliação, já que muitos haviam se colocado contra a Irmandade e àquilo que Madre Basilea escrevia. Em alguns desses encontros, Madre Basilea foi duramente criticada pela sua literatura,

Frases isoladas eram retiradas do contexto, sem consideração do total do escrito e de sua mensagem como um todo, e eu me sentia incapaz de explicar que estava preocupada com a proclamação bíblica da sua totalidade. (SCHLINK, 1995, p. 215).

Em certa ocasião, outra organização religiosa impôs que a Irmandade de Maria se unisse a ela, pois “seria desobediência às ordens da Bíblia Sagrada, se nós, como mulheres, tentássemos executar nossa comissão sem sermos afiliadas a uma organização que estivesse sob a liderança de homens.” (SCHLINK, 1995, p. 233). Ao recusar, Madre Basilea relata ter sido acusada de orgulho por não se submeter a um “corpo de crentes”. Desde a sua fundação, ela acreditava que a Irmandade deveria caminhar de forma independente. No ano de 1966, um evangelista falou sobre Madre Basilea e a Irmandade em uma reportagem:

A fim de apoiar suas afirmações de que éramos “demoníacas”, ele citou várias coisas: “tendências católicas”, nossas “peças religiosas”, “muita oração e até jejum”, nossa “vida de arrependimento, pobreza e obediência”, a “palavra de aviso” nos meus escritos, os “dons carismáticos de profecia e falar em línguas”, e que na nossa Irmandade, atividades missionárias, em vez de enfermagem, estavam em primeiro lugar. Além disso, a reportagem continha a observação: “Paulo diz: ‘quem não quiser trabalhar que não coma também’”. E o que fazem as irmãs de Maria? Em vez de ganhar seu pão de cada dia com o trabalho de suas mãos, elas têm diversões religiosas”, com oração, jejum e teatros (referindo-se às nossas peças heráldicas) e outras coisas assim... (SCHLINK, 1995, p. 389).

Nesse caso Madre Basilea inclusive cita que depois dessa reportagem uns grupos de pessoas que também se opunham à Irmandade juntaram-se a esse evangelista e escreveram um livro que foi distribuído em várias livrarias cristãs contra a Irmandade. Um livro anterior a esse expunha as mesmas ideias e dizia o seguinte:

Com a Mariolatria, o espírito prostituto da deusa do amor e fertilidade, aliado a um Cristo perpetuamente crucificado e sangrando, procura infiltrar-se na fileira dos crentes protestantes. É o “espírito de Moloque”. (SCHLINK, 1995, p. 390).

Diante dessas acusações muitos que eram consumidores fiéis da literatura de Basilea passaram a desacreditar dos seus escritos e como ela relata,

Amigos nossos recebiam cartas avisando que eu era a maior herege inspirada pelo demônio, que deveriam cortar todos os laços que tinham conosco e não ler mais os meus livros. Vez após vez foram aconselhados a queimar meus livros. De modo que mesmo em lugares onde havia falta de literatura cristã, como na Alemanha Oriental, os livros eram lançados ao fogo. (SCHLINK, 1995, p. 391).

Tais acusações caracterizaram uma recepção negativa aos seus escritos, isso tem relação direta com sua postura de liberdade, independência e autonomia. Isso incomodava

instituições mais tradicionais que percebiam que Madre Basilea não se constituía apenas como uma autora, mas também como uma autoridade no cenário cristão, e sua postura, muitas vezes condenável pelo pensamento mais conservador não a queriam como um exemplo para suas comunidades, sobretudo para as mulheres.

Em 1970, novas acusações passam a ser feitas, após a morte desse evangelista, um “discípulo” assume o seu lugar de imposição à Irmandade, com isso, novamente inúmeros compradores fixos deixam de solicitar literatura. Seu objetivo era combater a suposta teologia liberal e o fanatismo religioso que acreditava estarem presentes na Irmandade. Entretanto, dessa vez, alguns cristãos ficaram a favor da Irmandade, programas de rádio voltaram a aceitar a programação da Irmandade e o livro publicado em 1965 pelo evangelista foi rejeitado em várias organizações cristãs. Uma carta pastoral foi escrita e assinada por vários ministros, seu principal conteúdo era que a literatura de Madre Basilea teria ajudado muitas pessoas a encontrarem os caminhos de Jesus Cristo. Muitas idas e vindas, momentos de ataques e de defesas, isso foi constante em toda a trajetória da Irmandade, entretanto, Madre Basilea em inúmeros momentos escreve que acreditava ser na perseguição e no sofrimento que ela poderia expressar sua inteira dedicação de vida à Jesus, assim como ele fizera em seu sacrifício de cruz. “Nessa comunhão com ele eu encontrei a mais profunda realização para a minha vida.” (SCHLINK, 1995, p. 451).

Em maio de 1953, Madre Basilea fez uma de suas mais importantes viagens, a partir do que acreditava ser um pedido de Deus, ela foi até o Papa Pio XII para falar sobre o último pedido de Jesus, descrito no evangelho de João 17: 21, sobre a unidade cristã. Assim, almejava a amizade e união das diversas religiões, acima de tudo, que elas pudessem atuar unidas como uma só igreja. Todo o processo anterior à viagem foi muito difícil, afinal depois de receber tantas críticas, Basilea estava receosa com a possibilidade de falar ao líder supremo da Igreja Católica, além de ser extremamente difícil conseguir uma audiência particular com o Papa, isso era completamente inusitado antes do II Concílio Vaticano (1962-1965). Enfim, como resposta ao pedido, Basilea não apenas conseguiu a audiência particular, mas também a ajuda financeira e estadia em Roma. Ao apelar que houvesse união entre as igrejas cristãs, mas principalmente entre protestantes e católicos, o Papa a respondeu perguntando “E esse realmente era o desejo do Salvador?” (SCHLINK, 1995, p. 239). Após essa visita, a perseguição dizendo que a Irmandade buscava tronar-se católica aumentou, Basilea ressaltava que sua única intenção era buscar estabelecer uma aliança entre os cristãos, cada qual em sua denominação fazendo-se cumprir os mandamentos de Jesus.

Passados alguns anos, as livrarias católicas voltaram a aceitar a literatura da Irmandade de Maria e novas portas foram se abrindo, como nas igrejas anglicanas, ortodoxa-grega, na Escandinávia Luterana e em diferentes denominações na América.

2.1 COMISSÃO ISRAEL

Por volta de 1955, Madre Basilea relata ter orado por direções de Deus em relação a Israel, considerado seu povo escolhido na perspectiva bíblica, nessa ocasião em sua oração ela pediu,

Desperta almas entre o Teu povo escolhido, Israel, para que Te amem como uma noiva, a fim de que possam estar contigo na Cidade de Deus, em cujas portas estão escritos os nomes das Doze Tribos De Israel (Apocalipse 21: 12). E, por favor, uma visita a Israel. (SCHLINK, 1995, p. 244).

Devido à grande perseguição e morte dos judeus durante a segunda guerra mundial, as irmãs já haviam estabelecido diariamente momentos de oração destinados a esse povo, agora passaram também a visitar àqueles sobreviventes que estavam na Alemanha e assim conseguiram estabelecer uma relação amigável após o processo de reconciliação. As irmãs de Maria como alemãs viam nessa ação um processo reparador e de sua inteira obrigação.

A viagem também foi realizada após receberem uma carta convidando-as a conhecer Israel, devido à grande guerra, um alemão só conseguiria um visto para a viagem se possuísse uma carta convite, e assim foi possível realizá-la. Em Israel, Madre Basilea e Madre Martyria puderam expressar seu pedido de perdão pelo mal causado contra os judeus na Alemanha. Em março de 1957 duas das irmãs de Maria foram enviadas a prestar serviço voluntário como enfermeiras em Israel, esse trabalho tinha também a intenção de remir o crime da nação alemã. Após essa viagem, Basilea escreveu o livro *“Israel – Gottes Frage na uns”* e também *“Israel, Mein Volk”* (Israel, meu povo escolhido). Ambos foram bem aceitos por cristãos e judeus. (SCHLINK, 1995, p. 249). Uma peça de teatro também foi escrita em 1956 e apresentada no *Deutscher Evangelischer Kirchentag*, um encontro nacional de protestantes alemães que ainda acontece anualmente²⁸. Uma casa, pequeno ramo da Irmandade foi fundada em Jerusalém, *Beth Abraham*. Esse fato aconteceu junto ao julgamento de Karl Adolf Eichmann²⁹ em 1961.

²⁸ Web site do encontro: <https://www.kirchentag.de/>.

²⁹ [...] Adolf Eichmann foi um dos responsáveis pela logística da “Solução Final”, um eufemismo para designar o extermínio de indivíduos considerados indesejáveis para o III Reich. Em seu cargo, Eichmann era o responsável pela realização de tratados de “deportação” de judeus entre 1937 e 1941, até ser incumbido da missão de transporte destes aos campos de concentração, com a deliberação da Solução Final na conferência de Wannsee.

Apesar dessa aproximação inicial os livros de Madre Basilea não foram bem recebidos em Jerusalém,

Naquela época meus livros não podiam ser publicados em hebraico moderno, e as edições alemãs e inglesas tinham pouca saída nas livrarias. Além disso, tornou-se perigoso mostrar interesse por eles. Numa feira de livros em Jerusalém uma guarda policial foi enviada para guardar nosso “stand”. Fosse qual fosse o assunto que eu abordasse, havia pouco resultado.” (SCHLINK, 1995, p. 253).

Com o passar do tempo, Madre Basilea passou a ser reconhecida pelo ato de reconciliação e seus livros começaram a circular com maior impacto entre os judeus.

No início da Guerra dos Seis Dias, “*Die Stunde des Messias*” (A hora do Messias), um livro que eu havia escrito em Israel muitos anos atrás, de repente passou a ser muito procurado. Excertos eram gravados em fitas e colocados à disposição de todos, sendo grande o interesse. Meu livro “*Sinai heute*” de repente se tornou popular, pois o Monte Sinai passara a atrair a atenção e o interesse de todos os israelenses. Um livro que eu escrevera especialmente para Israel depois da Guerra dos Seis dias, “*Jerusalems willen*” (Por Amor de Jerusalém, Não Descansarei) alcançou muitos corações. Ofereceram-se para traduzir meus livros em hebraico moderno, e foi um judeu quem publicou “*Realitaten*” (Realidades) e a primeira parte da minha autobiografia em hebraico moderno. O chamado ao arrependimento em “*Wendepunkt*” (Ponto de Retorno) um folheto que eu escrevera para a Europa depois que a Tchecoslováquia foi invadida em 1968, foi impresso em Israel por amigos holandeses. Nove jornais israelenses publicaram o texto em seis diferentes línguas. Alguns meses mais tarde um judeu proeminente me disse: “Desde o judeu ortodoxo, até o jovem moderno do Kibbutz, todos atenderam às suas palavras; alguns até carregam o jornal nos bolsos. Por intermédio dessa mensagem você alcançou os corações de muitos em Israel.” (SCHLINK, 1995, p. 254-255).

O livro “*Heiliges Land - heute*” (A terra Santa hoje) foi uma compilação de textos devocionais, canções e mensagens para os peregrinos em Jerusalém. Algumas peregrinações foram guiadas pelas irmãs e placas heráldicas foram fixadas em lugares específicos com a intenção de transmitir uma mensagem mesmo quando não houvessem visitas guiadas. A Irmandade passou a receber cartas de peregrinos falando sobre as mensagens que as placas transmitiam.

[...] Em 15 de dezembro, a corte deu o veredicto e a sentença de Eichmann: morte por enforcamento [...]. (PEREIRA, p. 20-24).

FIGURA 8 - Placa heráldica.



FONTE: A autora.

FIGURA 9 - Placa heráldica 2



FONTE: A autora.

Em 1962 uma casa no Monte das Oliveiras *Beit Gaudia Dei*, tornou-se um centro espiritual para os peregrinos. Nos Alpes Suíços também foram fixadas mais de cem placas com versículos bíblicos e canções. Assim como na Bavária em Rossfeldalm perto da Áustria, um monumento também foi colocado e em vários outros lugares como em Parques nos Estados Unidos, no Grande Canyon, na Floresta Oden na Alemanha Ocidental, em Ghana, na ilha de Heligoland ao norte da Alemanha, na Argentina, em Assissi na Itália, na Suíça, Himalaya, na Grã-Bretanha e em diversos outros pontos turísticos. (SCHLINK, 1995, p. 303-304).

“*Das Ende is nah*” (Eis que Ele vem) escrito em 1960 buscava alertar as pessoas sobre a volta de Jesus e o grande julgamento, anunciando assim o fim dos tempos, segundo relatos descritos no Novo Testamento, “Sofrimento indescritível enche o mais profundo do meu ser. Nunca tive que sofrer tanto para escrever um livro...” (SCHLINK, 1995, p. 320). Ao escrever esse livro Madre Basilea relata que chegou a se perguntar quem o leria, por já ter sido tão perseguida e criticada, afinal o livro abordava um assunto polêmico. Uma peça teatral também foi escrita abordando o mesmo tema. Sempre que sentia a necessidade de escrever, voltava ao isolamento e lá, relata que esperava uma inspiração que acreditava vir do Espírito Santo.

Nessa época para os protestantes a mensagem do fim dos tempos e até mesmo o livro de Apocalipse eram vistos como uma espécie de lenda, raramente se ouvia falar disso dentro das igrejas, sendo chamada inclusive de “profetiza do juízo”, “Como mulher, achava especialmente difícil ter escrito tal literatura e ter dado o consentimento para a sua distribuição; contudo, sentia que era esta a vontade de Deus.” (SCHLINK, 1995, p. 323). Ainda com essa temática, Basilea também escreveu uma série de folhetos que tratavam de acontecimentos atuais “Hoje, um tempo como nenhum outro”, “Mundo em Revolta”, “Nunca antes na história da Igreja”, “Poluição – Há uma resposta”, “Contagem regressiva para o Desastre Mundial – Esperança e proteção para o futuro”, “A véspera da perseguição”, entre outros. (SCHLINK, 1995, p. 323).

Apesar de realizar diversas viagens, Madre Basilea considerava em sua autobiografia a viagem ao Monte Sinai a mais importante. Ficou durante semanas no Mosteiro Ortodoxo de Santa Catarina construído pelo imperador bizantino Justiniano I no século VI numa região desértica, atualmente é considerado o mosteiro cristão mais antigo ainda em uso. Madre Basilea e uma irmã que a acompanhava foram recebidas pelos monges greco-ortodoxos e puderam experimentar como relata Madre Basilea a provisão diária de Deus já que contavam com doações para se alimentarem. Nove anos depois dessa viagem, uma placa heráldica também foi colocada no Monte Sinai. Após seu retorno à Irmandade, Madre Basilea inicia a escrita do livro “*Und Keiner wolltees glauben*” (Esperança para o Homem num mundo desesperado) que alertava para que as pessoas se voltassem aos mandamentos de Deus, era o fruto de sua viagem ao Monte Sinai.

Mesmo reconhecendo a importância dessas viagens, não apenas na sua produção literária como para o conhecimento e contato com outras culturas e povos, para Basilea as viagens começaram a se tornar um peso.

Recebemos, entretanto, uma cruz para que possamos morrer para nós mesmos. Quando estava com quarenta e poucos anos, no auge da minha vida, eu tinha ido à reclusão por amor a Jesus e agora que já estava com mais de sessenta, sem energia teria que fazer longas e cansativas viagens? (SCHLINK, 1995, p. 349).

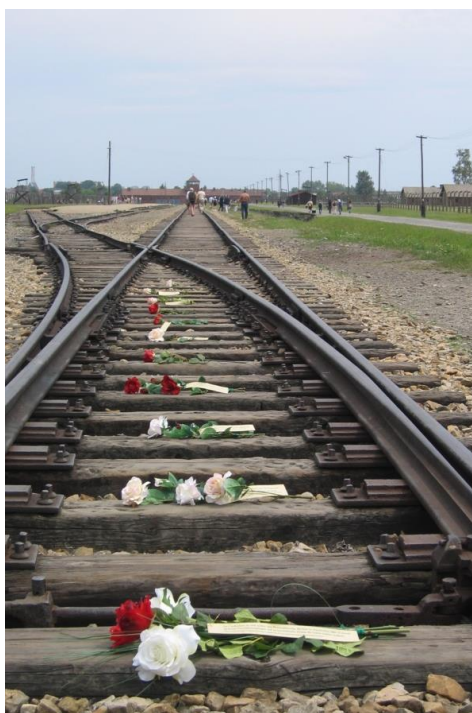
A primeira delas nesse sentido foi à América do Norte, Canadá e Estados Unidos e em seguida costa leste e oeste. Visitou organizações e igrejas luteranas, presbiterianas, episcopais e católicas, assim como sinagogas e na União das Congregações Hebraico-Americanas. Apesar de algumas críticas e da maneira rápida como as conferências aconteciam, fazendo inclusive Basilea se perguntar se realmente estava sendo ouvida. O interesse pela literatura era grande, mais tarde a Irmandade abriu no Arizona em Phoenix uma filial “Canaã no Deserto” e por fim duas casas publicadoras foram abertas nos Estados Unidos, reproduzindo até seis

livros ao ano. (SCHLINK, 1995, p. 351-353). Sua próxima viagem foi à Polônia e Tchecoslováquia sua intenção era assim como fez em Israel, humilhar-se pedindo perdão pelo crime que sua nação cometeu.

Visitamos o local do Ghetto Warsaw, a antiga prisão de Pawiak e Auschwitz, também o antigo centro de concentração em Theresienstadt, e em Lidice (o local de uma aldeia arrasada por nosso povo alemão) encontrei com os oficiais principais que ficaram comovidos com o propósito da nossa visita. Como em Auschwitz, colocaram os símbolos da nossa reparação nos seus museus, em locais onde milhares de visitas passam. (SCHLINK, 1995, p. 358).

Na figura 10, nos trilhos de trem de Auschwitz, local por onde passaram milhares de judeus rumo ao sofrimento e morte, vemos as flores e mensagens deixadas pelas Irmãs de Maria, reforçando o princípio de reconciliação e, portanto, de reparação pelos prejuízos causados a essa nação pelos alemães.

FIGURA 10 - Auschwitz.



FONTE: Acessado em http://www.kanaan.org/wp-content/uploads/Hist_Isr-alle-Rosen-7.jpg
Acessado em 07/01/2016.

Convidada por um bispo da igreja do sul da Índia, Madre Basilea pôde palestrar para mais de mil pessoas, nessa ocasião o seu livro *“Immer ist Gott grosser”* (Deus é sempre maior) foi publicado em Tâmil, a língua local e os presentes na palestra o receberam. Em outro momento, Basilea participou de outra palestra que contou com cerca de três mil pessoas, sendo boa parte de hindus e que ao final aproximadamente trezentas pessoas foram à frente no momento de apelo e aceitaram a Jesus, num ato de reconhecimento do sacrifício de Jesus pelo

perdão dos pecados humanos. Posteriormente, outras obras foram também traduzidas em outras línguas indianas como telugu, malaiola, híndi e canarês.

O livro “*So wird man Anders*” (Nunca mais serás o mesmo) em substituição do livro “*er kampf denn recht*” que a seu ver havia falhas e por isso foi reescrito diz respeito ao pecado humano. Ainda sobre esse assunto, em 1964, Madre escreveu um artigo intitulado “*in alle Welt*” (A todo o mundo) que resultou em um folheto “O que podemos fazer?” Ele foi distribuído nas portas dos cinemas de filmes obscenos como “O Silêncio”³⁰ e “491”³¹. Ainda nesse ano o grupo “A Cruz Branca” que abordava assuntos relacionados à ética cristã, sexualidade convidou a Irmandade de Maria para aconselhamentos. Esse assunto que muito preocupava cristãos de diversas denominações possibilitou o recolhimento de cinquenta mil assinaturas e formando posteriormente o Movimento *Sorge um Deutschland* (Preocupação com a Alemanha) onde fora escolhido o livro de Madre Basilea “Esperança para o Homem num mundo desesperado” como norteador desse movimento, sendo entregue a diversas autoridades participantes. Tudo isso aconteceu na tentativa de – como escreve Basilea – vencer o pecado e a imoralidade sexual alertando a Alemanha da necessidade de se voltar aos ensinamentos cristãos. O movimento também atuou dando orientações e ensinamentos bíblicos a alunos de escolas e universidades na tentativa de conter o que ela chamava de revolta estudantil. Em 1969 o movimento recebe o nome de “Jovens Cristãos na Ofensiva” a literatura de Madre Basilea servia de apoio aos jovens alcançados pelo movimento.

Em outra ocasião Madre Basilea escreve dois folhetos contra peças teatrais que estavam sendo apresentadas em vários lugares e que para ela eram ofensivas à figura de Jesus Cristo. Intitulados “Uma resposta a Godspell: ... às custas de quem?” (Edição britânica), “Jesus blasfemo novamente” (Edição americana) e “Um resposta a Superstar: Jesus zombado hoje.” (SCHLINK, 1995, p. 435).

Um programa de rádio também foi desenvolvido pela Irmandade, mesmo sem experiência e capacidade técnica para isso, as irmãs conseguiram em estúdio próprio desenvolver esse feito. Intercalando músicas, orações e leitura de seus livros os programas rendiam muitas cartas e donativos. Mais tarde o programa passou a ser transmitido também em outras rádios e em outros países. Um filme foi gravado contando um pouco sobre o trabalho em Canaã e sobre a Irmandade de Maria, as próprias irmãs montaram todo o script.

³⁰ O filme O Silêncio (*Tystnaden*, Suécia, 1963) direção de Ingmar Bergman além de abordar o incesto e o lesbianismo, apresenta muitas cenas de nudez feminina e de sexo.

³¹ 491 de Vilgot Sjöman também é um filme sueco, lançado em 1964 e que causou grande revolta na comunidade cristã. Cenas de estupro foram os motivos pelos quais o filme foi proibido em diversos países.

Muitos lugares demonstraram interesse em transmitir o filme pela TV, como Índia, Taiwan, Filipinas, Estados Unidos, Austrália entre outros lugares.

2.2 ALCANÇADOS PELO AMOR DIVINO

A edição brasileira de 2008 contém 24 páginas, sua versão original em alemão “*Vom Strom der göttlichen Liebe erfasst*” foi editada em 1993 a partir de uma palestra ministrada por Madre Basilea na Capela da Casa Matriz. Inicialmente, ela apresenta ao leitor a imagem de Deus como um ser repleto de amor, um amor incondicional, imutável, um amor que beneficia a todos inclusive aos descrentes e que é manifestado também nas correções, ou seja, além da compreensão humana, também ressalta os mandamentos deixados por Jesus Cristo, “Amarás, pois, o Senhor, nosso Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”³². Assim, ela acreditava que era necessário ao homem retribuir a Deus o amor que recebe Dele e da mesma forma também amar ao próximo sem ressentimentos e ainda alertava que isso deveria ser praticado no cotidiano, para isso cita alguns exemplos de sua vida, o que reforça novamente a construção de si de um exemplo a ser seguido.

Ela apresenta o amor de Deus como o mais supremo dos seus atributos, para Madre Basilea essa é a solução para os problemas da atualidade. Esse amor - segundo a crença cristã, baseada nos escritos do Novo Testamento - é transmitido através do filho Jesus Cristo que morreu e ressuscitou redimindo os pecados do mundo. Ao final do livro algumas súplicas e orações sobre o assunto encerram a mensagem.

Vale ressaltar que a ideia de amor incondicional, não exclui o princípio de pecado e, portanto, o discurso cristão relaciona o conceito de amor ao conceito de arrependimento e dessa forma, a evangelização e o processo de reconciliação pregados pela Irmandade estão condicionados aos princípios fundamentalistas cristãos.

2.3 A NOIVA DE JESUS CRISTO

Sua primeira edição em alemão “*Braut Jesu Christi*” é de 1989, a edição utilizada foi a brasileira de 1990 com 63 páginas, organizada em treze capítulos além de Índice, foi traduzida em 12 diferentes línguas.

³² Marcos 12: 30-31.

Escolhida para ser a Noiva de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus. Chamada para a Ceia das Bodas do Cordeiro. Para mim, nada é tão maravilhoso, tão precioso, como este aspecto da vida cristã. Por isso, este opúsculo não é uma apresentação intelectual sobre o que significa ser noiva de Jesus Cristo, porém, um testemunho da minha vida baseado nas Sagradas Escrituras.” (SCHLINK, 1990, p. 5).

Sua experiência nesse sentido teve início quando relata ter tido uma visão do Cristo crucificado, com isso, veio o amor esponsal por Ele. Toda a dedicação que Basilea demonstrou pela vida religiosa sempre despertou opiniões das pessoas que a rodeavam, alertavam-na dos perigos do fanatismo religioso e ela, como já mencionado no primeiro capítulo, em conflito, encontrava-se entre seu intelecto e a negação do mundo.

O amor entre noivos é comparado ao amor entre a igreja e Deus no Antigo Testamento e também o é comparado entre Jesus e a igreja no Novo Testamento, isso aparece em diversos trechos bíblicos. Assim, para Madre Basilea, ela ligação esponsal era a chave que a ligava ao coração de Deus, o amor de noivos que a permitiu viver o seu trabalho na Irmandade de Maria por toda a sua vida. Dessa forma, nesse livro Madre Basilea busca auxiliar àqueles que acreditam ter “chamado” para uma vida de noiva de Cristo.

[...] e agora eu gostaria de poupar a muitos, especialmente aos jovens, os anos de busca e o tempo perdido devido às advertências daqueles, que, embora sendo crentes, não conheciam o segredo da noiva do Cordeiro, o segredo do primeiro amor por Jesus. Evidentemente é preciso cuidar para que esse amor da noiva não seja misturado com fatores emocionais ou com impulsos reprimidos. Tendo estudado psicologia estou bem a par desses perigos. Porém, exatamente por isso posso testemunhar. O primeiro amor, o verdadeiro amor da noiva por Jesus, não tem nada a ver com essas coisas! O primeiro amor é simplesmente baseado no arrependimento, o que significa reconhecer e arrepender-se dos seus pecados, e rompendo definitivamente com eles. (SCHLINK, 1990, p. 10).

Nesse amor esponsal Basilea destaca o desejo de seguir a Jesus por completo, negando desejos comuns a maioria das pessoas, casar e ter filhos, portanto, dessa forma, muitos se voltam ao celibato, como é o caso das irmãs de Maria. No livro, Madre Basilea escreve sobre algumas mulheres que mesmo casadas eram completamente devotas a Jesus.

Entre as personagens femininas mais relevantes da história da Igreja, haviam muitas mulheres casadas que amavam o Senhor com o amor esponsal. Uma delas era Madame de Guyon, que viveu no século XVII, e cujos escritos são uma bênção para muitos até hoje. Totalmente devotada ao Senhor, ao mesmo tempo, ela cumpria suas obrigações familiares de uma maneira exemplar. O grande amor a Jesus lhe deu as forças para permanecer fiel em circunstâncias muito difíceis e até na perseguição. (SCHLINK, 1990, p. 21).

A mensagem das bodas do cordeiro, ou seja, o encontro entre Jesus e sua noiva, a igreja, e tudo o que nela ocorrerá são baseadas nas Escrituras Sagradas, nos livros dos profetas, como Isaías e no livro de Apocalipse, algumas passagens de Paulo também são mencionadas. O livro apresenta alguns detalhes de como será o relacionamento de Jesus com a Noiva durante a Eternidade e qual será o papel dela. Madre Basilea escreve convicta de que

esse deve ser o caminho a ser trilhado por aqueles que expressam o amor esponsal por Jesus para ela, as Sagradas Escrituras são fontes fielmente confiadas e servem de bússola direcionando sua vida espiritual.

“Quem não toma a sua cruz e vem após mim, não é digno de mim” (Mateus 10: 38). Por essa razão, uma noiva de Jesus está determinada a seguir o caminho da cruz com Ele, quaisquer que sejam as consequências. As cruzes poderão ser doenças, humilhações, desejos não realizados, desgraça, decepções – ou ter que conviver com pessoas difíceis e aprender a suportá-las em amor. (SCHLINK, 1990, p. 48).

Novamente os sofrimentos se mostram úteis a vida cristã, para Madre Basilea àqueles que buscam uma vida de tranquilidade e paz, com constantes alegrias não escolheram pelo caminho da cruz, portanto não poderão ser noiva de Cristo no tempo das Bodas do Cordeiro.

A pobreza e a entrega total se expressam também em suas vestimentas, um hábito simples que as deixam todas iguais e que traz praticidade para o dia-a-dia, com um cordão amarrado à cintura para lembrá-las diariamente do seu compromisso com Jesus Cristo. A passagem por uma cerimônia onde recebem uma aliança como símbolo desse compromisso e um novo nome as caracterizam ainda mais como noivas de Jesus Cristo. Semelhante ao matrimônio, quando a noiva troca alianças com o noivo e recebe o seu sobrenome, as irmãs de Maria se utilizam dessa analogia feita entre a igreja e Jesus e dedicam suas vidas ao sacerdócio.

FIGURA 11 - Irmãs de Maria.



FONTE: Disponível em

http://www.kanaan.org/wpcontent/uploads/ewpt_cache/960x0_95_3_c_FFFFFFF_4d9bfb62d4a13286343a6e022c4814ed.jpg. Acessado em 07/01/2016.

2.4 MARIA: O CAMINHO DA MÃO DO SENHOR

“*Maria – der Weg der Mutter des Herrn*”, seu título no original alemão editado em 1960, recebeu sua segunda edição em português, totalmente revisada em 1995, com 124 páginas organizadas em oito capítulos e um epílogo.

Inicialmente, descrita a passagem do evangelho de Lucas 1: 26-38 que fala sobre a anunciação de Maria como mãe do filho de Deus, Basilea descreve Maria como uma mulher eleita por Deus para receber uma importante missão, transformar o Deus em Ser Humano, também apresenta essa mulher como a portadora daquele que traria a Salvação ao mundo em comparação à Eva, que habitou o paraíso, era a mãe de todos e por sua desobediência à Deus promoveu a separação do homem e de Deus através do pecado. Duas mulheres biblicamente importantes que em direções opostas agem e geram consequências envolvendo toda a humanidade.

O livro ainda aborda os momentos vividos por Maria, segundo relatos das Escrituras até o nascimento do menino Jesus. Maria vivia em uma sociedade que punia mulheres que engravidassem fora de um casamento, Madre Basilea escreve sobre a angústia que deveria ter passado, pensando nos seus parentes e no seu noivo José, ambos iriam desprezá-la e duvidariam de sua concepção santa. Nesse sentido, Maria é considerada, e assim escreve Madre Basilea, como a primeira discípula de Jesus, ao compartilhar dos seus sofrimentos. Nesse livro, de forma geral, toda a trajetória de Maria como mãe de Jesus é descrita conforme o que contam as Escrituras Sagradas. Demonstrando dessa forma, que Maria esteve sempre disposta a servir ao plano de salvação que Deus tinha para os homens, dando em sacrifício o que é de maior valor a uma mãe, o seu filho.

Segundo as palavras de Martinho Lutero descritas no epílogo do livro:

O que são todas as servas, servos e senhores, príncipes e monarcas da terra em comparação com a Virgem Maria, que é de linhagem real e, além disso, a mãe de Deus, a mulher mais sublime de toda a terra? Depois de Cristo ela é a joia mais preciosa de toda a cristandade. Nunca ela poderá ser suficientemente exaltada: a suprema imperatriz e rainha, exaltada sobre toda a nobreza, sabedoria e santidade. (SCHLINK, 1995b, p. 117).

Madre Basilea tinha a intenção de fazer com que o meio evangélico pudesse assim como orienta Lutero, amar e honrar à Maria como uma mulher escolhida e que soube submeter-se aos desígnios de Deus, possibilitando assim a vinda do Salvador.

Entre nós, os evangélicos, há muita admiração para com os apóstolos Paulo e Pedro, e nós os honramos pelas suas vidas como discípulos de Cristo. Somos especialmente gratos ao apóstolo Paulo, sabendo que sem ele a mensagem de Jesus não teria chegado até nós, às nações gentílicas. Cheios de gratidão exaltamos os mártires, cujo

sangue é a semente da igreja. Contudo, quantas vezes esquecemos de ser gratos à Maria! (SCHLINK, 1995b, p. 121).

Com base nesse exemplo de vida de Maria, as irmãs procuram viver de acordo com o que a Bíblia descreve ser a vida de um discípulo. Identificam em Maria, segundo os relatos bíblicos um exemplo de mulher que se sujeitou ao desejo de Deus ao conceber um filho e novamente, ao perdê-lo em sua morte, essa entrega e devoção que as irmãs desejam seguir como exemplo. Madre Basilea também se encaixa aqui como figura forte, corajosa e autônoma. Acredito que no momento em que ela ressalta Maria como uma mulher dentre muitos homens reconhecidos por suas vidas de devoção à causa cristã, ela volta também para si a possibilidade de ser compreendida como um exemplo.

2.5 O SEGREDO DA ORAÇÃO: EM TODAS AS SITUAÇÕES DA VIDA

Em edição brasileira revisada de 2006, o livro de 39 páginas possui treze capítulos. Sua primeira edição em alemão data de 1969 e tem como título *“Mein Beten”*.

É possível anotar todas as bênçãos que tenho experimentado através deste livro, Leio-o de maneira diferente que outras publicações. É como se alguém estivesse diante de mim, falando pessoalmente comigo. Encontrei aqui a resposta para todos os meus problemas.” – Um leitor. (SCHLINK, 2006, contracapa).

Este livro tem a intenção de servir como uma espécie de guia para o hábito da oração do cristão. Como sempre, Madre Basilea intercala nesse livro algumas situações que viveu, expondo assim suas experiências como encorajamento ao leitor e isso fica explícito quando uma resposta do leitor é colocada na contracapa do livro. Os principais assuntos abordados são: os momentos de dificuldade na vida das pessoas como períodos de necessidade, desânimo, medo e ansiedades. Ela também ensina que a oração deve ser praticada em momentos de pecado, de dificuldades na caminhada cristã, em prol de outras pessoas, como uma conversa diária com Deus e em gratidão às respostas e vitórias.

Para Madre Basilea a oração é a prática mais importante para um cristão, é através dela que ele tem contato com Deus e pode exercitar a sua fé. Em sua caminhada, os momentos de oração foram essenciais principalmente na produção de sua literatura, pois ela atribui a Deus as mensagens transmitidas em seus livros.

2.6 ISRAEL: O MEU POVO ESCOLHIDO

Na primeira edição de 1958 em alemão chamava-se *“Israel, Mein Volk”*, na edição brasileira de 1996 possui 143 páginas divididas em índice que aborda a trajetória da autora e o prefácio. Os capítulos estão organizados em três partes, na primeira intitulada “O tempo de aflição de Israel. O tempo de Culpa de nosso povo” são oito capítulos. Na segunda parte “O momento decisivo no plano de Deus para com Israel: o desafio de Deus às nações” contém cinco capítulos e a última parte “O caminho de Deus com Seu povo escolhido” contém apenas dois capítulos. O livro encerra com “Um testemunho pessoal” extraído do capítulo “Israel, o povo de Deus” da autobiografia de Madre Basilea.

Como membro da “Igreja Confessa” grupo que dentro da igreja evangélica não aceitou as exigências de Hitler no contexto da segunda guerra mundial na Alemanha e recusou o parágrafo ariano que exigia a exclusão das judias cristãs no Movimento Cristão Estudantil Feminino, o qual Klara Schlink era líder nacional, Madre Basilea agora escreve em defesa ao povo de Israel e sobre toda a sua representação no contexto Bíblico.

A mensagem de arrependimento pelo crime nacional contra os judeus teve um impacto decisivo na consciência cristã da Alemanha, mudando grandemente a atitude em relação aos judeus, conforme atestaram eminentes clérigos. (SCHLINK, 1996, p. 9).

No prefácio escrito pelas irmãs de Maria de Curitiba, elas apresentam a mensagem principal do livro que a princípio fora escrito para os alemães, entretanto, hoje o consideram essencial a todos os cristãos, já que o arrependimento, perdão e reconciliação são princípios básicos do cristianismo. Ainda destacam que essa mensagem passa a ser adaptada conforme o contexto em que ela está sendo divulgada, como no Brasil sobre os casos de exploração de negros africanos e indígenas.

Em relação aos judeus, que é o cerne do livro, a recusa dos diversos países em relação aos refugiados judeus em 1938 foi como um apoio ao que Hitler faria depois de alguns anos. Ainda é fato que as irmãs defendem a ideia inscrita nas Escrituras Sagradas de que Israel é um povo escolhido e que por isso precisa ser protegido e amado por todos os cristãos. Ela trata do estigma que foi criado para o judeu, de que ele não era capaz de trabalhar dignamente, que gostava de acumular fortunas de trabalhos imorais, etc. Desde a Idade Média, os judeus sofrem com calúnias e perseguições, entretanto foi entre 1933 e 1945 que esse povo teve o maior de seus sofrimentos.

Segundo o que escreve Zigmunt Bauman, “vivemos num tipo de sociedade que tornou possível o holocausto e que não teve nada que pudesse evitá-lo” (BAUMAN, 1998, p. 111) e

justifica essa realidade pela substituição de uma responsabilidade moral, por uma responsabilidade técnica, onde “a conclusão geral é que o modo de ação burocrático, tal como desenvolvido no curso do processo civilizador, contém todos os elementos técnicos que se revelaram necessários à execução das tarefas genocidas” (BAUMAN, 1998, p. 128). Dessa forma, o autor acredita que a modernidade, o processo civilizador, no âmago de uma ordem social construída racionalmente ou na busca por uma “melhoria da realidade”, tornaria possível um Estado pleno de recursos e um consequente enfraquecimento da democracia, o que abre portas para movimentos tais como o holocausto.

Contrastando a essa dura realidade, Madre Basilea escreve sobre a vida em Israel. Em 1948, Israel era um recém fundado Estado judeu e para ela era admirável perceber tradições praticadas cotidianamente pela população como o guardar do sábado, as inscrições bíblicas em locais importantes e até mesmo uma competição bíblica entre os judeus. Nessas pequenas coisas ela diz conseguir perceber a expressão do amor por Deus.

Com o livro, Madre Basilea procura mostrar aos leitores que o antissemitismo carrega argumentos superficiais e descabidos e que isso ocorre devido a um grande ódio contra Deus, confirmando assim o que está escrito nas Escrituras Sagradas sobre a perseguição contra Deus no fim dos tempos em vários livros do Novo Testamento. Para justificar essa atitude, ela apresenta algumas divisões ainda no âmbito da Igreja Primitiva quando houve novamente a separação de judeus e gentios.

Como então chegamos a tais conclusões distorcidas e não-escriturais sobre a atuação de Deus para com os judeus? Nossa arrogância fez-nos cegos e incapazes de formar uma opinião com amor. Esta é a diferença da maneira como Deus Pai olha para Seu povo, Israel, e a maneira pela qual nós cristãos olhamos para o Seu primogênito. Deus olha para Seu povo com amor paternal. (SCHLINK, 1996, p. 33).

Um breve relato de um judeu que sobreviveu ao holocausto mostra parte das crueldades cometidas em Buchenwald, onde muitos morreram de fome. Outros dois relatos de Lucie Adelsberger falam sobre as longas filas que se formavam e onde milhares de judeus aguardavam nos crematórios de Auschwitz para serem queimados vivos, além da condição das crianças e de suas mães que automaticamente estavam condenadas ou as câmaras de gás ou mesmo aos crematórios.

Todos nós temos de admitir que, se toda a comunidade cristã tivesse se levantado unida, e se após a queima das sinagogas, tivéssemos saído às ruas e demonstrado a nossa desaprovação, tocado os sinos das igrejas, e de alguma forma boicotado a ação dos S.S., os vassalos do diabo provavelmente não teriam se sentido à vontade para continuar com suas maquinacões malignas. Mas faltou-nos o ardor do amor – amor que nunca é passivo; amor que não pode tolerar ver os seus semelhantes sofrendo, particularmente quando estão sendo sujeitados a tão terrível tratamento e torturados até a morte. (SCHLINK, 1996, p. 52).

Madre Basilea faz um alerta ao povo alemão e cristão para o arrependimento e à prática de medidas de reparação para que não sofram com o julgamento e a ira de Deus que segundo as Escrituras virá contra os que colocarem as mãos sobre os seus escolhidos.

No início da segunda parte do livro, Madre Basilea escreve sobre a formação do Estado de Israel como um momento histórico, como um milagre e principalmente como a realização da visão Messiânica, sua justificativa está no texto do livro de Ezequiel 11: 16-17 que diz “Ainda que os lancei para longe entre as nações, e ainda que os espalhei pelas terras; ... Hei de ajuntá-los do meio do povo, e os recolherei das terras para onde foram lançadas, e lhes darei a terra de Israel.” (SCHLINK, 1996, p. 74). Para ela esse cumprimento das Escrituras se dará em dois momentos, o primeiro é a união física do povo de Israel e o segundo momento é a união espiritual com Deus, assim, as irmãs de Maria ansiavam para que pudessem contribuir para a concretização de segundo momento.

Nesse livro, diferentemente dos demais, Madre Basilea procura mostrar ao leitor a maneira como as Escrituras Sagradas, e assim Deus, veem o povo judeu, mostrando quão errados estão os cristãos que não cumprem o desejo de Deus para com Israel. Ela se utiliza de inúmeros textos bíblicos que justificam tais afirmações e referem-se não apenas aos mandamentos de Deus para o povo, mas também nas consequências da desobediência assim como as punições as quais irão sofrer. Acima disso, o livro carrega uma mensagem de arrependimento por um crime que foi cometido contra uma nação inteira, desse arrependimento ela espera não apenas expressões verbais, mas principalmente ações que demonstrem compaixão e humilhação. Não ao acaso um trecho da sua trajetória de vida é descrito no livro, exemplificando, de certa forma, uma ação concreta em função de Israel.

No site do Ministério Canaã no Brasil, há uma página direcionada apenas aos assuntos relacionados à Israel³³, intitulada “Israel e a nossa responsabilidade”, vários assuntos são abordados, desde uma breve cronologia histórica do povo judeu até fotografias das viagens e textos escritos por Irmãs de Maria discutindo o assunto.

Na figura a seguir, observamos um momento de descontração entre as Irmãs de Maria e um grupo de visitantes em Israel, muitos seguram bandeiras e alegremente confraternizam do ideal de amor pela nação. Periodicamente, a Irmandade organiza viagens para Israel, os passeios são guiados e voltados para um aprofundamento espiritual.

³³ Disponível em http://www.canaan.org.br/israel_inicio.htm Acessado em 21/06/2016.

FIGURA 12 - Bandeiras de Israel.



FONTE: Disponível em http://www.kanaan.org/wp-content/uploads/Hist_Isr-Rab.jpg Acessado em 07/01/2016.

A seguir, na figura 13, assim como já observado na figura 10, as Irmãs de Maria prestam homenagem diante do Memorial às vítimas judaicas do Holocausto no Campo de Concentração de Mauthausen, fora de Viena. As pedras foram colocadas pelos visitantes e representam os 6 milhões de exterminados.

FIGURA 13 - Memorial do holocausto.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wp-content/uploads/Hist-Isr-DSCN2475.jpg> Acessado em 07/01/2016.

2.7 LEGADO ESPIRITUAL

Em 2004, a Irmandade publicou o livro *“Die Leuchtkraft des Kreuzes”*, esse material contém escritos de Madre Basilea e abrange diversos temas que foram organizados a partir do seu Legado Espiritual, esse livro registra momentos de oração e busca espiritual durante algumas viagens e momentos importantes da vida de Madre Basilea. Em 2005, na primeira edição em português, o título foi traduzido como *“O poder resplandecente da Cruz”*. Para que mais pessoas pudessem ter acesso ao material na íntegra, o livro foi fragmentado em nove pequenos livretos e estão inseridos na lista bibliográfica à disposição para compra. Apresentarei nesse momento alguns trechos importantes escritos por Madre Basilea, e que dizem respeito às suas experiências espirituais. A introdução e algumas intervenções existentes nesses livretos foram escritas pelas irmãs de Maria, sem autoria específica.

Na parte um, intitulada *“Na Ilha de Patmos”* livreto com 26 páginas, Madre Basilea descreve sua viagem na companhia de outras duas irmãs à Patmos na Grécia entre os dias 1 a 24 de setembro de 1975, ela busca entendimento sobre assuntos escatológicos, segundo relatos Bíblicos foi nessa ilha que João, um dos doze discípulos de Cristo recebeu de Deus uma revelação quanto aos acontecimentos futuros contidos no livro de Apocalipse.

Sua mensagem principal nesse livreto diz respeito ao sofrimento que sentia em razão de muitos não seguirem a Jesus, escreve ainda que essa era a confirmação dos escritos de João para os *“últimos dias”*.

“Tão forte era a compulsão interior para escrever, que eu mal podia conter o fluxo dos meus pensamentos, enquanto escrevia tudo a mão. Eu não havia levado comido um comentário sobre o Apocalipse, nem lido nada em preparação. Tudo o que eu tinha comigo era a Bíblia. Agora fluíam de mim as palavras, dadas pelo Espírito Santo, à medida que o fardo que Ele colocava em meu coração se expressava na escrita.” (SCHLINK, 2005a, p. 17).

Desse momento de escrita, em poucos dias ela escreveu o livro *“Patmos – Quando os céus se abriram”*. O seu desejo por encontrar Jesus através da morte - já que estava com setenta anos - foi também transformado nessa viagem, quando escreve ter tido entendimento de que era preciso ainda realizar outros feitos antes de morrer.

“Jamais abandonem o caminho da fé” (18 páginas), é a parte dois do Legado espiritual, nesse livreto Madre Basilea dá orientações a suas filhas sobre como seguir vivendo em fé. As Madres atribuem à Deus a construção total da Terra de Canaã na Alemanha, assim como todo o sustento da Irmandade desde a sua fundação, *“Isso significa que nunca devemos desanimar quando chegamos aos nossos limites, mas sim avançar pelos terrenos das impossibilidades humanas e vencê-las através da fé.”* (SCHLINK, 2005b, p. 9). Trinta e uma

frases, uma para cada dia do mês apresentam mensagens relacionadas à fé, servem como um incentivo às irmãs, deixado por Madre Basilea, ao final do livreto há um cântico sobre o assunto, os cânticos, assim como peças teatrais também são uma característica de sua produção, disponíveis para a compra em livretos e em CDs.

Na década de 1960, ao viajar para o Monte Sinai, Madre Basilea queria transmitir a todos que os Mandamentos entregues a Moisés e que são relatados no Antigo Testamento ainda deveriam ser seguidos. Ela percebia a grande indiferença das pessoas em relação a Deus e fez diversas viagens, inclusive à América do Norte como já antes mencionado palestrando sobre essa experiência. Na terceira parte do Legado Espiritual, intitulado “Frutos de tempos infrutíferos” (19 páginas), ela escreve sobre essa mensagem, fala de a necessidade das pessoas retornarem a Deus para que possam deixar de lado o pecado. Neste livreto também contém dezessete lemas contra o desânimo, que foram enviados às irmãs enquanto ela viajava. Ao levar uma mensagem tão confrontante quanto essa, foi desprezada por muitos e sua viagem parecia não ter sentido, no que escreve,

a fé não é imaginação. A fé é realidade, é a única maneira de enfrentar a nossa incapacidade. A viagem para a América do Norte, em 1964 foi exemplo disso. Sob todos os aspectos foi um tempo improdutivo. Mas uma coisa eu fiz: depusitei toda a minha fé em Deus lutei renovadamente, até alcançar o ponto onde pude crer. (SCHLINK, 2005c, p. 14).

Algumas conquistas que vieram posteriormente a essa viagem e cartas de duas americanas finalizam o livreto. Ambos destacam os “frutos” dessa viagem, buscando legitimar o que antes ela escreva, sobre confiar a Deus os caminhos e seguir seus mandamentos.

Na quarta parte “O chamado dos tempos finais” (18 páginas), um paralelo entre as catástrofes naturais e o pecado humano é feito, Madre Basilea escreve que também é preciso que as pessoas entendam que muitas situações de calamidades ou doenças servem para trazer provação de fé às pessoas. Na página 10, há um cântico sobre situações de sofrimento. Como ensinamento, Basilea escreve que a adoração a Deus é a “arma contra o inimigo” (SCHLINK, 2005d, p. 13). Com uma mensagem também escatológica, a Madre orienta seus “filhos”³⁴ e “filhas” sobre como louvar ao Senhor, para isso utiliza trechos bíblicos. Ao final um cântico de adoração escrito por ela.

No livreto “Corações Sintonizados com Deus” (27 páginas), Madre Basilea escreve sobre uma nova viagem que fez a Providence nos Estados Unidos. Convidada por Católicos

³⁴ Em 1960 foi fundado o ramo masculino da Irmandade, intitulada Irmandade Franciscana de Canaã, o grupo vive na sede na Alemanha e assim como as irmãs seguem o exemplo de Maria, eles identificam em São Francisco de Assis um exemplo de discípulo cristão.

Carismáticos, em 1981 palestrou em inglês para cerca de doze mil pessoas que vinham até mesmo da América do Sul e a conheciam através de sua literatura.

Na mesa dos livros, as 8.000 cópias impressas da palestra³⁵ de Madre Basilea desapareceram em poucos minutos, e listas de pedidos para mais cópias tiveram de ser feitas. As pessoas faziam pedidos de 50, 150, ou até de 400 cópias, dependendo do tamanho dos seus grupos de oração, ou de suas igrejas. (SCHLINK, 2005e, p. 12).

A palestra também foi gravada em vídeo, pois devido a avançada idade da Madre, as irmãs já não sabiam quantas outras oportunidades ela teria de entregar sua mensagem em palestras. Esse foi um dos primeiros momentos em que a mensagem foi bem recebida “A América necessita escutar a mensagem que vocês nos trouxeram.” (SCHLINK, 2005e, p. 12).

A compreensão de que temos um Deus vulnerável, que sente dor, que anseia pelo nosso amor e é entristecido pelo nosso pecado, é o maior incentivo para odiarmos o pecado e rompermos com ele. (SCHLINK, 2005e, p. 19).

Esse foi um ensinamento que permeou grande parte da trajetória de Madre Basilea, ela não apenas escreve a esse respeito, mas tinha como meta viver esse princípio. Suas “filhas” reconheceram nela um exemplo de sujeição ao sofrimento de Cristo e escreveram nos comentários existentes ao longo dos livretos “Em seus escritos, dificilmente há um que não esteja permeado com a mensagem da dor de Deus na atualidade.” (SCHLINK, 2005e, p. 22). O livreto faz menção ao Padre Capuchinho, Raniero Cantalamessa, pregador oficial da Santa Sé, que em 6 de dezembro de 1983 escreveu reconhecendo ter se aprofundado nos ensinamentos sobre os sofrimentos de Cristo através dos escritos de Madre Basilea. Na página 21 e 27 há dois cânticos sobre o sofrimento de Jesus, escritos respectivamente em 13 de fevereiro de 1982 e em 7 de fevereiro de 1957.

Parte seis, “O caminho do Cordeiro” (14 páginas), aborda a prática do amor cristão e a atitude de negar-se a si mesmo em menção ao versículo de Lucas 9: 23 ou ainda citando o reformador Martinho Lutero (1516) “Se você quiser ser um lírio ou uma rosa para Cristo, então saiba que o seu caminho será coberto de espinhos” (SCHLINK, 2005f, p. 7). O livreto encerra também com um cântico de 21 de fevereiro de 1954, um dos preferidos de Madre Basilea, reforça a mensagem de sofrimento seguido de grande júbilo de vida eterna, mensagem central de seu ministério.

Graças pelo sofrimento
Que alegria então trará!
Carregaremos nossas cruzes,
Para herdarmos glória lá.
(SCHLINK, 2005f, p. 13).

³⁵ Intitulada “O sentido mais profundo da vida” a palestra inteira de Madre Basilea, em Providence, Rhode Island, em agosto de 1982 contém 24 páginas.

“O sangue clama a Deus” (20 páginas), o livreto de número sete, a comissão de Israel é abordada, assim como o desejo que existia no coração de Madre Basilea de estabelecer a reconciliação com esse povo assim como já destaquei anteriormente. Para ela esse é um dos aspectos mais importantes de seu ministério e da Irmandade de Maria. “Embora tivéssemos sido apenas crianças ou adolescentes no “Terceiro Reich”, choramos amargamente, vendo-nos subitamente no papel de agressor.” (SCHLINK, 2005g, p. 8).

Algumas relações entre as irmãs e judeus foram estabelecidas após as expressões de arrependimento pelo holocausto judeu. Representantes judeus visitaram a Terra de Canaã na Alemanha e as irmãs também foram convidadas a visitar seus templos e organizações, Festas como a dos Tabernáculos e no *Yom Kippur*, o grande dia da expiação eram momentos propícios para declararem ainda mais os pedidos de perdão. Para Madre Basilea somente o arrependimento geraria a chave para os corações do povo judeu, essa chave, ela escreve, é o amor. Dessa preocupação, surgiu o livro “Israel, o meu povo escolhido” publicado em 1958, ela também escreveu uma peça bíblica intitulada “Israel” que foi apresentada em várias igrejas alemãs e no dia 19 de abril de 2001, no dia memorial do Holocausto em Jerusalém houve um culto de confissão pública e arrependimento internacional, um mês após esse fato Madre Basilea faleceu.

No oitavo livro, “O coração misericordioso de Deus” (16 páginas) uma das últimas mensagens de Madre Basilea que já estava com 92 anos é expressa. Baseada no texto de Mateus 11: 28 “Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso.” A mensagem busca trazer esperança e confiança em Deus. Ela foi compartilhada entre as irmãs durante as comemorações do aniversário de cinquenta anos da Irmandade de Maria.

No último livreto, “Moriá - refinado como ouro” (18 páginas) a mensagem é sobre o teste que Deus fez com Abraão segundo o livro de Gênesis 22 no Antigo Testamento, onde pede seu filho Isaque em sacrifício, esse era um teste de fé, e segundo o que escreve Madre Basilea nós também estamos sendo constantemente testados por Deus.

Testes profundos de nossa fé, conforme escreve Madre Basilea em sua autobiografia são os pontos mais cruciais na vida do cristão. Tais testes podem não ser necessariamente uma perda dolorosa ou tempos de disciplina de Deus, mas antes, poderiam ser chamados de “experiência de Moriá”. (SCHLINK, 2005i, p. 4).

O livreto também apresenta uma oração realizada por ela em 1994 na sua última visita ao bosque no vilarejo de Wüstenrot na Suábia ao sul da Alemanha, local onde costumava orar. “Aqui é onde tudo começou. Foi aqui, que pela primeira vez orei: “Meu Pai, eu não Te entendo, mas mesmo assim confio em Ti” Isso é o que muitas pessoas precisam descobrir nos

dias atuais.” (SCHLINK, 2005i, p. 14). Essa era a verdadeira relação que um cristão deveria ter com seu Deus, para ela a confiança e a fé deveriam estar presentes nas mais adversas situações, nesse ensinamento ela pode dar exemplos de sua trajetória e encerrar o livreto com a mensagem “Deus aguarda por pessoas que Lhe obedecem pela fé e confiem em Seu amor na mais escura noite, contemplando somente as estrelas das Suas promessas.” (SCHLINK, 2005i, p. 18).

2.8 REALIDADES

Quando falamos sobre uma instituição, grupo, ou como é o caso, irmandade, não podemos deixar de mencionar o seu crescimento físico, afinal, isso também ajudou a construir os seus valores e suas características. A Irmandade de Maria, que hoje conta com sedes em diversos países teve o seu começo estrutural na Alemanha e esse foi registrado por Madre Basilea, uma de suas fundadoras.

O processo de edificação da Irmandade foi registrado no livro “Realidades: Os milagres de Deus na atualidade”, escrito/organizado por Madre Basilea em 1962. Com o título em alemão “*Realitäten – Gottes Wirken heute erlebt*” contém quarenta e um subtítulos, além de um prefácio e um epílogo. Possui 150 páginas e a versão que utilizei como fonte nessa dissertação foi editada em português no ano de 2007. O livro já possui mais de quarenta e cinco traduções.

A ideia de escrever esse livro veio depois de um pedido de Madre Basilea a suas “filhas”, ela queria que as irmãs escrevessem suas experiências de milagres e de respostas de Deus às suas orações. O pedido de uma leitora dos Estados Unidos que achava importante a Irmandade registrar os feitos e os acontecimentos surpreendentes pelos quais passou ao longo dos anos também contribuiu para a produção desse livro. O principal objetivo a ser alcançado nessa obra era de encorajar os leitores a acreditarem na realização de milagres também nos dias de hoje, afinal, segundo o que acreditava, toda a estrutura física da Irmandade veio por intermédio de Deus.

O livro pode parecer um pouco confuso e desconexo, afinal, são relatos de diversas irmãs sobre algo que para elas teve significado e importância, muitas vezes contados repetidamente, mas por perspectivas diferentes, não segue uma cronologia. Todos os relatos estão preocupados em levar a mensagem do milagre, do cuidado de Deus seja nas pequenas ou nas grandes coisas.

Como já mencionado no capítulo 1, o grupo de meninas que deu início à Irmandade reuniam-se inicialmente e logo passaram a viver juntas na Casa Steinberg, casa dos pais de Klara, entretanto, com o passar do tempo, a necessidade de conseguir um lugar próprio era evidente. No ano de 1949, o grupo já contava com 21 irmãs. Madre Basilea escreve que havia recebido um pedido de Deus para que construíssem uma capela para a Sua glorificação, apesar de ser uma ideia estranha, já que precisavam com urgência de um alojamento. A partir disso as irmãs passaram a orar sobre esse desejo até que receberam de doação do pai de uma das irmãs, um terreno na Via Federal 3, próximo à cidade com cerca de 7000m², possuía uma pequena casinha e um campo frutífero, após muitas tentativas para se conseguir um alvará, finalmente as irmãs tinham permissão para construir no local.

Na figura 14 observamos fotografia de parte da propriedade de Canaã ainda sem produção.

FIGURA 14 - Terra de Canaã.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

O próximo passo seria o plano de financiamento, eram necessários 250.000 marcos para a construção das instalações, como financiador a ser apresentado o Departamento aceitou quando as irmãs disseram ser o “Pai Celestial”, dessa forma, a Capela, a Casa matriz e a Oficina de Jesus foram construídas. A falta de tijolos para a construção foi um dos momentos em que as irmãs novamente precisaram crer em Deus. Era comum as irmãs buscarem pela cidade tijolos dos escombros da guerra, eles eram reaproveitados para as suas construções.

Diante da falta de tijolos pela cidade elas receberam a autorização para demolir alguns alojamentos militares que haviam sido queimados, os tijolos foram suficientes para concluir as construções e ainda finalizar o chão de todos os porões.

Nas figuras que seguem, vemos algumas das Irmãs de Maria trabalhando nas construções da sede na Alemanha, a independência e a ousadia dessas mulheres impressiona, mesmo não possuindo o conhecimento específico sobre construção, elas decidiram colocar as mãos na massa e concretizar os planos que elas tinham para a Irmandade. Na figura 18, é possível identificar a presença de alguns homens trabalhando na obra, mesmo assim, elas não se sentiram intimidadas, a expressão que as Irmãs têm nos seus rostos demonstra o empenho em realizar as atividades como se tais funções lhes fossem comuns.

FIGURA 15 - Irmã construindo uma parede.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

FIGURA 16 - Irmãs construindo a fundação.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

FIGURA 17 - Irmã quebrando tijolos.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

FIGURA 18 - Construção 1952.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wir-ueber-uns/historie/> Acessado em 07/01/2016.

As irmãs ergueram uma tenda de oração na construção e revezavam-se, umas trabalhavam na obra e outras reuniam-se em oração suplicando pelo que fosse necessário. Construções são locais perigosos e é comum que acidentes de trabalho aconteçam, muitos criticavam o fato das irmãs trabalharem nas construções sem nenhuma experiência. Não haviam seguros contra acidente e as irmãs desempenhavam todo tipo de trabalho. Certa ocasião uma das irmãs sofreu uma quebra e teve dupla fratura no quadril. Essa história é contada no livro como uma cura realizada por Deus através dos pedidos em oração, a irmã foi levada para casa após as Madres assinarem termos de responsabilidades já que a recuperação levaria meses, pois a paciente precisaria ser engessada. Em dois dias ela estava de volta em pé e a notícia correu por toda a cidade.

Segundo escrevem, as irmãs sabiam que não apenas a oração era necessária para que tudo corresse bem, em certa ocasião o carrinho que levava os materiais pesados começou a descarrilar, isso tornava-se um transtorno fazendo-as perder muito tempo, até que decidiram deixar tudo de lado e orar para saber o motivo desse empecilho. Precisaram perdoar-se umas às outras por críticas e tensões causadas durante o trabalho e após esse conserto o carinho não mais descarrilou. A expansão da Irmandade nos terrenos ao redor também foi bastante conturbada, notícias saíam de que uma estrada seria construía na região, e muitos fatos

aconteceram até que as irmãs pudessem conquistar toda a área necessária para as suas atividades, todas essas conquistas as irmãs atribuíam a Deus como um milagre.

O trabalho com as crianças, ensinando-as a Bíblia era uma prática contínua, entretanto, o espaço disponível era muito pequeno e o número de crianças era grande. Surgiu a ideia de desenvolver uma “escola ambulante”, assim, as irmãs poderiam visitar os bairros e o espaço não seria mais problema. Um ônibus Opel-Blitz 1937 azul-claro foi comprado por 1200 marcos e passou a atender as crianças e seus bairros. “Irmã, essa história agora vai entrar na Bíblia?” (SCHLINK, 2007, p. 71) foi a pergunta que uma das crianças fez, já que Irmã Benedita, a responsável pelas crianças, desenhou no quadro um ônibus antigo azul e incentivou as crianças a orarem por ele. Em pouco tempo depois lá estavam as irmãs ensinando no ônibus azul-claro, o “Mensageiro de Jesus”.

FIGURA 19 - O ônibus azul-claro.



FONTE: Contracapa do livro SCHLINK, Basilea. Realidades: o milagre de Deus na Atualidade. Edição brasileira revisada. Canaã no Brasil, 150 p. Curitiba, 2007.

Vários relatos são feitos a partir da visão de algumas irmãs, elas falam de doações em dinheiro em momentos cruciais onde não havia mais recurso para consegui-lo, relatam sobre a compra do órgão e das doações de materiais como alimentos para as crianças de quem cuidavam durante a primavera de 1951 até mesmo da lã necessária para a costura. Em tudo

davam graças a Deus, pois das grandes às pequenas coisas elas acreditavam no cuidado que Deus tinha com elas. Em certa ocasião, numa escola bíblica de férias para as crianças, iniciando no caminho da oração, uma delas pediu bombons, já que nesse período os doces eram escassos. Tardou até que o pedido fosse realizado através do entregador de marmelada que por um descuido atrasou a entrega do pedido e como compensação havia trazido um pacote de bombons, desse relato, as irmãs transmitem a mensagem de que Deus nas mais simples coisas ama a todos e atende as orações.

A capela “o Chamado de Jesus” que possui mil e duzentos lugares começou a ser construída assim que foi concluída e inaugurada em 1961, a Casa de retiros “Alegria de Jesus”, A “Casa Franciscana” abriga pessoas doentes, idosas e necessitadas, em 1959 ela começou a ser construída inteiramente paga por um doador a quem chamaram de “Rei Baltazar” em menção aos presentes que o menino Jesus recebeu na manjedoura. Posteriormente ela teve de ser transferida para a “Casa Margarete” e o local antes utilizado passou a ser a moradia dos irmãos franciscanos, grupo masculino que surgiu em 1967.

Não apenas os materiais de construção e valores em dinheiro eram doados, mas também o necessário para o dia a dia, desde temperos, sabão em pó, pastas para organizar os papéis, uma vaca e o alimento para ela, toda a mobília dos mais de sessenta cômodos, enfim, as necessidades iam sendo supridas gradativamente, do pequeno ao grande, tudo era recebido com gratidão e com a crença na provisão divina.

Entre os anos de 1960 a 1966, a Terra de Canaã foi estabelecida estruturalmente o “Jardim dos sofrimentos de Jesus”, a “Gruta de Belém”, o “Monte das Beatitudes”, o “Mar da Galileia”, o “Rio Jordão” e o “Poço de Jacó”. Canaã possui também a “casa da bondade de Deus”, uma segunda casa de hóspedes a “Beth Sion” que abriga os judeus, a casa “Consolo de Jesus” onde vivem as Irmãs da Coroa de Espinhos, Irmãs dos Espinhos e os Amigos de Canaã, há também a “Casa da Vitória de Jesus” onde ficam os voluntários que trabalham em Canaã e para os que vão passar o dia com as irmãs foi construída a “Casa Betabara”. (SCHLINK, 2007, p. 127).

Em apenas três anos, Canaã fora transformada de um “deserto” com montículos horrorosos de terra cobertos de grama queimada, em um lindo local com colinas suaves e terra bem regada, com um lago, uma fonte e vários monumentos de ações de graças ao Criador. [...] Todas as casas de Canaã já estavam completas e não tínhamos dívidas. (SCHLINK, 1995, p. 401).

No livro “Realidades”, Madre Basilea também transmite a mensagem da sua crença no poder da fé e da oração, sua intenção é de encorajar o leitor a confiar em Deus para a realização de milagres. Ele é um dos livros mais importantes da literatura de Madre Basilea

porque além de propor uma mensagem também traz uma trajetória de formação da Irmandade contada numa perspectiva de fé e de milagres, mesmo assim, é possível perceber princípios e valores transmitidos das Madres para as irmãs, bem como a maneira como viviam cotidianamente, suas dificuldades, seus propósitos de ministério, como por exemplo, a vida de pobreza, seus trabalhos e papéis perante a comunidade.

Na figura 20, vemos a capela principal da matriz na Alemanha, a primeira a ser construída, erguida pelas primeiras Irmãs de Maria, para a comunidade ela é um símbolo de fé, pois foi construída apenas com doações.

FIGURA 20 - Capela na Alemanha.



FONTE: Disponível em <http://www.kanaan.org/wp-content/uploads/G-MHK01-MH.jpg>. Acessado em 07/01/2016.

Nesse capítulo pudemos conhecer um pouco do trabalho de Madre Basilea, sobre aquilo que ela escrevia e de onde vinham suas inspirações. Conseguimos perceber também que a prática da escrita era aceita e entendida como uma missão dada a ela por Deus. Mesmo com formação em nível de Doutorado e tendo viajado muito, feito diversos cursos, não considerava essa experiência suficiente para a produção literária, para ela a única explicação seria a interferência divina, de forma alguma, Madre Basilea coloca-se como autora de suas obras, mas apresenta-se como uma ferramenta de transmissão da palavra de Deus.

Nesse sentido percebemos uma dualidade em sua postura, ao mesmo tempo que há nesse discurso um misticismo e, portanto, a total ligação entre aquilo que ela escreve com o que ela relata ser direcionamento de Deus. Percebemos também um pensamento individual e o seu desejo particular por ser uma mulher livre e realizadora de seus sonhos, autônoma e produtora de opiniões, servindo como exemplo para demais mulheres.

O que gostaria de destacar em sua trajetória é a independência com que sempre seguiu. Em um espaço religioso e protestante, as mulheres normalmente desempenham funções auxiliares e seguem em sujeição a alguma autoridade masculina, pai, marido, líder religioso, enfim. Madre Basilea, mesmo jovem, ainda como Klara sempre buscou alcançar seus objetivos. Os obstáculos que precisou enfrentar estavam relacionados aos conflitos de sua mente que fervilhavam diante das normas morais e éticas impostas para uma mulher na época em que viveu, e em contrapartida por seus desejos de liberdade e de alcançar a satisfação espiritual.

Percebemos que essa postura se expressa em seus escritos e que eles não se relacionam com a religião institucionalizada, mas sim com a prática da espiritualidade, tomando como base a leitura da Bíblia e a Oração como hábitos diários que todo cristão precisa seguir. Opôs-se a um vínculo institucional, quando decidiu – porque assim pensava ser o desejo de Deus – seguir de forma independente. As várias sedes da Irmandade Evangélica de Maria seguem esses princípios e tem como base para a sua organização e trabalho, mas acima de tudo, como exemplo de vida, os livros escritos por Madre Basilea. Isso tem incentivado outras irmãs a desenvolverem seus escritos íntimos baseados nos seus momentos de devoção o que nos mostra a influência de suas obras atualmente. Não apenas as irmãs de Maria, mas diversos leitores que acompanham a sua obra expressam através de cartas e respostas à Irmandade a influência dos livros em suas vidas e na sua relação com o sagrado.

3. CANAÃ NO BRASIL: TRABALHO E LEGADO

No Brasil, o Ministério Canaã está representado pela Irmandade Evangélica de Maria, dessa forma, nesse capítulo, a ideia central é apresentar a atuação do grupo no contexto brasileiro, com ênfase para o trabalho das Irmãs com a literatura de Madre Basilea, e assim, compreender os ecos de sua personalidade, portanto, seu legado, através da reprodução, produção e recepção dos livros de Canaã.

Ao mesmo tempo, o capítulo tem como objetivo organizar aspectos relevantes sobre a história do livro e da leitura no Ocidente, destacando algumas características dessa trajetória no Brasil. Da reprodução dos livros de Madre Basilea e sua divulgação, analisando desde a organização do trabalho na gráfica à construção dos livros como objeto até os meios de divulgação e seu alcance.

3.1 A LEITURA E O LIVRO

Na perspectiva da Nova História Cultural, a história do livro, da leitura e do leitor possibilitam aos historiadores compreenderem as mentalidades dos indivíduos de determinadas épocas, ou seja, permite identificar as formas de compreender e conceber o mundo a partir das práticas de leitura. A história da leitura permite o acesso ao cotidiano dos mais diversos indivíduos, sem que para isso utilizemos padrões tradicionais que excluem e silenciam.

(...) identificar, para cada época e para; cada meio, as modalidades partilhadas de ler – aos quais dão formas e sentidos aos gestos individuais –, e que coloca no centro de sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construído uma significação. (CHARTIER, 1990, p. 122).

A cultura impressa, no Ocidente, ganhou amplitude após a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg no século XV, outras técnicas mais rudimentares de impressão já existiam no Oriente desde aproximadamente o século XI. Até que os livros se tornassem comuns e indispensáveis para a transmissão do conhecimento entre as sociedades, a cultura oral fazia vez e era responsável pela manutenção da memória de um povo.

A leitura também passou por grandes modificações ao longo da história, na Europa, após a inserção da imprensa, a leitura e a oralidade não se polarizaram, mas caminharam juntas ao passo que, com o grande número de analfabetos, as histórias contadas e as apresentações de trovadores eram comuns nas grandes bibliotecas. A “leitura intensiva”,

como historiadores denominaram, era praticada por aqueles menos abastados, ou seja, pelo fato de não possuírem condições financeiras para adquirirem muitos livros, a leitura repetida de um mesmo título era comum. Como exemplo, a leitura da Bíblia realizada de forma sacramental por autoridades religiosas, assim como demais textos religiosos. É a leitura em que o leitor se debruça sobre um único texto, lê e relê várias vezes, apreendendo todo o seu significado. Já por outro lado, aqueles que dispunham de uma condição mais favorável e, portanto, possuíam mais títulos, faziam uma “leitura extensiva” que compreendia uma prática mais crítica. Portanto, uma leitura mais rápida, mais superficial daquele texto lido, mas que permite ao leitor fazer conexões com outros textos e produzir o seu próprio pensamento sobre o assunto tratado. (EL FAR, 1970, p. 27-28).

Entretanto, não apenas as revoluções quanto à impressão dos livros contribuíram para as mudanças nas práticas de leitura, já desde os séculos XII e XIII na Europa, as transformações da função do escrito foram importantes nesse processo. De um modelo monástico para um modelo escolástico, ou seja, de uma leitura memorialística para uma leitura intelectual, que poderia ser realizada silenciosamente e, portanto, livre e interior. Segundo Chartier, isso caracteriza uma transformação na leitura anterior às mudanças no livro propriamente dito. (CHARTIER, 2002a, p. 28).

A partir do século XVIII, alguns fatores contribuíram para que a leitura na Europa ganhasse um caráter mais individual, íntimo e solitário. O aprimoramento das técnicas de impressão como o linotipo e a prensa movida a vapor, a diminuição do analfabetismo e o barateamento dos recursos utilizados na produção do livro, como o papel. Nesse momento, a leitura demonstrava não apenas os interesses relacionados ao conhecimento, mas também era realizada como forma de lazer e diversão, nesse sentido, os romances se destacam. (EL FAR, 1970, p. 29).

Apesar das modificações, o romance, por exemplo, pode ser considerado como uma leitura intensiva, afinal,

o romance é constantemente relido, decorado, citado e recitado. Seu leitor é inválido por um texto que ele habita; ele se identifica com os personagens e decifra a sua própria vida através das ficções da intriga. Nessa leitura “intensiva” de um novo tipo, é a sensibilidade que é engajada. O leitor (geralmente uma leitora) não pode conter nem sua emoção nem suas lágrimas; perturbado, toma a ele mesmo a pena para dizer seus sentimentos e sobretudo para escrever ao escritor que, por meio de sua obra, tornou-se um verdadeiro orientador de consciência e existência. (CHARTIER, 2002a, p. 28).

Assim, mesmo tratando-se de uma leitura repetitiva e, portanto, considerada “intensiva”, a expressividade de sentimentos e sensações, e ainda, a escrita como uma reação,

demonstram que nessa prática não há uma estagnação do leitor, existe a interação do leitor com o escritor, um envolvimento de ambos os sujeitos através do escrito.

Segundo a antropóloga brasileira Alessandra El Far, no Brasil, os livros e a leitura começaram a fazer parte do cotidiano da grande população de forma lenta. Como colônia portuguesa, o Brasil só recebeu autorização para produzir livros depois de 1808, ano da chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro. Dessa forma, Portugal poderia melhor controlar as ideias que circulavam pela colônia evitando, assim, pensamentos progressistas que pudessem afetar a ordem estabelecida. O acesso aos livros não foi uma realidade para a grande população, já que os custos e a burocracia para trazê-los de Portugal dificultavam e muito o contato à cultura letrada. Entretanto, sabe-se que, muitos livros chegavam de forma clandestina de Portugal, e que influenciaram revoltas de caráter republicano ou anticolonial durante o século XVIII.

Algumas personalidades se destacaram no cenário brasileiro por suas vastas bibliotecas contendo os mais diversos títulos, como é o caso do advogado José Pereira e do cônego Luís Vieira da Silva. Para as mulheres a situação era ainda mais complicada, o viajante inglês John Luccock escreveu que,

as mulheres das classes altas e médias, especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com elas permitem, põe a nu a sua falta de educação e instrução. (EL FAR, 1970, p. 13-14).

Debaixo de duras regras morais, durante o século XVIII, muitas mulheres eram proibidas por seus pais e maridos de disporem de educação. No âmbito religioso a realidade era um pouco diferente, já que as moças poderiam aprender sobre Teologia, Filosofia, Hagiografia, entre outras áreas do conhecimento e dessa forma, a ponte que as ligava à leitura e à escrita se formou. É exemplo de religiosa que atuou na escrita de cartas e obras contendo ideias e experiências místicas, Madre Jacinta de São José fundadora da Ordem Carmelita no Brasil. “Jacinta que tinha um acervo pessoal de livros, dialogou com os valores religiosos de seu tempo e desafiou muitas vezes os limites impostos às mulheres pelos bispos e demais autoridades da Igreja.” (EL FAR, 1970, p. 14).

No século XIX, percebemos que a educação feminina começa a ganhar espaço, a independência do Brasil, contribuiu para a reformulação da imagem do país e da nação. Medidas educacionais eram consideradas necessárias para a modernização do país, as mulheres estavam incluídas, ainda que de forma marginal nessas mudanças.

Quando ocorre a interiorização da Metrópole, a Coroa Portuguesa investe no desenvolvimento de instituições e de projetos voltados à cultura, destaco aqui a fundação da

Impressão Régia em 13 de maio de 1808, como primeira tipografia do Brasil, sob censura da Mesa de Desembargo do Paço até a o ano da Independência do país. Em seguida, a Real Biblioteca, símbolo de poder e erudição para seus governantes, desembarcou no Rio de Janeiro e a partir de então o Novo Mundo começou a familiarizar-se com o livro, até que, entre as décadas de 1820 e 1830, livreiros de vários países aproveitaram o novo mercado para a cultura impressa. (EL FAR, 1970, p. 18).

Com destaque na história do livro e da leitura no Brasil, Pedro da Silva Quaresma, proprietário da Livraria do Povo no Rio de Janeiro, teve como maior objetivo alcançar um grande número de leitores, dessa forma, vendia os mais variados gêneros literários. Investiu também na edição de livros e com isso, optou por livros de baixo custo, ao contrário do que faziam os renomados livreiros Garnier e Laemmert, que visavam alcançar um público dito erudito apostando em livros bem encadernados e com muitas páginas de autores bem reconhecidos pela crítica.

Quaresma, com o objetivo de conseguir um lugar ainda pouco explorado no mercado editorial carioca, resolveu apostar na publicação de livros baratos e, ao mesmo tempo, de leitura fácil e atraente. Nesse viés, lançou à luz uma literatura bastante variada, autores ainda desconhecidos e narrativas que chegaram a alcançar tiragens surpreendentes no decorrer de sucessivas edições. (EL FAR, 1970, p. 25).

Essa atitude influenciou demais livreiros e a partir do final do século XIX a leitura passou a fazer parte do universo de pessoas das mais diversas camadas econômicas e sociais.

Segundo Kant, o livro pode ser classificado de duas formas distintas, primeiramente como *opus mechanicum*, ou seja, seu estado físico, enquanto um objeto que pertence àquele que o adquire, por outro lado, ele define o livro como um discurso, esse pertencente ao seu autor. (CHARTIER, 2010).

Entretanto, foi apenas durante o século XVIII, que as produções literárias passaram a ser consideradas móveis, e dessa forma, identificáveis independente de seu formato de publicação, o que se valida é a identidade essencial da obra, que é transcendente, que está diretamente ligada às ideias do autor e que o conectam ao texto escrito

Ainda idealizando a formação do livro, nos deparamos com o fato de que ao pensar sua forma física, o seu autor deixa de ser o único criador dessa obra, afinal como descreve Chartier:

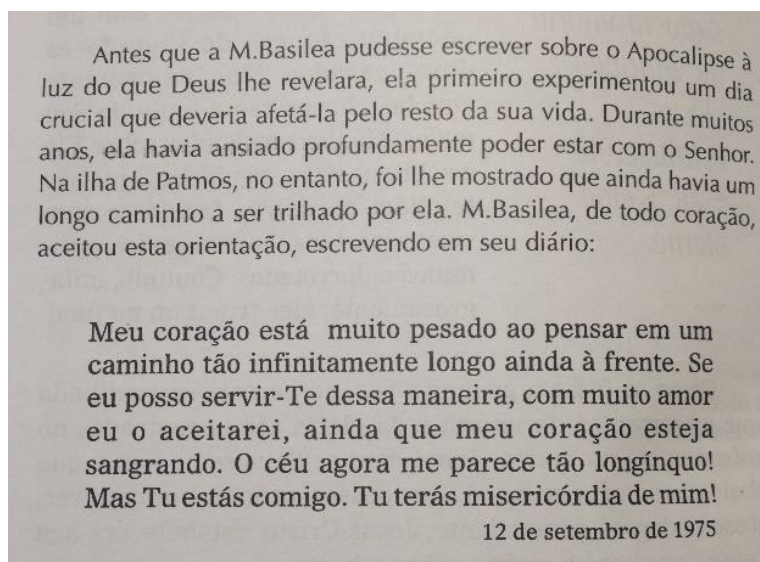
Os livros, manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas. Por exemplo, no caso dos livros impressos na idade do “antigo regime tipográfico”, entre os séculos XV e XVIII, a transcrição (cópia limpa) do manuscrito do autor por um escriba profissional, o exame dessa cópia pelos censores, as escolhas do livreiro editor em relação ao papel, ao formato ou à tiragem, a organização do trabalho de composição e impressão na oficina, a preparação da cópia, depois a composição do texto pelos operários tipógrafos, a leitura das provas pelo corretor e, finalmente, a impressão

dos exemplares que, na idade do prelo manual, não impede novas correções no decorrer da tiragem. O que aqui está em jogo não é somente a produção do livro, mas a do próprio texto, em suas formas materiais e gráficas. (CHARTIER, 2010, p. 21).

Percebe-se a complexidade desse processo de produção do livro, afinal, todas as etapas descritas acima, podem interferir não apenas na conclusão do livro em seu estado físico, mas retomando a separação que Kant faz, existe a possibilidade de seu discurso também ser afetado, portanto, a criação do livro é um trabalho que depende de vários criadores que deveram garantir sua integridade material e discursiva.

Percebemos essa realidade nas produções realizadas pela Irmandade Evangélica de Maria, afinal, não são apenas interferências em relação à formatação, diagramação, criação de capa, formato e tamanho do livro que estão sendo realizadas. Por exemplo, existem interferências diretas de escrita no decorrer do texto, interrupções da mensagem de Madre Basilea com textos escritos pelas demais Irmãs. São comentários, impressões, explicações que produzem um sentido específico e que irão condicionar a leitura por caminhos diferentes daqueles pensados inicialmente pela Madre, ou ainda, diferentes das interpretações feitas pelos leitores se estivessem apenas ali os escritos “originais”, vejamos o exemplo a seguir.

FIGURA 21 - Trecho de livro.



FONTE: Na Ilha de Patmos; Extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 1. Canaã no Brasil, 26 p. Curitiba, 2005a. (p. 16).

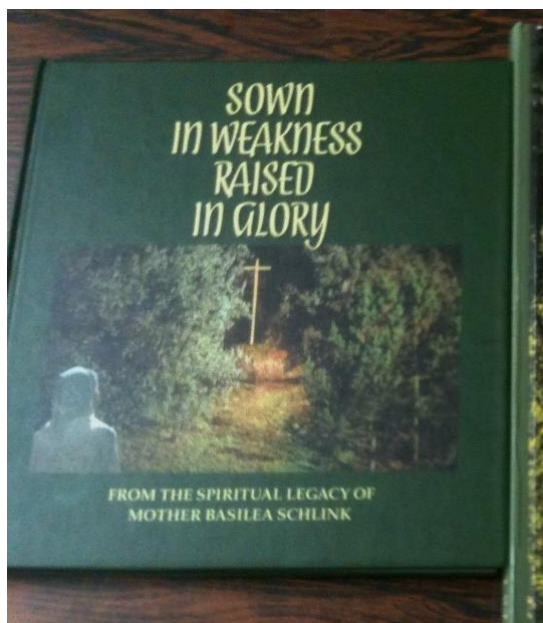
Esse trecho foi retirado da página 16 do livro “Na Ilha de Patmos”, parte 1, do seu livro “O Poder Resplandecente da Cruz” chamado de Legado Espiritual. O comentário feito anteriormente à citação do trecho do seu diário, dá explicações espirituais que justificam os

motivos pelos quais ela estaria escrevendo. Aqui percebemos também a ideia de que a escrita vem como uma inspiração, ou dom divino, o que também reforça a imagem de Madre Basilea como uma mística e, portanto, busca legitimar seu real contato com Deus.

Vale destacar que os demais comentários presentes em diversos outros livros não recebem uma autoria individual, o discurso ali escrito, representa as Irmãs de Maria responsáveis pela produção dos livros aqui no Brasil.

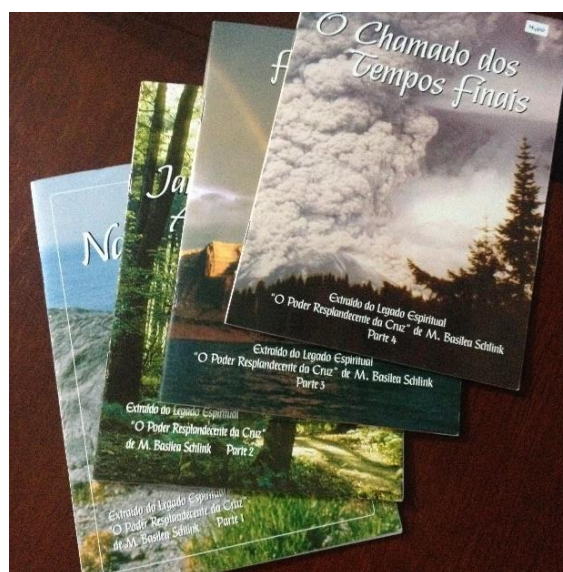
Outra característica que reforça o que escreve Chartier em relação a impressão de exemplares, está na alteração do formato estrutural do livro. Como um livro extenso exige uma produção gráfica de maior qualidade e, dessa forma, com maior valor agregado, as Irmãs do Bosque de Jesus optaram por fragmentar a obra em nove partes, representadas na imagem 3 pelos quatro primeiros livros. Assim, o discurso contido no livro tem maior circulação e é acessível a todas as pessoas pelo valor de quatro reais.

FIGURA 22 - Legado Espiritual.



FONTE: Acervo do Bosque de Jesus.

FIGURA 23 - Legado Espiritual em quatro partes.



FONTE: A autora.

Através desses exemplos, é possível compreender as relações existentes entre a escrita, a produção gráfica e a leitura dos livros, afinal, as três ações são produtoras de sentido e transmissoras de um discurso. Quando existe a interferência no formato do livro, nota-se uma preocupação, um objetivo das Irmãs, ou seja, alcançar um público maior, estabelecer um diálogo com novos leitores e direcionar os assuntos abordados por Madre Basilea à temas do cotidiano e da realidade brasileira. Há uma reorganização e uma ressignificação do livro material e de seu conteúdo discursivo.

Livros e panfletos de Canaã estão disponíveis em mais de 60 línguas; textos curtos, tendo as iniciais "MB", em mais de 80. Há aproximadamente, 300 transmissões radiofônicas, semanalmente, em 12 línguas. Uma variedade de programas de vídeo em 23 línguas tem sido transmitida em todos os cinco continentes, por centenas de estações.

Dos Balcãs, dilacerado pela guerra, até os campos mortíferos de Ruanda, essa literatura tem alcançado áreas consideradas inacessíveis. No auge da Guerra Fria, os livros da Madre Basilea eram secretamente copiados a mão e passados entre as pessoas na antiga União Soviética e seus satélites da Europa Oriental. Desde que a Cortina de Ferro se abriu, livros, folhetos e textos curtos aos milhões, têm encontrado seu caminho nesses países. Cartas vindas do mundo todo nos contam de detentos nas prisões, aceitando a Jesus; casamentos refeitos; viciados em drogas sendo libertados do vício, e jovens sendo libertados de práticas de bruxarias e de ocultismo...

Em Cuba, famílias inteiras reúnem-se com seus vizinhos em torno de um rádio para sintonizar nossos programas. Cristãos na China baseiam-se nas transmissões de rádio de Canaã para os seus ensinamentos. Na Austrália e nos EUA, os vídeos de Canaã são, frequentemente, um aspecto popular da televisão durante o Natal e a Páscoa. Através dos anos, foram abertas filiais em várias partes do mundo, algumas completas com a sua própria pequena terra de Canaã...³⁶

No Brasil, a Irmandade chegou em março de 1980 por intermédio do pastor John Sonders, da Igreja Anglicana. Ele vivia na cidade de Curitiba e conheceu os livros de Madre Basilea quando fez uma viagem como missionário para a Inglaterra, entrou em contato por carta com Madre Basilea e fez a proposta para que a Irmandade se instalasse na região. Ele se comprometeu em ajudar com os custos e na época a Irmandade encarou a oferta como uma direção divina e, com isso, permitiu que algumas Irmãs saíssem da comunidade na Alemanha e iniciassem um grupo menor na América Latina. Quatro Irmãs se voluntariaram e deram início à sede em Curitiba, sendo uma brasileira, uma alemã, uma canadense e uma americana que vive e é responsável pela sede ainda hoje.

A grande dificuldade inicial estava no idioma, já que as Irmãs falavam inglês e alemão. A primeira sede foi no centro de Curitiba, na Rua Brigadeiro Franco, em uma casa alugada por cerca de um ano e meio. Na busca por comprar um lugar, encontraram nos classificados do jornal de domingo uma chácara, ao visitá-la perceberam que se tratava de um lugar em completo abandono, mas que possuía algumas características que chamaram a sua atenção, como a boa estrutura da casa e o bosque, que para elas representou o Brasil e suas características naturais.

As irmãs relatam que houve muito trabalho para que toda a área fosse limpa e organizada. Os desafios estruturais por elas encontrados de certa forma as incentivaram a reconhecer no lugar encontrado a vontade de Deus para a fixação do grupo, já que na Alemanha, no início da Irmandade, não foi diferente, como bem descritos estão os detalhes no

³⁶ Retirado do website http://www.canaan.org.br/irmandade_ministerio.htm.

livro “Realidades”. Assim, nota-se, como em outros casos, a tentativa em se estabelecer semelhanças que legitimam um discurso construído pela Irmandade.

As imagens a seguir, apresentam os primeiros contatos do grupo com a nova sede. Nas duas primeiras imagens, onde as duas irmãs aparecem, percebe-se a tentativa em transmitir conceitos relacionados ao trabalho em equipe, à subserviência, à própria construção da vida em comunidade, a interação das Irmãs entre si e com a natureza.

FIGURA 25 - Início do Bosque 1.



FONTE: Acervo do Bosque de Jesus.

FIGURA 26 - Início do Bosque.



FONTE: Acervo do Bosque de Jesus.

FIGURA 27 - Início do Bosque 3.



FONTE: Acervo do Bosque de Jesus.

FIGURA 28 - Início do Bosque 4.



FONTE: Acervo do Bosque de Jesus.

FIGURA 29 - Início do Bosque 5.



FONTE: Acervo do Bosque de Jesus.

Denominado “Bosque de Jesus”, o lugar se assemelha muito com a matriz na Alemanha, com muitos elementos simbólicos o espaço chama atenção pela tranquilidade e pelo silêncio. O bosque é constituído por diversos elementos que fazem menção a passagens bíblicas e principalmente envolvem o visitante numa aura espiritual através de esculturas da paixão de Jesus Cristo, além de placas que trazem mensagens bíblicas de esperança e fé. Cada detalhe foi pensado e apresenta significados bem específicos para a construção do discurso da Irmandade de Maria, a seguir apresento imagens que exemplificam alguns desses elementos importantes para o grupo.

FIGURA 30 - Placa Heráldica 3.



FONTE: A Autora.

FIGURA 31 - Escultura Via Crucis.



FONTE: A Autora.

O princípio bíblico de que os sofrimentos vivenciados por Jesus Cristo foram necessários para que os pecados de toda a humanidade fossem perdoados é essencial na composição do jardim de oração. A sequência de esculturas da via crucis e as placas com mensagens que propõem uma reflexão sobre cada ato estão organizadas a fim de que o visitante participe, e de certa forma sinta cada um desses momentos. Madre Basilea transmite em seus livros e isso também fica evidente no bosque, que os sofrimentos e momentos de dificuldade são meios que ligam as pessoas ao sagrado, é dessa forma que o sacrifício e as dores de Jesus dão sentido para o discurso religioso.

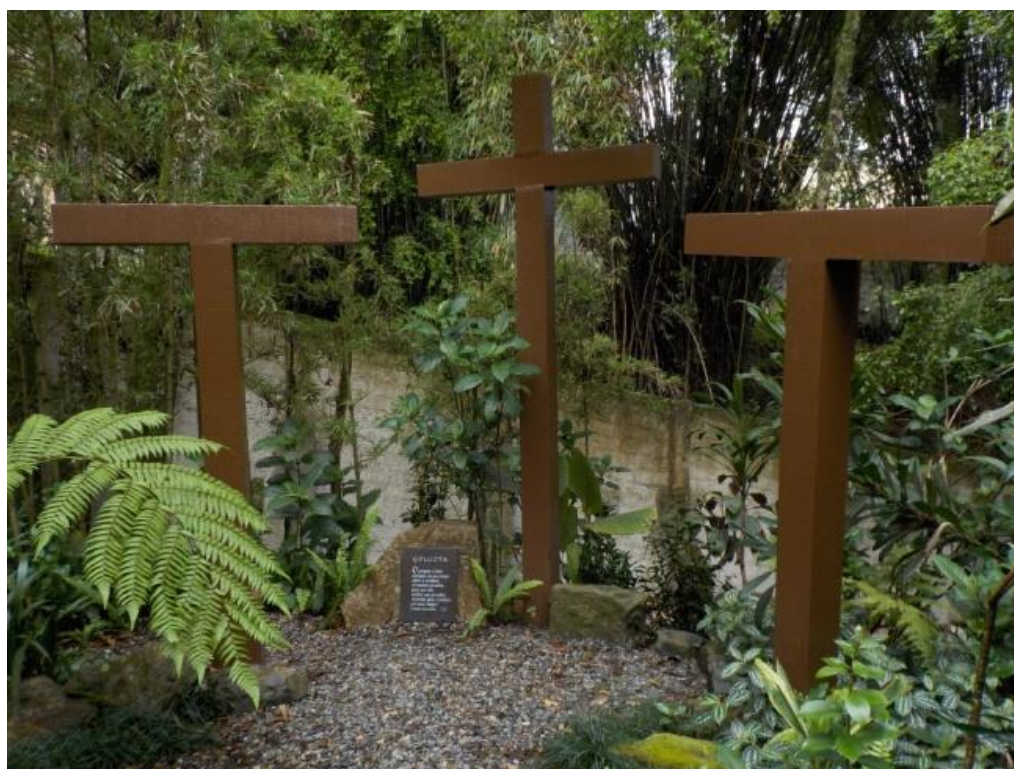
Outros elementos importantes representam as fases vividas por Jesus segundo a Bíblia e que correspondem a datas importantes do calendário cristão, são o nascimento de Jesus na manjedoura e, dessa forma, o princípio de que Deus enviou o filho unigênito com um propósito salvacionista para o mundo pecador, a crucificação e a ressurreição completando todo o processo descrito na narrativa bíblica.

FIGURA 32 - Manjedoura.



FONTE: A Autora.

FIGURA 33 - Gólgota.



FONTE: A Autora.

FIGURA 34 - Ressureição.



FONTE: A Autora.

Outros dois elementos presentes no jardim são a representação do Monte Sinai onde Moisés teria recebido os dez mandamentos de Deus, descritos no Antigo Testamento e dessa forma, há a valorização dos princípios como da obediência ensinados através dessas dez regras, e a fonte de Jacó que representa a presença de Jesus Cristo como a água que sacia a sede e gera vida, como descrito no evangelho, “Se alguém tem sede, venha a mim e beba; e do seu interior fluirão rios de água viva.”³⁷ Existem vários outros pontos específicos a serem mencionados como por exemplo, o cultivo de alguns alimentos como o trigo, a uva, o mel, a romã e oliveira que são elementos presentes na Terra de Canaã, promessa de Deus ao seu povo no Antigo Testamento “Guarda os mandamentos do Senhor, teu Deus, para andares nos teus caminhos e O temeres; porque o Senhor te faz entrar numa boa terra, terra de fontes, terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras, terra de oliveiras, azeite e mel.”³⁸

³⁷ João 7: 37-38.

³⁸ Deuteronômio 8: 6-8.

FIGURA 35 - Representação do Monte Sinai.



FONTE: A Autora.

FIGURA 36 - Representação da Fonte de Jacó.



FONTE: A Autora.

Entre as irmãs de Maria e o Bosque de Jesus existe uma relação de prática espiritual, a formação de todo o bosque existe para que a espiritualidade dos que o frequentam possa ser estimulada, isso nasce a partir de uma experiência de Madre Basilea, descrita em um de seus livros, ela fala de um lugar onde costumava ir e meditar desde muito jovem, um bosque no vilarejo de Wüstenrot na Suábia ao sul da Alemanha. Assim como na Alemanha, na Terra de Canaã, as demais sedes buscam seguir esse padrão, os elementos descritos aqui são reproduzidos também nos outros países, isso norteia o cotidiano das irmãs e as suas meditações e orações.

Uma das irmãs aqui do Brasil mencionou durante uma das visitas que ao chegar ao interior do bosque, onde o momento de maior sofrimento de Jesus é representado, ela consegue presenciar o divino, e mais, tem buscado expressar esses momentos através da escrita, assim como Basilea. Um livro escrito por ela, durante esses momentos está sendo produzido pelas Irmãs. Assim, percebemos diretamente a relação de influência do discurso da Madre e do espaço construído pelas irmãs.

O estabelecimento de um padrão tem também como objetivo, manter a identidade do grupo em evidência, para as Irmãs e para os visitantes. A reprodução de vários elementos garante que tanto na Alemanha, quanto no Brasil, a Irmandade e seus espaços podem proporcionar as mesmas sensações e experiências, haja vista que cada pedra, cada árvore foi propositalmente colocada em seu lugar. É como uma linguagem, que garante o sentimento de pertencimento e que permite uma maior conexão entre as Irmãs e a comunidade.

Além do Bosque e da casa onde vivem as irmãs, uma capela também foi construída e recebe pessoas de diferentes igrejas para retiros, celebrações, palestras e reuniões de oração. Projetada com vistas para o bosque, no seu interior percebemos uma decoração repleta de imagens e frases que trazem à memória Israel, segundo a tradição cristã, o povo escolhido de Deus. Livros de Madre Basilea estão dispostos em vários lugares e ao alcance de quem quiser adquiri-los. Num ambiente caseiro e aconchegante, o visitante poderá inclusive pernoitar se houver necessidade, a capelinha possui um quarto para hóspedes, além de pequenas salinhas de descanso e meditação.

FIGURA 37 - Capela: vista para o bosque.



FONTE: A Autora.

FIGURA 38 - Capela: interior.



FONTE: A Autora.

Os espaços do Bosque de Jesus conversam entre si e constroem um ambiente de contemplação e reflexão àqueles que seguem os preceitos bíblicos. A vista do bosque, através da imensa janela de vidro da capela, faz com que o visitante, ao acompanhar uma palestra ou estudo, contemple o jardim como se estivesse diante de um altar, adornado com símbolos e referências à Deus. Os elementos naturais e os produzidos pelas irmãs fazem vez e substituem conceito de templo, dessa forma, o princípio ensinado no Livro de Atos dos Apóstolos que reforça a necessidade da reunião de pessoas e a construção da ideia de igreja para além de um espaço físico é aplicada. Através do incentivo da Irmandade pela interação entre homem e natureza, a capela nada mais é do que um salão de reuniões, o espaço não é sacralizado, diferentemente do bosque.

Cada espaço do bosque foi pensado para que o visitante o experimentasse. A distribuição de vários bancos, permitem que tais espaços se transformem em locais de leitura, de sabedoria e de conhecimento. Como uma sala de leitura, o visitante encontra elementos que irão contribuir para a sua conexão com Deus. Um espaço ligado diretamente à natureza, o silêncio, os elementos visuais que envolvem e trazem significado e os textos de Madre Basilea, permitem que muitos sentidos sejam aguçados e dessa forma, garantam momentos e experiências espirituais tais como, viveu Madre Basilea.

3.3 OS LIVROS: PRODUZIR E DISTRIBUIR

Um livro perfeitamente acabado consiste numa boa doutrina, apresentada pelo impressor e pelo corretor na disposição que lhe é conveniente; é isso que considero como a alma do livro; e é uma bela impressão no prelo, limpa e bem cuidada, que me faz compará-lo a um corpo gracioso e elegante. (CHARTIER, 2010, p. 16).

Através desse breve relato que o impressor Alonso Victor de Paredes escreveu em Madri, em 1680, no primeiro tratado sobre a arte de imprimir, percebemos que um livro se constitui de muito sentido e é a expressão de ideais, sobretudo seu formato. A impressão e a formação desse material representam parte do processo de criação.

Nessa compreensão de que a criação do livro se constitui ao longo de todo um processo que se inicia na concepção de uma ideia, anterior à escrita e se estende até a distribuição do material e à interpretação dos leitores, apresento a seguir o desenvolvimento desse trabalho e a forma como a Irmandade Evangélica de Maria vem produzindo seus livros no Brasil.

FIGURA 39 - Panorâmica da gráfica.



FONTE: A Autora.

A modesta gráfica onde são reproduzidos os livros de Madre Basilea fica localizada numa espécie de porão da casa onde vivem as Irmãs de Maria no Bosque de Jesus. O trabalho vem sendo desenvolvido desde a década de 1980 em Curitiba e a demanda da gráfica atende todo o Brasil e alguns países do exterior, já que aqui também são produzidos materiais em outros idiomas. Desde o primeiro ano da chegada da Irmandade ao Brasil, uma das irmãs, a canadense, iniciou o trabalho de impressão de marca páginas em uma impressora de mesa. Com uma licença da prefeitura para o funcionamento da gráfica para uso próprio, as Irmãs, aos poucos, e ainda de forma muito simples, começaram a imprimir outros materiais.

O maquinário de que dispõem é antigo e limitado, alguns processos da produção inclusive precisam ser realizados por terceiros. Atualmente a singela gráfica conta com uma impressora e uma guilhotina.

FIGURA 40 - Guilhotina.



FONTE: A Autora.

FIGURA 41 - Impressora.



FONTE: A Autora.

Por tratar-se de um porão, num espaço pequeno, o estoque não pode ser muito grande, afinal, a umidade é um grande inimigo do papel. Conforme o número de pedidos, novas edições vão sendo impressas. Infelizmente não tive acesso ao número de tiragem da gráfica, afinal, a Irmandade depende financeiramente da venda dos livros, e acredito que esse possa ter isso um impedimento para que eu tivesse acesso - mesmo diante de várias tentativas - a maiores detalhes e informações.

Ao longo do ano, alguns livros são selecionados para serem reeditados, isso acontece dependendo do número de pedidos. Um dos livros reeditados no final de 2015 foi a autobiografia “Encontrei a Chave do coração de Deus”, importante obra de Madre Basilea que estava há um tempo esgotada. A nova edição ganhou nova arte em sua capa e também passou por uma revisão de tradução. O livro já está disponível na loja online por quarenta reais.

É comum a utilização de imagens de paisagens que valorizem aspectos da natureza, ou ainda, imagens, e símbolos religiosos. Na autobiografia, por exemplo, valorizou-se os efeitos dos raios de sol utilizando na impressão da capa, papel brilhante nas áreas dos raios solares e no restante da capa, papel fosco. Percebe-se o objetivo em fazer com que a capa também transmita uma mensagem ao leitor, ela precisa ser atrativa e relacionar-se ao tema do livro.

FIGURA 42 - Nova edição da autobiografia.



FONTE: Disponível em http://canaanobrasil.org.br/loja/index.php?route=product/product&product_id=128

Acessado em 01/07/2016.

A seguir, nas imagens mais detalhadas da gráfica, observa-se a organização, limpeza e preocupação com o material impresso. Por não disporem de um amplo espaço, e ainda, por se tratar de um porão, local úmido, não existe um grande volume de livros e folhetos, apenas o

suficiente para atender a demanda da loja online. No caso de pedidos específicos, a gráfica intensifica a produção de uma obra ou outra, sem que, para isso, possa correr riscos e prejuízos. Apesar do espaço pequeno e das tiragens reduzidas, as Irmãs dão enorme importância ao trabalho de editoração e de divulgação do material impresso.

FIGURA 43 - Estoque 1.



FONTE: A Autora.

FIGURA 44 - Estoque 2.



FONTE: A Autora.

FIGURA 45 - Estoque 3.



FONTE: A Autora.

FIGURA 46 - Estoque 4

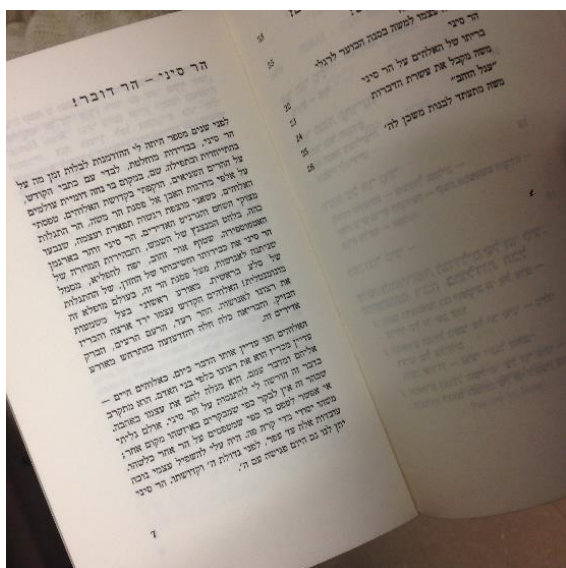


FONTE: A Autora.

Os materiais encontram-se organizados por títulos e de acordo com temáticas, todos eles já se encontram precificados com fácil acesso. Os livros de maior circulação e mais relevantes dentre toda a literatura, encontram-se em expositor que permite deixar os títulos em pé, como pode-se ver na figura 46.

Devido ao grande alcance da Irmandade a partir da fundação de sedes em várias partes do mundo, as Irmãs trabalham com a tradução dos livros em diversas línguas. A demanda não é grande, porém, há a preocupação em expandir a divulgação do material. Nas imagens a seguir, vemos alguns dos livros que receberam tradução para outras línguas.

FIGURA 47 - Tradução de livro em hebraico 1.



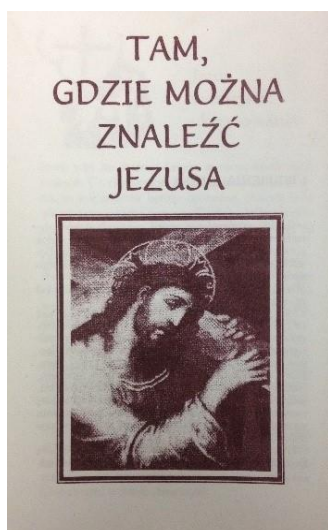
FONTE: A Autora.

FIGURA 48 - Tradução de livro em hebraico 2.



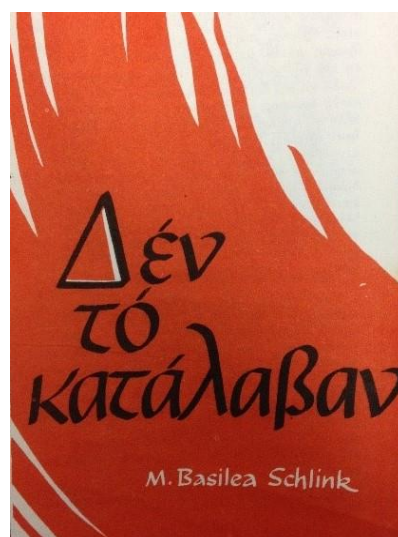
FONTE: A Autora.

FIGURA 49 - Tradução de livro em polonês.



FONTE: A Autora.

FIGURA 50 - Tradução de livro em grego.



FONTE: A Autora

FIGURA 51 - Livros em alemão: Joela Krüger.



FONTE: A Autora.

Novamente, percebe-se a questão da identidade do grupo presente nas capas dos livros. Os mesmos elementos que se repetem ou que aparecem com pequenas diferenças e em temáticas diversas, estão ali, porque estão representando algo, garantindo que o leitor se identifique com mais um livro. A cruz, a estrela, a natureza, a coroa de espinhos, as placas apontando o caminho produzem significado. A materialidade da cultura escrita é exemplificada através desses elementos.

Na imagem 29 identificamos livros de autoria da Irmã Joela Krüger, Irmã de Maria que vem escrevendo, assim como Madre Basilea, sobre diferentes temas relacionados ao cotidiano e aos anseios da vida cristã. Abordando temas atuais, já produziu cerca de 20 livretos, poucos foram traduzidos por questão de contextualização, afinal, cada país tem uma realidade e nem sempre é possível relacionar o que ela escreve com o contexto brasileiro. O trabalho de tradução dos escritos é realizado atualmente por uma amiga menonita da Irmandade que tem como língua materna o alemão.

Dois funcionários trabalham juntamente com as Irmãs do Bosque, durante três dias na semana fazem o trabalho de impressão do “miolo” do livro, ou seja, das páginas internas do livro, já que a impressão da capa e a encadernação são realizados por terceiros, fora da gráfica.

A distribuição de todo o material acontece basicamente de três formas, duas delas são através da venda e, portanto, contribuem financeiramente para a manutenção da sede da

Irmandade em Curitiba. É possível comprar pessoalmente no Bosque, dessa forma, normalmente alcança pessoas que já são cristãs e que já possuem o hábito da leitura teológica ou espiritual, complementando o estudo bíblico e as demais práticas devocionais. Existe também um site ³⁹ da Irmandade que apresenta brevemente a história do grupo, bem como suas ramificações, demais atividades e a loja online que disponibiliza para compra os mais variados materiais, desde livros até CDs e DVDs, cartazes, folhetos, entre outros, todos divididos por departamentos. Os valores dos livros variam de dois até quarenta reais conforme o número de páginas. Cada livro possui uma breve descrição e inclusive pode ser localizado na página conforme a avaliação feita pelos leitores, o sistema de busca ainda pode filtrar por preço e temática. Através da internet, os livros alcançam novos públicos e novas regiões, ampliando dessa forma sua distribuição.

FIGURA 52 - Loja online Canaã no Brasil.



FONTE: Disponível em <http://www.canaanobrasil.org.br/loja/index.php> Acessado em 03/02/2016.

A terceira forma de distribuição do material acontece gratuitamente e assim, seu caráter evangelizador é intensificado. As Irmãs organizam pequenos kits contendo folhetos, cartões e livretos e os enviam à presídios em todo o país, elas acreditam que a palavras de Madre Basilea podem levar conforto e conversão aos presos.

³⁹ <http://www.canaanobrasil.org.br>

Nesse momento, é possível relacionarmos a produção da Irmandade Evangélica de Maria às práticas de leitura, afinal, para Chartier,

a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77).

A leitura atualmente apresenta características que vem desde o século XVIII, quando a liberdade na leitura permite que se leia em diferentes lugares, ao passo que anteriormente, o gabinete, um espaço retirado e privado era o espaço ideal para a prática da leitura. (CHARTIER, 1999, p. 78-79). A agitação e a rapidez com que as coisas precisam ser processadas em nossa sociedade fez com que muitas pessoas não mais tenham como prioridade separar um tempo para a leitura. A produção de livros, acompanhando essa realidade, vem apresentando novos suportes para materializar os escritos. A tecnologia, presente em nosso cotidiano, investe em meios digitais de leitura. Os smartphones, quase como extensão dos próprios corpos humanos, trabalham com aplicativos de leitura que possibilitam ao leitor acessar o escrito em qualquer hora ou lugar.

Vários são os relatos dos leitores que dizem terem sido transformados pela leitura das obras de Madre Basilea, como é o caso do trecho de uma carta apresentado no site da Irmandade.

Meu nome é Mauro, tenho 35 anos, quando vim à cadeia eu tinha 25 anos. Já faz 10 anos que eu me encontro privado da minha liberdade física, pois espiritualmente eu sou livre para glorificar o nome de Jesus... Foi através de um grupo de evangelização que eu aceitei Jesus e hoje pela misericórdia de Deus, sou coordenador de distribuição de folhetos aqui no cárcere. Com os folhetos da Irmandade Evangélica de Maria, muitas almas foram ganhas.⁴⁰

Segundo as Irmãs de Maria, muitas cartas chegam a elas relatando as transformações vividas pelos leitores após a leitura dos livros e folhetos, entretanto, não tive acesso a esse material por conter informações muito pessoais. Não é difícil imaginar o teor desses escritos, já que eles expressam reações e sentimentos vivenciados por pessoas em momentos de dificuldade e solidão, duas situações constantemente familiares para Madre Basilea, de acordo

⁴⁰ Retirado de www.canaan.org.br/canaa_editora.htm. Acessado em 12/11/2015.

com o que escreve sobre si na autobiografia. Sua experiência e sua trajetória, mais uma vez apresentam uma direção e um exemplo a ser seguido, dessa forma, mesmo os mais marginalizados socialmente percebem-se capazes de alcançar a esfera do sagrado e nesse sentido, Madre Basilea atua como uma guia espiritual, que ensina através de seus escritos.

Mesmo em situações diferentes, muitos cristãos, de diversas denominações, têm buscado conhecer o material literário da Madre a fim de aprofundar sua experiência e conhecimentos espirituais e de fé. É o caso de dois jovens que muito prontamente aceitaram escrever sobre suas impressões sobre os escritos da Madre e assim contribuir com essa pesquisa.

Um dos jovens, atua como pastor em uma igreja cristã de Ponta Grossa e suas principais atividades estão relacionadas às áreas de ensino bíblico, voltado principalmente para aqueles que estão iniciando no grupo e ainda desconhecem sobre a Bíblia e consequentemente sobre os ensinamentos deixados por Jesus Cristo os quais são norteadores da visão da igreja.

Meu contato com a o material da Madre Basilea veio através de alguns amigos que frequentam o Bosque de Jesus na Canaã do Brasil, e depois de descobrir um pouco sobre sua história; oposição clara ao nazismo, firmes convicções e ainda ser uma das fundadoras de uma Irmandade protestante faz com que você no mínimo tenha interesse por ela e sua obra. Analisando o pouco o que li da sua obra literária, o que mais me chama atenção é sua simplicidade para transmitir seu conhecimento, deixando o leitor se sentir como se estivesse em uma conversa. Sua percepção teológica com ênfase na oração, intercessão e meditação traz a um retorno, a uma busca pela espiritualidade individual. Mas o que mais me chamou a atenção é como ela escreve sobre consolar a Deus e tentar sentir a sua dor e buscar uma vida com arrependimento diário e genuíno, não me lembro de ter lido outro autor com essa ênfase e profundidade falando sobre esse assunto. (OLIVEIRA, 2016).⁴¹

O outro jovem, participante da mesma comunidade e igualmente interessado por literatura teológica, com atuação principalmente nas áreas da igreja relacionadas a oração e a evangelização escreveu que,

Ao ler os livros de Madre Basilea Schlink, pude perceber várias questões muito, mas muito relevantes para nossa atualidade. Dias em que muitos valores têm se perdido, até mesmo em meio aqueles que dizem professar o nome de Cristo, mas não somente isso, mesmo com uma linguagem puramente simples, seus livros conseguem ser extremamente desafiadores, não só para cristãos, mas também para aqueles que não fazem parte do evangelho. E creio que isso se dá pelo incrível fato de que sua literatura consegue ser atual, e é isso que dá aos livros os quais eu li esse caráter desafiador, pois nos chama a sermos visionários, e assim como ela, olharmos para o futuro de nosso país, e do mundo afora, entendendo que o mundo o qual viveremos amanhã, está sendo pensado hoje. Isso me faz lembrar, de um livro muito aclamado pela crítica literária, o livro 1984, do escritor George Orwell, e é exatamente esse sentimento ao qual me vem à mente, um sentimento de contemporaneidade, ainda que seus escritos sejam de uma data muito anterior a qual hoje vivemos, é como se conseguíssemos ver todo o cenário do mundo que ela viveu, tão nítido diante de nossos olhos, ou melhor, pelos olhos da própria

⁴¹ Depoimento concedido a autora em 16/03/2016.

escritora. Mas o que mais chama a minha atenção em seus escritos é o seu amor pelo Homem de dores, o seu amor pulsante por Cristo. Ao ler os seus livros é como se o seu amor por Jesus pulasse diante de nós, nos constrangendo a amá-lo mais, e como a própria escritora nos fala: Consolá-lo em sua dor! Eu sou Cristão, tenho 25 anos, há cinco anos conheci a Cristo, e realmente os livros de Madre Basilea me ajudaram, e me ajudam muito em minha caminhada, pois difícil coisa é nos dias atuais encontrar pessoas genuinamente compromissadas com o amor a Cristo, e à Oração. (DUTRA, 2016).⁴²

Através desses breves relatos, acredito ser possível identificarmos em Madre Basilea o conceito de autoria defendido por Roger Chartier, de que o autor não é apenas aquele que escreve, mas sim, aquele que constrói uma ideia e essa se perpetua para além do texto através de duas definições, a de ordem filosófica, quando o indivíduo pode gozar dos direitos de propriedade dos frutos de seu trabalho e de ordem estética, ou seja, da função de originalidade e singularidade de sua produção e, portanto, o direito sobre a obra, o que conhecemos por copyright. (CHARTIER, 2012b).

Para melhor expressar essa noção do que é um autor, nada melhor do que as palavras daquele que a definiu, “a “função autor” não é mais simplesmente pensada como uma função discursiva, um modo entre outros de atribuição dos discursos, mas como o que dá existência a uma ausência essencial.” (CHARTIER, 2012b, p. 35). Assim, o autor ganha um caráter não apenas de detentor de um discurso, mas para além disso, torna-se ontológico, talvez seja essa essência que torna possível e tão coesa a relação entre a produção de sentidos nos escritos de Madre Basilea e a leitura que esses indivíduos relatam.

Nos escritos da Madre eles percebem profundidade e contemporaneidade, mas o se pode destacar, é quando dizem terem sido transformados por seus livros, não é apenas do escrito que eles falam, mas sim do ser que escreve, assim sendo, é possível compreender a importância da função de autoria, da visibilidade daquele que escreve e a partir de onde escreve, Madre Basilea, construiu um discurso e acima disso, construiu uma imagem de mulher, um exemplo a ser seguido, ela não expressa isso objetivamente em seus livros, o que ela faz é apenas escrever sobre si e sua relação pessoal com Deus, porém, o leitor recebe sua escrita de forma contemplativa, almejando vivenciar experiências como as dela.

Atualmente, a construção de Madre Basilea como autora, é feita também pelo trabalho e dedicação das Irmãs de Maria. A Irmandade tem intensa contribuição nesse processo, porque permite que sua trajetória continue sendo divulgada, servindo como exemplo aos seus leitores. Portanto, as experiências individuais de cada Irmã, os espaços que elas constroem e que são abertos para a comunidade, a produção na gráfica e a constante preocupação em

⁴² Depoimento concedido a autora em 16/03/2016.

reeditar, elaborar novas capas com novos formatos e com novas traduções e também distribuí-los em diversos lugares, são práticas que garantem a continuidade daquilo que Madre Basilea projetou e concretizou em sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro, e acima de tudo a escrita são produções que nos permitem existir para além de nossas vidas. De certa forma, o que se perpetua não somos nós, mas aquilo que constituímos enquanto nós mesmos ao longo de nossa trajetória. Com Madre Basilea não poderia ser diferente, seu legado apresenta aos que conhecem a sua literatura ou a Irmandade a qual fundou, uma imagem que foi processualmente moldada e que, além disso, ajuda na constituição de muitas outras ainda hoje.

Da jovem esfuziante e intelectual à madre pacífica e mentora espiritual, identificamos seus principais conflitos e pudemos conhecer seus principais feitos no âmbito religioso. Sempre justificando seus desejos e atitudes à um chamado espiritual, Madre Basilea parece ter conseguido realizar-se pessoalmente, não apenas como religiosa, mas como mulher. Sua personalidade vivaz e pouco tradicional necessitava de algo além daquilo que o cotidiano de uma jovem mulher a guardava no começo do século XX. Seu anseio pelo conhecimento e por independência a afastaram de uma vida metódica de casamento e maternidade.

Ao escrever uma de suas produções literárias mais importantes, intitulada “Meu legado espiritual”, sua intenção era a de traçar um caminho ou apresentar aos seus leitores sua vida espiritual, como um exemplo a ser seguido. Através de suas viagens e sempre relacionando momentos e dificuldades por ela enfrentados, sua escrita estimula o leitor a buscar o sagrado como a solução e saída para os seus problemas. Entretanto, o legado por ela deixado não é apenas no âmbito espiritual, sua preocupação com questões sociais e sua atitude autônoma como mulher caracterizam de forma efetiva a construção da imagem de Madre Basilea.

Com o coração no céu e os pés na Terra, seu projeto de vida relacionava suas experiências e expectativas espirituais aos acontecimentos que contextualizaram seus anos de vida. Seu poder de influência supera as linhas escritas e alcança as ações do cotidiano, dela e das irmãs de Maria. Aqui elucidamos a Madre Basilea de carne e osso, e não apenas seu espectro, ou seu discurso. Para além das mensagens de espiritualidade, ela nos apresenta uma personalidade marcante que, como mulher, buscou superar expectativas de sua época e utilizou dos recursos disponíveis para construir e colocar em prática seus objetivos pessoais, profissionais e espirituais.

Em diferentes momentos de sua vida, registrados em seus livros, Madre Basilea justifica suas escolhas ao que considera um chamado divino, uma vocação e as vezes, inclusive como uma sentença, entretanto, ao analisarmos sua personalidade desde a infância,

percebemos que Klara sempre foi muito convicta de suas necessidades pessoais, as vezes confusa sobre as escolhas que deveria fazer, talvez pela imaturidade da juventude, mas sempre certa do que queria. Assim sendo, mesmo ela acreditando que os caminhos que trilhou foram os mais difíceis e sacrificiais, eles a permitiram explorar possibilidades intensas de muita independência e autonomia.

A relação das mulheres com a religião é paradoxal, ao passo que as religiões representam, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres. Exerce “poder sobre as mulheres”, por ter na diferença entre os sexos um de seus fundamentos, como é comum entre as grandes religiões monoteístas. No entanto, a religião torna-se “poder das mulheres”, quando estas conseguem transformar a posição de submissão que a religião lhes reserva, na base de um “contra-poder” e de uma “sociabilidade”. Dessa maneira, a religião ainda que reforce a submissão das mulheres apresenta-se como um abrigo às suas misérias. (PERROT, 2007, p.83).

Dessa forma, percebe-se que Madre Basilea conseguiu estabelecer em sua trajetória esse princípio de contra-poder mencionado por Perrot, suas “misérias” foram abrigadas pelo contexto religioso e foi nele que ela realizou-se enquanto mulher, enquanto autora, enquanto intelectual. Os conflitos que muito a afligiram foram tranquilizados quando ela conseguiu alcançar o equilíbrio para os dois pontos que ela acreditava convergirem.

Intelectualidade e espiritualidade se mesclaram através da escrita, escrita essa, que legitima quem é Madre Basilea e permite que outras mulheres também compreendam esse contra-poder que o espaço religioso pode oferecer. Enquanto trajetória, foi possível compreender que a formação de Klara como Madre Basilea aconteceu através do discurso de si, construído através de sua autobiografia. Ao apresentar uma ideia tradicional de cronologia e linearidade, suas memórias produziram como escreve Bourdieu, uma ilusão biográfica, ou seja, eu sou quem eu narro ser.

Madre Basilea, como mulher, conseguiu efetivar em sua vida, princípios que se mostraram importantes para ela desde a adolescência: a liberdade, o intelecto e o protagonismo, sem deixar de lado práticas religiosas que, da mesma forma, permitiram-na encontrar-se com o Sagrado, a partir de experiências singulares, individuais e como ela mesma caracteriza, interdenominacionais. Dessa forma, sua opinião e a forma como ela compreendia o cristianismo, bem como, suas práticas espirituais, estavam permeadas pelos princípios de autonomia, discurso esse que continua sendo transmitido e ressignificado através de seus livros, dos elementos simbólicos presentes nos espaços da Irmandade e na vida das Irmãs de Maria.

FONTES

FONTES PRIMÁRIAS:

SCHLINK, M. Basilea. **Encontrei a chave do Coração de Deus; minha história pessoal**. 3ª Edição em português. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1995a.

_____. **A noiva de Jesus Cristo**. Ramos Almeida Editoração eletrônica, 61p. Curitiba, 1990.

_____. **Maria; o caminho da mãe do Senhor**. 2ª Edição brasileira. Irmandade Evangélica de Maria, 124 p. Curitiba, 1995b.

_____. **O segredo da oração: em todas as situações da vida**. 39 p. Curitiba, 2006.

_____. **Realidades; Os milagres de Deus na atualidade**. Edição brasileira revisada. Canaã no Brasil, 150 p. Curitiba, 2007.

_____. **Na Ilha de Patmos**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 1. Canaã no Brasil, 26 p. Curitiba, 2005a.

_____. **Jamais abandonem o caminho da fé**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 2. Canaã no Brasil, 18 p. Curitiba, 2005b.

_____. **Frutos de tempos infrutíferos**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 3. Canaã no Brasil, 19 p. Curitiba, 2005c.

_____. **O Chamado dos Tempos Finais**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 4. Canaã no Brasil, 18 p. Curitiba, 2005d.

_____. **Corações sintonizados com Deus**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 5. Canaã no Brasil, 27 p. Curitiba, 2005e.

_____. **O Caminho do Cordeiro**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 6. Canaã no Brasil, 15 p. Curitiba, 2005f.

_____. **O Sangue clama a Deus**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 7. Canaã no Brasil, 20 p. Curitiba, 2005g.

_____. **O Coração misericordioso de Deus**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 8. Canaã no Brasil, 12 p. Curitiba, 2005h.

_____. **Moriá – Refinado como o ouro**; extraído do legado espiritual “O poder resplandecente da Cruz” Parte 9. Canaã no Brasil, 18 p. Curitiba, 2005i.

_____. **Israel o Meu povo escolhido**. Irmandade Evangélica de Maria, 143 p. Curitiba, 1996.

FONTES SECUNDÁRIAS:

LIVROS:

SCHLINK, Basilea. **Alcançados pelo Amor Divino**. Palestra de M. Basilea na capela da Casa Matriz. 24 p. Curitiba, 2008.

FOLHETOS:

Canaã no Brasil. Irmandade Evangélica de Maria. Amor a Jesus, Reconciliação, Evangelização, Arrependimento e Vivendo pela fé.

Cartões de Canaã. Semeando o amor de Deus nos corações.

Catálogo - **Livros que levam para um lugar seguro.**

Em memória da Madre Basilea (Dra. Klara Schlink 1904-2001). Um relatório sobre o culto em memória, 28 de julho de 2001.

Lista - Literatura de Madre Basilea Schlink. Dezembro de 2012.

Quem são estas irmãs?

VÍDEOS:

LEVITCH, Joel A. **Arrependimento; mudando o futuro ao confrontar o passado.** Jason Films, 29 minutos, 2008.

Canaã. Irmandade Evangélica de Maria. **1 - Assim é o nosso Deus.** Parte I e II. 60 minutos.

Canaã. Irmandade Evangélica de Maria. **2 - Toda a Terra Louve ao Senhor.** 30 minutos.

ENTREVISTAS:

DUTRA, Igor Hulan. Depoimento concedido a Carina Mirelli da Silva em Ponta Grossa, 16/03/2016.

OLIVEIRA, Joseph Dal Bosco de. Depoimento concedido a Carina Mirelli da Silva em Ponta Grossa, 16/03/2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e holocausto**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n.º. 7, dezembro de 2011.

BÍBLIA DE ESTUDO, MacArthur, Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena Kühner. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRAKEMEIER, Gottfried. Ecumenismo: repensando o significado e a abrangência de um termo. **Perspectiva Teológica**. p. 195 – 216, 2001.

BUENO, Wilma de Lara. **Enamoradas do sagrado: monjas do mosteiro do encontro (1964-1999)**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

BURKE, Peter. A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**; tradução Reginaldo de Moraes – São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. – (Prismas).

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Mari Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Autoria e história cultural da ciência**. Priscila Faulhaber, José Sérgio Leite Lopes (orgs.). – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012a.

_____. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**. 24 (69), 2010.

_____. O que é um autor? Revisão de uma genealogia. Tradução: Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012b.

DREHER, Martin. Vida Religiosa Consagrada no Protestantismo Brasileiro. **Anuário Evangélico**. 1986, p. 51-57. Disponível em <http://www.luteranos.com.br/conteudo/vida-religiosa-consagrada-no-protestantismo-brasileiro>. Acessado em 22/05/2016.

EL FAR, Alessandra. O livro e a leitura no Brasil/Alessandra El Far. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FILHO, Glauco Barreira Magalhães. Protestantismo, estado de direito e totalitarismo. **R. Fac. Dir.**, Fortaleza, v. 34, nº. 1, p. 157-173, jan./jun. 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. 1ª ed.; 1ª. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GOUVÊA, Ricardo, Quadros. A condição da mulher no fundamentalismo: reflexões transdisciplinares sobre a relação entre o fundamentalismo religioso e as questões de gênero. **Revista Mandrágora**. n. 14, 2008.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. “Como escrever a história da França?”. **Anos 90**, Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n. 7, julho 1997.

KOTRE, John, SANTHIAGO, Ricardo e MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. (Org.). A verdade e a utilidade das histórias. In: **Depois da utopia: A história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz, 2013.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Feud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MIRANDA, Anadir dos Reis. **Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O Julgamento de Nuremberg e o de Eichmann em Jerusalém: o cinema como fonte, prova documental e estratégia pedagógica**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf. Acessado em 15 de outubro de 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2ª ed.; 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS Maria Izilda S. de. **Gênero em debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea**. São Paulo: Edusc, 1997.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **MÉTIS: história & cultura** – v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulher e Literatura: história de percurso. In CAVALCANTI, Ildney et alli (org.). **Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades**. Maceió: Edufal, 2006.

SCHOLEM, Gershom. **A cabala e o simbolismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SHOWALTER, Elaine (Ed.). *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Bronte to Lessing*. Revised and expanded edition. Londres: Virago Press, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul.-dez. 1990.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana M. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In: **Revista Brasileira de História**, nº. 54, v. 27. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a15v2754.pdf>. Acessado em 03/07/2015.

SOUZA, Daniele Shorne de. **A Cidade das Damas e seu tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do século XV**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

SOUZA, Sandra Duarte de. (Org.) **Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas**. 2007. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp. 167p.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. A escrita de autoria feminina no Paraná: Greta Benitez e a alquimia das letras. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 32, p. 77-101, jul./dez. 2008.

WIECHMANN, Natalia Helena. A crítica literária feminista e a autoria feminina. **Vocabulo, Revista de Letras e Assuntos Midiáticos**. Ribeirão Preto, SP. Vol. 4, 2013. Disponível em <http://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/natalia.pdf> Acessado em 03/07/2015.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidades**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

ANEXO A – LISTA DA LITERATURA DE MADRE BASILEA

Literatura de M. Basilea Schlink - Setembro 2013

Irmandade Evangélica de Maria, "Canaã no Brasil", Cx. Postal 440, 80011-970 Curitiba, PR
 Telefone: (41) 3254-6730 • canaan@caanaan.org.br • info@caanaan.org.br • www.canaan.org.br

Livros e Livretos

Quant.	Cód.	Livro	Preço	Total
—	AC	Alcançados pelo Amor Divino	4,00	=
—	VH5	Alegria após Tristeza	3,00	=
—	315	Alegria do meu Coração, A	2,00	=
—	321	Ao Lado do nosso Salvador	3,50	=
—	260	Aqueles que O Amam	13,00	=
—	401	Arma da Oração, A	3,50	=
—	300	Atrás Da Cortina da Morte	15,00	=
—	258	Bênçãos da Enfermidade, As	8,00	=
—	255	Caminho Mais Certo P/Felicidade, O	10,00	=
—	202	Chamados para Abençoar	6,00	=
—	314	Cinco Cartas de Consolo	2,50	=
—	211	Colaboradores de Deus	6,00	=
—	BR	Colocando-se na Brecha	3,00	=
—	CP	Conversando com o Pai (Orações)	6,00	=
—	423	Cristãos e a Ioga, Os	3,00	=
—	276	Deus Ainda Fala <i>devocional</i>	10,00	=
—	318	Deus Lamenta e a Nossa Resposta	3,00	=
—	307	Diante do Trono da Graça (M.M. Madauss)	7,00	=
—	336	Eis-me Aqui, Senhor!	6,00	=
—	320	É Alá o Deus da Bíblia?	6,00	=
—	402	Escudo da Fé, O (M. Martyria Madauss)	3,50	=
—	203	Espelho de Consciência	4,00	=
—	437	Esperança e Prot.p/Catast.Mundial	8,50	=
—	443	Êxito Espiritual	3,00	=
—	273	Fonte de Consolo Eterno	7,00	=
—	404	Graça do Amor, A	3,50	=
—	275	Guiados pelo Espírito	15,00	=
—	VH10	Há uma Esperança	3,00	=
—	328	Haverá um Futuro para o nosso Mundo?	2,00	=
—	250	Israel - O Meu Povo Escolhido	7,00	=
—	303	Lugares Santos Hoje, Os	3,00	=
—	259	Maria - O Caminho da Mãe do Senhor	8,00	=
—	290	Mundo Invisível d. Anjos e d. Demônios, O	16,00	=
—	444	Música Rock	2,50	=
—	327	Noiva de Jesus Cristo, A	4,50	=
—	441	Nova Era	3,00	=
—	282	Nunca Mais Serás o Mesmo	18,00	=
—	262	Palavras para os Servos de Deus	3,50	=
—	279	Para Ele Todo o Meu Ser	7,00	=
—	310	Patmos - Quando os Céus se Abriam	13,00	=
—	206	Poder da Oração, O	6,00	=
—	302	Quero Estar ao Teu Lado Esgotado	16,00	=
—	266	Realidades	16,00	=
—	VH3	Refúgio Seguro, Um	3,00	=
—	439	Rompendo a Teia da Embromação	5,50	=
—	285	Se Alguém Não Conseguir Amar	4,50	=
—	281	Segredo da Oração, O	8,50	=
—	329	Seguro nos Braços de Deus	8,00	=
—	VH8	Suas Misericórdias não têm fim, As	3,00	=
—	PR	Sentido mais profundo da Vida, O	3,00	=
—	208	Tu Me Amas?	6,00	=
—	322	Tesouro Escondido no Sofrimento, O	15,00	=
—	438	Vésperas da Perseguição, Às	4,50	=

Livretos extraídos do Legado Espiritual de M. Basilea

—	338-C9	A Coleção Completa - 9 livretos	29,00	=
Comprar separadamente				
—	338-1	Na Ilha de Patmos	4,00	=
—	338-2	Jamais Abandonem o Caminho da Fé	4,00	=
—	338-3	Frutos de Tempos Infrutíferos	4,00	=
—	338-4	O Chamado dos Tempos Finais	4,00	=
—	338-5	Corações Sintonizados com Deus	4,00	=
—	338-6	O Caminho do Cordeiro	4,00	=
—	338-7	O Sangue Clama a Deus	4,00	=
—	338-8	O Coração Misericordioso de Deus	4,00	=
—	338-9	Moriá - Refinado como o Ouro	4,00	=

Livretos de Cânticos - (4 disponíveis em CD)

Quant.	Cód.	Livro	Preço	Total
—	AL	Jesus, Eterna Alegria	3,00	=
—	VI	Cânticos e Orações da Vitória	3,00	=
—	CB	Cânticos de Batalha Espiritual	3,00	=
—	PA	Meu Pai de Amor	3,00	=
cada CD com livreto de músicas				
—	CD-CB	Cânticos de Batalha Espiritual com livreto	10,00	=
—	CD-PA	Meu Pai de Amor com com livreto	10,00	=
—	CD-AL1	Jesus, Minha Alegria	15,00	=
—	CD-AL2	Suaves Melodias do Céu	15,00	=
—	CD-AL3	Estes dois CDs juntos	25,00	=

Cartões Postais

cada 0,50

—	PK1	Minha felicidade consiste na certeza de que	=
—	PK3	Confia em Deus como uma criança que	=
—	PK4	A Oração pode mudar qualquer situação	=
—	PK11	Deus é a sua proteção e a sua fortaleza	=
—	PK12	Não deixe passar nenhum dia sem aproveitá-lo	=
—	PK13	Deus Pai é maior do que tudo - Quando você	=
—	PK14	Olha para Jesus cujo amor é maior do que tudo	=
—	PK15	JESUS - Teu nome é a fonte de todas	=
—	PK16	Alguém está com você e não o deixará só	=
—	PK17	Deus, nosso Pai, que é Amor, jamais permitirá	=
—	PK18	Alguém cuida e zela por você com amor	=
—	PK19	Derrame o seu coração diante de Deus Pai	=
—	PK20	Leve todos os seus problemas e dificuldades	=
—	PK21	Busque a presença de Deus	=
—	PK22	Jesus ama você de maneira toda pessoal.	=
—	PK23	Para Deus não faz diferença se lhe falta muito	=
—	PK24	Tudo pode ser mudado pela Oração	=
—	PK25	Nada poderá faltar àquele que busca auxílio	=
—	PK26	Existe uma coisa que Deus pelo fato de ser o amor	=
—	PK27	Meu Pai, ...confio em Teu amor.	=

Cartões da série "Seguro nos Braços de Deus"

cada 0,80

—	KK1	Ninguém que põe a sua confiança no Senhor	=
—	KK2	Em meio à sua aflição diga a Deus	=
—	KK3	Temos no céu um Pai que é Todo-poderoso	=
—	KK4	A Jesus foi dado todo o poder no céu e na terra	=
—	KK6	O Poder de Deus é tão grande que Ele sempre	=
—	KK8	Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do	=

Cartões em Liquidação (sem Envelopes)

cada 0,20

—	KA2	Meu Pai, eu não Te entendo, mas mesmo	=
—	KA3	Entrega o teu Caminho ao Senhor, confia nEle	=
—	KA4	Tu que Ouves a Oração. Orar significa	=

Cartazes (Tamanho A4)

—	RP1	Meu Pai, eu não Te entendo, mas	0,80	=
—	RP2	Olhe, eu posso renovar tudo	0,80	=
—	RP3	Diga Sim à vontade do Senhor	0,80	=
—	RP4	Tudo pode ser mudado pela Oração	0,80	=
—	RP5	Deixe que somente os mandamentos...	0,80	=
—	RP6	Guarda, Senhor Jesus (Oração).....	0,80	=
—	RP7	Guarda, Senhor Jesus (formato cartão postal) ...	0,80	=

Caixas para folhetos

—	CM	Caixa de madeira com aprox. 1000 folhetos	50,00	=
---	----	---	-------	---

Bandeiras de Páscoa

—	BA	Cartela com 9 Banderinhas em 2 cores, plastificada com versículos bíblicos	1,00	=
---	----	--	------	---

Folhetos Evangelísticos

		*Unid.	Centena	preço/cent.	Total
T72	Libertação Real	—	—	4,50	=
DI	Tudo começou numa Discoteca	—	—	8,50	=
OK	A Morte e o Desconhecido	—	—	8,50	=
T54	Há um Motivo para Viver	—	—	5,75	=
GU	Uma Nova Época	—	—	9,50	=
T42	Jesus Vive	—	—	4,50	=
T77	A Resposta Nunca Tarda	—	—	4,50	=
T73	Quem ganhará o Prêmio?	—	—	4,50	=
CA	Quando Sobrevém a Catástrofe	—	—	4,50	=

FOLHETOS - OUTROS TIPOS

T45	Onde podemos encontrar JESUS? ...	—	—	4,50	=
T25	O Poder da Oração	—	—	4,50	=
T64	Três Palavras que Transformam Tudo	—	—	4,50	=
VR	Viver Reconciliado	—	—	4,50	=
T61	Uma Vocação Divina	—	—	4,50	=
T66	Doença - Fardo ou Bênção?	—	—	5,75	=
T71	Medo - Como vencê-lo?	—	—	4,50	=
T67	Solidão - Como vencê-la?	—	—	4,50	=

DURANTE A SEMANA

T31	Fortalecido durante a semana	—	—	4,50	=
T32	Confiando durante a semana	—	—	4,50	=
T33	Confortado durante a semana	—	—	4,50	=
T34	Orando durante a semana	—	—	4,50	=
T35	Crendo durante a semana	—	—	4,50	=
T40	Agradecendo durante a semana	—	—	4,50	=

(*para quantidades inferiores a 100 folhetos, pode ser enviada uma contribuição espontânea.)

— **Conjunto Grande Evangelismo**
(Aprox. 1000 folhetos diferentes e marcadores de página) 35,00 =

Marca-Páginas - dizeres em formato 7 x 14,7 cm

Quant.	Cód.		Preço	Total
—	S4	"ALGUÉM CUIDA DE VOCÊ" - papel cor de rosa uma coleção de 30 diferentes dizeres	0,80	=
—	S4-5	um jogo de 5 séries (=150 unidades)	3,00	=
—	S6	PALAVRAS DE ENCORAJAMENTO - papel bege uma coleção de 30 diferentes dizeres	0,80	=
—	S6-5	um jogo de 5 séries (=150 unidades)	3,00	=
—	S5	"VAI A JESUS" (EVANGELÍSTICO) - papel azul uma coleção de 30 diferentes dizeres	0,80	=
—	S5-5	um jogo de 5 séries (=150 unidades)	3,00	=
—	S7	"CONFIEM EM DEUS" (CONSOLIO) - papel amarelo uma coleção de 18 diferentes dizeres	0,70	=
—	S7-5	um jogo de 5 séries (=90 unidades)	2,50	=
—	NZP	SENHAS PARA TEMPOS DIFÍCEIS - papel verde uma coleção de 18 diferentes dizeres	0,70	=
—	NZP-5	um jogo de 5 séries (=90 unidades)	2,50	=
—	M1	1000 Unidades das séries S4, S5, S6, S7, NZP ...	20,00	=
—	RW	"NUNCA PERCA A ESPERANÇA" 30 unidades (6 diferentes mensagens)	1,00	=
—	KW	Cartões com figuras de Jesus e uma mensagem curta, no verso tem uma oração "CARTÕES EVANGELÍSTICOS PARA CRIANÇAS" - com desenhos 30 unidades (6 diferentes mensagens) esgotado ...	1,00	=
—	FM	FOTO - MARCA-PÁGINAS - mensagens de fé Uma coleção de 12 dizeres com paisagens	3,00	=
—	NJW	"O NOME DE JESUS" - tamanho 12cm x 5,7cm uma coleção de 16 diferentes dizeres com paisagens	3,00	=

Literatura de Natal**ESTRELAS**

—	ES-4	4 Estrelas Duplas - impressa em vermelho/ouro 12 cm, frente: Isaías 9,6, no verso: João 3,16.	2,00	=
—	ES-9	Uma coleção de 9 estrelas impressas em 2 cores com diferentes versículos bíblicos.	1,00	=

CARTÕES DE NATAL (com envelope)

—	WK6	Porque um Menino nos nasceu	0,70	=
—	WK7	Os que confiam em Ti se alegrarão	0,70	=
—	WK8	No Menino deitado na manjedoura	0,70	=
—	WK9	O Verbo se fez carne e habitou entre	0,70	=
—	WK11	Ele é a nossa Paz	0,70	=
—	WK12	JESUS nasceu em meio à Noite	0,70	=
—	WK13	Ele será chamado pelo nome de Emanuel	0,70	=
—	WK14	Dispõe-te, respandee (Isaías 60,1)	1,00	=
—	WK15	Nisto se manifestou o amor de Deus (1 João 4,9)	1,00	=
—	WK16	JESUS - Quem Me segue, terá a Luz da Vida	1,00	=
—	WK17	Não temais! Hoje vos nasceu na cidade de Davi	1,00	=
—	WK18	Nós Te adoramos, ó Filho de Deus	1,00	=
—	WK19	A Vida estava nEle e a Vida era a Luz	1,00	=
—	WK20	Gloria a Deus nas alturas, a Paz	1,00	=

FOLHETOS DE NATAL

	*Unid.	Centena	preço/cent.	Total
NV	Natal - Você não está só	—	—	5,00 =
NA	Natal - Alguém se importa com você	—	—	5,00 =
NE	Natal - Esperança para o mundo!	—	—	5,00 =
SV	O Sentido Verdadeiro do Natal	—	—	5,00 =
PP	Príncipe da Paz	—	—	5,00 =
NH1	1. NATAL HOJE - uma mensagem de reconciliação	—	—	4,50 =
NH2	2. NATAL HOJE - uma mensagem de amor	—	—	4,50 =
NH3	3. NATAL HOJE - uma mensagem de consolo	—	—	4,50 =
NH4	4. NATAL HOJE - uma mensagem de evangelização	—	—	4,50 =

CARTÕES EVANGELÍSTICOS PARA NATAL

—	AV	JESUS VEM - uma coleção de 16 mensagens - Pequenos dizeres apropriados para qualquer reunião, encontro ou celebração de dezembro	0,70	=
—	CN	CARTÕES NATALINOS - um coleção de 20 cartões	2,00	=
—		São quatro cartões, impressos em vermelho, preto e dourado, com 4 diferentes presépios e uma mensagem evangelística no verso.		

Segundo o nosso caminho da fé, não enviamos cobrança pela literatura. A sua contribuição será usada para nos ajudar com os custos do material e despesas do correio. Poderão ser usados: **Cheque nominal cruzado, Vale Postal ou Depósito:**

BANCO BRADESCO, Agência 426-0, Conta corrente 62787-9 Irmandade Evangelica de Maria, CNPJ- 76.778.950/0001803

IMPORTANTE: Precisamos sempre de um xerox do comprovante.

Nome: _____

CPF: _____ (necessário para a NOTA FISCAL)

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Est.: _____

Data _____ Tel.: _____ E-mail: _____

- ☐ Gostaria de receber o catálogo completo de livros
☐ Gostaria de receber o catálogo completo de filmes - DVD
☐ Gostaria de receber o catálogo completo de cartões

Para fazer pedidos, veja também a nossa loja online:

www.canaan.org.br